

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

ALESSANDRO ALBERTO ATANES PEREIRA

**HISTÓRIA E LITERATURA NO PORTO DE SANTOS:
O ROMANCE DE IDENTIDADE PORTUÁRIA
“NAVIOS ILUMINADOS”**

**São Paulo
2008**

ALESSANDRO ALBERTO ATANES PEREIRA

**HISTÓRIA E LITERATURA NO PORTO DE SANTOS:
O ROMANCE DE IDENTIDADE PORTUÁRIA
“NAVIOS ILUMINADOS”**

Dissertação apresentada ao Departamento
de História da Universidade de São Paulo
para a obtenção do título de
mestre em História Social

**Área de concentração: História da literatura
Orientadora: Prof^ª Dr^ª. Inez Garbuio Peralta**

**São Paulo
2008**

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Alessandro Alberto Atanes Pereira
História da Literatura

Dissertação apresentada à Faculdade de
Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo para a obtenção
do título de Mestre.
Área de concentração: História Social

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

DEDICATÓRIA

A vó Maria, *in memoriam*

A minha mãe, Márcia, e a vó
Enedina, que me criaram

A minha irmã, Melissa, aos
familiares e amigos, com quem sempre
aprendi; e

A Márcia Rodrigues da Costa,
minha companheira e principal
incentivadora. Sem ela, essa pesquisa nunca
teria começado.

AGRADECIMENTO

Agradeço a confiança depositada em mim por minha orientadora, professora Inez, que me conheceu no dia da entrevista. Ali ela percebeu que algo poderia ser feito a partir de meu panorâmico interesse pela literatura do porto de Santos.

Portanto, não se dê maior valor ao nome da cidade. Como todas as cidades grandes, era feita de irregularidade, mudança, avanço, passo desigual, choque de coisas e acontecimentos, e, no meio disso tudo, pontos de silêncio, sem fundo; era feita de caminhos e descaminhos, de um grande pulsar rítmico e do eterno desencontro e dissonância de todos os ritmos, como uma bolha fervente pousada num recipiente feito da substância duradoura das casas, leis, ordens e tradições históricas.

Robert Musil. *O homem sem qualidades*.

RESUMO

ATANES PEREIRA, Alessandro Alberto. **História e literatura no porto de Santos: o romance de identidade portuária *Navios Iluminados***. 2008. f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

Este estudo contribui para a história da cidade e do porto de Santos (SP) por meio do uso da literatura como documento histórico. Para isso, levantou as condições em que o romance *Navios Iluminados* (1937) foi escrito, destacou a obra entre outras ficções que têm o porto de Santos como tema e, por fim, interpretou os conteúdos históricos do romance de Ranulpho Prata, comparando-os a outras fontes documentais. A conclusão sugere um novo papel da obra na história literária brasileira.

Palavras-chave: *Navios Iluminados*. Ranulpho Prata. Literatura. Documento histórico. Santos. Identidade portuária.

ABSTRACT

ATANES PEREIRA, Alessandro Alberto. **History and literature at the port of Santos: *Shinning Ships* [*Navios Iluminados*], a portuary identity's novel.** 2008. f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

This study contributes to the history of the city and the port of Santos (SP, Brazil) by using literature as a historical document. To do so, it researched the conditions in which the novel *Shinning ships* (*Navios Iluminados*, 1937) was written, highlighted the book among other fictions that have the port of Santos as a theme, and finally interpreted the historical contents of the novel by Ranulpho Prata, comparing them to other documentary sources. The conclusion suggests a new role of this work of art in Brazilian literary history.

Keywords: Navios Iluminados. Ranulpho Prata. Literature. Historical Document. Santos. Portuary Identity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	010
1 A HISTÓRIA DO ROMANCE: A REALIZAÇÃO DE NAVIOS ILUMINADOS, EDIÇÕES E RECEPÇÃO CRÍTICA	
1.1 Uma carta de Ranulpho Prata para Lima Barreto	017
1.2 A experiência clínica do autor em Santos	027
1.3 A produção de Prata frente à produção literária nacional nas décadas de 20 e 30 do século XX	033
1.4 A Nova Dúvida	048
1.5 Recepção crítica	050
1.6 História das edições	055
2 A LITERATURA DE IDENTIDADE PORTUÁRIA	
2.1 <i>Navios Iluminados</i> , um documento literário	068
2.2 O ciclo do romance de Santos e a literatura de identidade portuária	072
2.3 Terras do norte, terras do sul: representação nacional de um país de deslocamentos populacionais	082
2.4 O porto multinacional	090
2.6 As histórias que os portos contam	092
3 NARRATIVA E TERRITÓRIO DA ESTIVA	
3.1 A cidade, o bairro, o romance	099
3.2 As ruas do Macuco e o cais – o espaço do porto e sua descrição literária	112
3.3 Submoradias e tuberculose	127
CONCLUSÃO	135
REFERÊNCIAS	141

INTRODUÇÃO

Essa dissertação traça uma história da realização do romance *Navios Iluminados*, do escritor e médico Ranulpho Prata, publicado em 1937, ao mesmo tempo em que explora o livro como um documento literário que reflete – ainda que pelas lentes da narrativa de ficção – o contexto social em que foi produzido.

Navios Iluminados conta a história de José Severino de Jesus, um jovem migrante de 23 anos, nascido em Patrocínio do Coité, no sertão da Bahia, que chega em Santos em outubro de 1926 para trabalhar na Companhia Docas de Santos. Ali, consegue emprego como ferrugeiro, posteriormente foguista de draga e, mais tarde, conquista a sonhada vaga como estivador – o motivo de sua mudança para o Sul. Na turma 65 da estiva, ele espera receber os pagamentos do trabalho extraordinário para mandar dinheiro para a família que ficou na seca do sertão.

Em Santos, ele se casa com Florinda, filha do português dono do chalé em que dividia o aluguel de um quarto com o amigo Felício, também de Patrocínio. O dinheiro da família é contado, o casal têm gêmeos, mas Severino está satisfeito com a vida em torno da cais. Mas essa situação chega ao fim quando surgem os primeiros sintomas de tuberculose. Ele ainda trabalha mais alguns meses, mas é afastado (duas vezes; na segunda licença recebe o salário pela metade). A esposa, já com mais uma filha no colo, passa a lavar roupa para manter a casa e mesmo assim a renda da família cai a ponto de terem que mudar de um quarto para outro menor e deste para porões, onde a saúde de Severino se complica de vez. Com a esposa perdendo clientes por causa de sua condição, Severino decide se internar no pavilhão de tuberculosos da Santa Casa de

Misericórdia de Santos. Após mais alguns meses volta para casa e, depois de algumas noites, morre assistido pela esposa, pelo amigo Felício e por um irmão que o visitava.

A cidade portuária que recebeu José Severino de Jesus foi desde as três últimas décadas do século XIX a porta de entrada do movimento populacional que trouxe braços nacionais e internacionais para as fazendas, principalmente de café, do interior do estado e para a capital, com o intuito de atender a demanda por mão-de-obra para a indústria em expansão. O porto, espaço de partida ou de chegada, de movimentação, de trânsito e dos fluxos, acabou ele mesmo retendo parte desse contingente.

Ranulpho Prata (1896-1942) é ele mesmo um migrante. Natural de Lagarto, no interior de Sergipe, inicia seus estudos de medicina em Salvador e conclui o curso no Rio de Janeiro entre 1918 e 1919. Nesse momento já havia lançado seu primeiro romance (*O triunfo*, 1918). Muda-se para Mirassol, no interior de São Paulo, onde inicia sua vida profissional como médico e mantém a produção literária. Em 1927, depois de viagens curtas, muda-se com a família para Santos onde trava contato com o universo dos trabalhadores do cais, matéria-prima de sua principal obra. As diferenças de classe entre Prata e seus personagens, ainda que sejam levadas em conta, não impedem o romance de ser utilizado como uma fonte – indireta e ficcional – para recuperar o universo daqueles moradores. Sendo o autor um migrante tanto quanto o protagonista do romance, há aí uma identificação que permite ao documento literário a possibilidade ainda de ser tratado como uma fonte direta no tocante à migração.

Na cidade, a vida de Severino e dos demais personagens de *Navios Iluminados* ocorre em torno do bairro portuário do Macuco. Para tratar desse cenário, a pesquisa se utilizou das ferramentas analíticas da micro-história. Para o historiador italiano Carlo Ginzburg, o prefixo “micro” sugere pesquisas que mantenham uma “escala reduzida de observação”¹ ou que se deparem com uma “documentação circunscrita”². Aqui, a escala é a do cais e do porto, tanto em sua relação com o resto da cidade de Santos, quanto no seu papel de ponto de articulação das trocas nacionais e internacionais e no trânsito de mercadorias e populações, num esforço de que, sempre com o historiador italiano, o “olhar aproximado [capte] algo que escape [à] visão de conjunto”, mesmo sabendo que “existem fenômenos que só podem ser apreendidos numa perspectiva macroscópica” (GINZBURG, 2007, p. 269)³.

Além da interpretação da documentação “circunscrita” ao livro e às condições em que foi escrito, é a própria narrativa de *Navios Iluminados* que determina a escala microscópica. A trama apresenta seus personagens entre 1926 e o início da década seguinte, mas no livro não há qualquer menção a eventos históricos como a Revolução de 30 ou o *crash* de 1929, que afetou consideravelmente as operações do porto de Santos. Ao invés do telescópio para observar as grandes movimentações econômicas e políticas do mundo, do país e até da cidade, Ranulpho Prata optou ele mesmo pela “escala reduzida da observação” da vida dos trabalhadores no bairro do Macuco. Na introdução a *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*, o historiador italiano escreve: “A ficção, alimentada pela história, torna-se matéria de reflexão histórica, ou ficcional, e

¹ GINZBURG, Carlo. *Micro-história: duas ou três coisas que sei a respeito*. In: **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, pp. 249-279.

² GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, pp. 15-31.

³ Essa mesma relação macro/micro se repete nas metáforas do telescópio (que busca o grande evento) e do microscópio (que procura o particular) usadas pelo historiador britânico Eric J. Hobsbawn em seu ensaio sobre os estudos históricos sobre a “gente comum”. HOBBSAWN, Eric J. *A história de baixo para cima*. In: **Sobre história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

assim por diante. Essa trama imprevisível pode comprimir-se num nó ou num nome” (GINZBURG, 2007, p. 11). Aqui, esse nó (esse nome) é o romance *Navios Iluminados*.

Num ensaio sobre os continuadores de A. Warburg, Ginzburg trata do “objetivo duplo” da metodologia de trabalho deste historiador da arte alemão:

Por um lado, era preciso considerar as obras de arte à luz de testemunhos históricos, de qualquer tipo e nível, em condições de esclarecer a gênese e o seu significado; por outro, a própria obra de arte e as figurações de modo geral deveriam ser interpretadas como uma fonte *sui generis* para a reconstrução histórica. Trata-se de duas metas distintas, mesmo que [...] relacionadas entre si.⁴

O primeiro dos objetivos da metodologia de Warburg é também o do primeiro capítulo da dissertação, *A história do romance: a realização de “Navios Iluminados”, edições e recepção crítica*. Por meio de cartas, epígrafes, testemunhos, perfis, introduções e resenhas publicadas sobre o livro e seu autor ao longo das quatro edições do romance, o capítulo busca localizar *Navios Iluminados* em meio ao contexto social e literário das décadas de 20 e 30, bem como, na medida do possível, dos momentos das reedições do romance, num enfoque que, usando os conceitos de Roger Chartier e da escola francesa da Nova História, aproxima-se da história intelectual e da história do livro⁵.

Dois perfis sobre Ranulpho Prata serviram para indicar uma série de fontes sobre o autor e sua obra: *Ranulfo* [sic] *Prata, quase esquecido*, de Monsenhor Primo Vieira, e *Um lugar para*

⁴ GINZBURG, Carlo. *De A. Warburg a E. H. Gombrich: Notas sobre um problema de método*. In: **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989 (1986).

⁵ Em entrevista, Roger Chartier declarou o seguinte sobre a história do livro: “... o sentido de um texto depende também da forma material como ele se apresentou aos seis leitores originais e ao seu autor. Por meio dela podemos compreender como e porque foi manuseado, lido e interpretado por aqueles de seu tempo”. COLOMBO, Sylvia. *O universal particular*. Folha de S. Paulo. São Paulo, 08 jan. 2006. Mais!, p. 8. Ver também CHARTIER, Roger e ROCHE, Daniel. *O livro: uma mudança de perspectiva*. In: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre (diretores). **História: novos objetos**. Tradução Terezinha Marinho. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A., 1976 (1974).

Ranulfo [sic] *Prata*, de Paulo de Carvalho Neto ⁶. Nos dois trabalhos, principalmente no segundo, há a indicação de uma série de críticas e resenhas sobre os livros de Prata que aqui foram empregadas. Apesar de alguns destes textos terem sido consultados pela pesquisa, outros só foram aproveitados a partir dos trechos citados por Vieira e Carvalho-Neto ⁷.

O segundo capítulo – *A literatura de identidade portuária* – ainda trata do objeto livro, mas em outra escala. Ali, *Navios Iluminados* é apresentado como a narrativa que dá início a uma série de romances e poemas que, assim como ele, têm o cais e o porto de Santos como cenário. A seção busca determinar características em comum dessas obras, bem como as especificidades da escrita de Ranulpho Prata dentro desse universo. Ao reunir obras literárias pelo espaço em que suas tramas ocorrem, o segundo capítulo acabou procurando também traçar o papel desta literatura na configuração do imaginário da cidade portuária como algo comum à comunidade em que ou para a qual foi produzida. Essa interpretação fornece à literatura de identidade portuária

⁶ VIEIRA, Monsenhor Primo. *Ranulpho Prata, quase esquecido*. In: **Revista da Universidade Católica de São Paulo**. Volume XXIII – Dezembro de 1961 – Março de 1962 – Fascículos 40-41. Páginas 21-49; CARVALHO-NETO, Paulo de. *Um Lugar para Ranulfo Prata*. In: **Revista Interamericana de Bibliografía. Órgano de Estudios Humanísticos** (Inter-American Review of Bibliography. Journal of Humanistic Studies). Vol. XXIV, Nº 1, Enero-Marzo (January-March): Washington, DC. Estados Unidos, 1974. Vieira foi amigo de Prata e teve acesso ao material que o amigo guardava em pastas, além de ter sido o primeiro ocupante da cadeira 23 da Academia Santista de Letras, cujo patrono é Ranulpho Prata. Já Carvalho-Neto, de quem a pesquisa não obteve mais informações, era sobrinho e afilhado de Prata. Em seu texto ele conta que, como fundador e diretor de Centro de Estudos Brasileiros de Quito, para lê enviou a biblioteca do autor, com cerca de 1.200 volumes. A dissertação adotou a grafia do nome do autor com o dígrafo “ph” pois é assim que o nome de Prata é grafado nas quatro edições do romance *Navios Iluminados* em português e em sua ficha funcional na Santa Casa de Santos. As citações de seu nome feitas por outros autores serão mantidas com “f”, seguidas pela indicação latina *sic*.

⁷ Consulta à Biblioteca Nacional (BN) realizada em novembro de 2007 por data (dia/mês/ano), nome de jornal e local de publicação não pode localizar os seguintes periódicos: A Noite e O Tempo (a BN não mantém coleção); Vanguarda e A República (acesso vetado às coleções); A Tarde (coleção em inventário); O Diário (coleção falha); Jornal do Brasil, Folha da Manhã e Diário da Noite (resenhas ou críticas não localizadas). (a BN não tem coleção). GONÇALVES, José Augusto. **Pesquisa Biblioteca Nacional** [mensagem pessoal]. Recebida por <alessandroatanes@correios.net.br> em 11 jan. 2008. Cópias de artigos sobre Ranulpho Prata foram encontradas também em RAMOS PESTANA, Sonia Maria. **Santos na obra ‘Navios Iluminados’ de Ranulfo Prata**. Monografia de Pós-Graduação lato-sensu (orientação da professora Maria Aparecida Franco Pereira). Santos: Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Católica de Santos, 1990. A pesquisadora teve acesso a recortes de textos sobre o autor a partir do contato com o filho de Ranulpho, Paulo Prata, morto em 1997. Outro texto sobre Prata, o discurso de posse de Mario Azevedo Alexandre na Academia Santista de Letras, se utiliza de informações sobre o autor coligidas em VIEIRA (1961-1962) e CARVALHO-NETO (1974).

um caráter de fonte, ainda na escala microscópica de Santos, para uma “história das mentalidades”, sendo essa história um “ponto de junção do individual e do coletivo, do longo tempo e do cotidiano, do inconsciente e do intencional, do estrutural e do conjuntural, do marginal e do geral”⁸.

Assim como o segundo objetivo da metodologia de Warburg, o capítulo final – *Narrativa e território da estiva* – trata o romance como uma fonte histórica para a compreensão do universo dos trabalhadores portuários de Santos, de suas condições de moradia e trabalho, bem como de sua locomoção pela cidade. Aos conteúdos deste “documento literário”, a pesquisa procurou relacionar dados de outras fontes (mapas, jornais, censos populacionais, estatísticas sobre o porto, relatórios de hospitais e outros documentos “objetivos” – nem um inventário é objetivo, escreveu Ginzburg)⁹. Essa micro-história, como sugere o prefixo, contribui também para a história de Santos e de sua literatura. Mas história regional sem o sentido de limite, e sim, como justificou Fernando Teixeira da Silva em seu estudo sobre os operários da cidade, como uma oportunidade de oferecer novas perspectivas a questões normalmente ligadas às capitais (o movimento operário, por exemplo) e de “estabelecer conexões entre as especificidades [locais] e os diversos problemas da agenda historiográfica”:

Pesquisas realizadas em cidades como a de Santos, porém, recebem às vezes o qualitativo de “história regional”. Tais estudos efetivamente contribuem para o conhecimento da história de um determinado quadro urbano, mas também podem levantar questões cuja validade não deva ser apenas local, permitindo, ao contrário, um diálogo com outros trabalhos, experiências históricas e questões historiográficas de amplo alcance no tempo e no espaço.¹⁰

⁸ LE GOFF, Jacques. *As mentalidades*. In: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre (diretores). *Op. cit.*, p. 71.

⁹ A expressão “documento literário” foi sugerida pela professora Maria Luiza Tucci Carneiro, durante a qualificação desta pesquisa.

¹⁰ SILVA, Fernando Teixeira da. **Operários sem Padrões: os trabalhadores de Santos no entreguerras**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003, p. 23.

Um exemplo desta oferta de uma nova perspectiva aos estudos históricos foi dado em aula por Nicolau Sevcenko¹¹. Em comentário a um seminário sobre a pesquisa, o professor ressaltou que Santos, por seu espaço limitado (a cidade está numa ilha) totalmente ocupado ainda em torno da metade do século XX, oferece subsídios e condições para compreender o crescimento de cidades como o Rio de Janeiro. Ocupado todo o espaço da cidade dentro da ilha, foram traçados e mantidos os limites daquela cidade planejada pelo pensamento científico e positivista da engenharia e do paisagismo urbano da Belle Époque.

A conclusão busca, além de ressaltar o lugar de *Navios Iluminados* na literatura nacional e local, caracterizar o livro como fonte histórica privilegiada para os estudos sobre o mundo operário em Santos no período em que se passa a trama da ficção, último momento antes de transformações históricas que afetaram as condições de trabalho no porto.

Com todos os limites e obstáculos que os objetivos acima encontraram pelo caminho, ainda vale registrar como justificativa para este estudo que o porto de Santos e o universo dos trabalhadores portuários, como indica uma consulta à bibliografia, são assunto de uma já vasta historiografia, mas a literatura que utiliza esse universo como componente narrativo ainda não foi alvo de qualquer pesquisa histórica¹². Esse é o cenário em que foram escritas as páginas que se seguem.

¹¹ SEVCENKO, Nicolau. **História da Cultura e Cultura Popular: Interveniências Temáticas, Analíticas e Conceituais**. Curso da pós-graduação do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, ago.-dez. 2005.

¹² A pesquisa de RAMOS PESTANA, como implica o próprio nome, trata de temas da cidade de Santos a partir do aparecimento de locais e temas da cidade ao longo da narrativa do romance; enquanto os perfis de VIERA e CARVALHO-NETO têm caráter biográfico.

CAPÍTULO 1 A HISTÓRIA DO ROMANCE: A REALIZAÇÃO DE NAVIOS ILUMINADOS, EDIÇÕES E RECEPÇÃO CRÍTICA

1.1 Uma carta de Ranulpho Prata para Lima Barreto

Em carta datada de 14 de janeiro de 1921 endereçada a Lima Barreto, Ranulpho Prata – que escrevia de Mirassol interior de São Paulo, onde clinicava – lamentava não ter como escrever uma obra literária de cunho urbano como eram os contos de *Histórias e Sonhos* (1920), do autor carioca. Aos 24 anos, romancista e médico em início de carreira, tendo publicado apenas *O Triunfo* em 1918, Prata diz que gostaria de escrever da forma como Barreto representa “a gente e os costumes desse Rio infernal e delicioso”. Mas o autor admitia que lhe faltava um ambiente urbano que lhe fornecesse matéria-prima de observação como não era possível no interior.

A carta em que faz o lamento é uma das seis trocadas entre os dois (cinco escritas por Ranulpho Prata, uma por Lima Barreto) entre 03 de janeiro e julho de 1921, reunidas em um volume de correspondências do autor de *Triste fim de Policarpo Quaresma*¹³. O material revela um pouco da amizade entre os dois, que haviam se conhecido entre 1918 e 1919, período em que o sergipano nascido em 1896 em Lagarto, Sergipe, foi interno no Hospital do Exército, no qual o escritor carioca havia passado alguns períodos em recuperação (Ranulpho Hora Prata se formaria na Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro em 30 de dezembro de 1919)¹⁴.

¹³ LIMA BARRETO. **Correspondência**. Tomo II. Prefácios de Antônio Noronha Santos (Tomo I) e B. Quadros (Tomo II). Editora Brasiliense, São Paulo, 1956. Lima Barreto datou a sua em 03 jan. 1921. As assinadas por Prata trazem as datas 14 jan. 1921, 13 mar. 1921, 16 mar. 1921, 29 mar. 1921 e 16 jun. 1921.

¹⁴ Ficha funcional da Santa Casa de Santos. Cópia anexa a RAMOS PESTANA, Sonia Maria. *Op. cit.*

As seis cartas recuperadas pela coletânea estão transcritas em seis páginas ao final do Tomo II da *Correspondência* de Lima Barreto, reunida em dois volumes da editora Brasiliense com cartas trocadas entre o autor e diversas personalidades do mundo intelectual. O fato de só haver uma tendo Lima Barreto como remetente é lamentado pelo autor do prefácio da coletânea, Antônio Noronha Santos, já que Prata, então um jovem entre 24 e 25 anos, era um grande amigo na última fase da vida de Lima Barreto, morto em novembro de 1922.

Em seu perfil traçado na coletânea de cartas de Lima Barreto, lê-se que Prata “formou entre os melhores amigos do romancista, na última fase da sua vida”¹⁵. Em setembro de 1918 Lima Barreto registraria como haviam se conhecido. Prata o procurara com um exemplar de seu primeiro romance, *O triunfo*, livro lançado naquele mesmo ano. Lima Barreto se referiu ao episódio na primeira frase da crítica ao livro publicada em 28 de setembro no periódico *A.B.C.*: “O senhor Ranulfo Prata teve a bondade e a gentileza de me oferecer um exemplar de seu livro de estréia – *O Triunfo*”¹⁶. Em 1940, dois anos antes de morrer em 24 de dezembro de 1942, em depoimento a Silveira Peixoto, Prata lembraria do início da amizade:

Lima Barreto elogiou o livrinho e foi visitar-me no Hospital do Exército, onde eu era interno. A visita desse mulato genial deu-me grande alegria. Sentados num dos bancos do jardim, o Lima, meio tocado, como sempre, mas perfeitamente lúcido, claro, brilhante mesmo, queria saber com segurança se a Angelina do romance era realmente bonita como eu a pintara. Todos os ficcionistas, dizia-me ele, com ironia, têm a mania de fazer belas as raparigas das cidades pequenas. Nos lugarejos por onde eu andara nunca vira nenhuma... Eram todas feias, grosseiras, desalinhadas... E eu garanti que a minha Angelina era, positivamente, encantadora, capaz de virar cabeças sólidas de gente de grandes cidades.¹⁷

¹⁵ O mesmo perfil lamenta estar “truncada” a correspondência e informa que foram extraviadas cartas enviadas por Lima Barreto.

¹⁶ LIMA BARRETO. *O Triunfo*. A.B.C., Rio de Janeiro, 28 set. 1918. In: **Impressões de leitura. Crítica**. Prefácio M. Cavalcanti Proença. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956, pp. 126-129.

¹⁷ *Vamos Ler* [revista], [s.d]. Apud: CARVALHO-NETO, Paulo de. *Op. cit.*, p. 10. A mesma citação está em VIEIRA, Monsenhor Primo. *Op. cit.*, p. 15. Além de algumas expressões alteradas, as duas cópias diferem na data da publicação da revista *Vamos Ler*. Vieira informa a data de 03 set. 1918 para o depoimento de Prata, antes mesmo, ainda que no mesmo mês, da crítica de Lima Barreto sobre o livro de estréia de Ranulpho Prata. O próprio teor

Entre o final do curso e 1920, Prata pratica a clínica médica em São Tomás de Aquino, no interior de Minas Gerais ¹⁸ e, no ano seguinte já assina suas cartas de Mirassol, no interior de São Paulo, quando voltam a ter contato (em sua carta, Lima Barreto admite desconhecer o destino do amigo: “Não sei onde estás, mas o Jackson [de Figueiredo] me disse, anteontem, que andavas por São Paulo, nos cafundós”) ¹⁹. Além de literatura, acompanhamos cartas de Prata datadas de 16 e 29 de março de 1921 nas quais combinava com o amigo uma viagem a Mirassol que, posteriormente, daria assunto a três crônicas de Lima Barreto: *Até Mirassol (Notas de viagem)*, *Dias da Roça* e *Generosidade*, reunidas em *Marginalia* ²⁰, e uma conferência, *O Destino da Literatura*, que teria sido pronunciada em Rio Preto durante o período da visita.

A primeira das crônicas conta o primeiro dia de viagem: “A convite de meu amigo e confrade Dr. Ranulfo Prata, clínico nessa localidade de Mirassol, que fica nos confins de São Paulo, atraído também por seu nome pitoresco, embarquei para ela, na Central, em 1 de abril.”. Paulo Dantas, em crítica à obra de Ranulpho Prata publicada em 1953, falaria sobre os motivos do convite:

O objetivo de Ranulfo [sic] era tentar a cura do alcoolismo do genial criador de Policarpo Quaresma, pondo-o no “regime do copo de leite”. E o grande e humilde Lima Barreto foi para Mirassol, onde no início, até começou a engordar, enchendo assim o coração do jovem médico de esperanças. Mas, aconteceu que certo dia, justamente quando foi marcada uma conferência literária de Lima Barreto em Rio Preto, o escritor entrou num boteco e voltou a beber. Ranulfo [sic] Prata que o procurava pela cidade, aflito, deu com Lima em estado lamentável. Era a volta ao álcool.

sentimental e de saudade do depoimento de Prata indica um intervalo de tempo mais longo que isso, como o indicado pelo estudo de 1974.

¹⁸ RAMOS PESTANA, Sonia Maria. *Op. Cit.*, p. 14.

¹⁹ Carta de 03 jan. 1921. In: LIMA BARRETO. *Op., cit.*, p. 244. Sobre a identificação de Lima Barreto com o litoral: SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão. Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, pp. 241-145.

²⁰ LIMA BARRETO. *Marginalia*. Edição digital da Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>> da Escola do Futuro da Universidade de São Paulo.

– Prata – foi dizendo Lima Barreto, humilde e em tom de justificação –, que você em sua vida nunca tenha os motivos que me fazem beber assim. E irremediavelmente perdido, Lima Barreto voltou ao Rio.²¹

Em 16 de junho, Prata responde uma carta de Lima Barreto em que se diz aliviado por ter recebido notícias do Rio de Janeiro: “Até que, afinal, depois de um prazo que minha amizade e interesse já achavam longo, chegou-me sua carta”. Prata avisa que mandará a conferência a um tal de Cardoso, em Rio Preto, e pede uma cópia de qualquer jornal onde sair publicada. Na carta seguinte de Prata, de 29 de julho, sabemos que a anterior havia sido respondida: “Deu-me a sua carta um grande e íntimo prazer. As suas notícias gozam deste prestígio aqui nesta minha vida de insulamento e trabalho”. Nessa carta, Prata anuncia esperar abraçar o amigo em novembro, no Rio de Janeiro, enquanto estivesse “de passagem para o Norte”. Ainda em julho, o escritor carioca publicaria o conto *O jornalista* na Revista Souza Cruz, do Rio de Janeiro, dedicado ao amigo. Lima Barreto morreria no ano seguinte, em 01º de novembro de 1922, e não há qualquer indício de outros contatos entre os dois no material pesquisado.

A Lima Barreto Prata acaba revelando um pouco de sua técnica literária: dedicar-se à percepção do espaço a sua volta pela apreensão direta do ambiente narrado. Voltemos à carta de 14 de janeiro de 1921:

Pudesse eu tornar-me um seu discípulo e fazer o mesmo aqui! Infelizmente, porém, nada posso fazer no interior, num ambiente que asfixia e mata.

A “vida de insulamento e trabalho” da carta de 29 de setembro renovaria a expressão de insatisfação por seu isolamento literário, ainda que Mirassol seja o lugar onde Prata conheceu a esposa, Maria da Glória. Com ela casa-se em 1923 e, no ano seguinte, tiveram seu único filho,

²¹ DANTAS, Paulo. *Ranulfo Prata*. O Tempo, [s.l.], 15 abr. 1953. Apud CARVALHO-NETO, Paulo de. *Op. cit.*, p. 10.

Paulo Prata (que seguiria a carreira de Medicina). Em 1925, Prata mantém por quatro meses um consultório no Rio de Janeiro, depois volta a Sergipe para atuar como professor no Ateneu Sergipano e, em Aracajú, organiza um “gabinete radiológico”²². De volta ao Rio, conta Primo Vieira, recebe o aviso de uma vaga de médico radiologista na Santa Casa de Santos, para onde se candidata²³ e onde começa a trabalhar em 29 de maio de 1927²⁴. Para Santos Prata levaria sua família e ali trabalharia até o fim da vida. Prata morreria em 24 de dezembro de 1942, internado no hospital Santa Cruz, em São Paulo²⁵. A clínica de Prata, como veremos adiante, propiciou o material humano com que forjou seu protagonista, e a cidade lhe garantiu um ambiente em que Prata pudesse testemunhar o mundo urbano e os costumes da cidade como queria na carta de 1921²⁶.

²² VIEIRA, Monsenhor Primo. *Op. cit.*, pp. 8-9.

²³ VIEIRA, Monsenhor Primo. *Op. cit.*, p. 9.

²⁴ Ficha funcional de Ranulpho Prata na Santa Casa de Santos. In: RAMOS PESTANA, Sonia Maria. *Op. cit.*, p. 118.

²⁵ [s.n]. **Dr. Ranulfo [sic] Prata**. A Tribuna. Santos, 25 dez. 1942. Necrologia, p. 10.

²⁶ Com a consolidação do capital cafeeiro em São Paulo na segunda metade do século XIX, a hegemonia econômica do Estado se dá por meio do eixo territorial formado por Campinas (centro de produção agrícola), São Paulo (centro distribuidor) e Santos (centro exportador e importador). BERNARDINI, Sidnei Piochi. **Os planos da cidade: as políticas de intervenção urbana em Santos – de Estevam Fuertes a Saturnino de Brito (1892-1910)**. São Carlos: RiMa, Fapesp, 2006, pp. 11-15. Cidade dos fluxos, Santos é a porta de entrada de bens e capital, principalmente britânico, que garante a formação desse território econômico.



Ilustração 1 Foto de Ranulpho Prata em sua ficha funcional da Santa Casa de Santos. Acervo de Wilma Therezinha Fernandes de Andrade

O tema do espaço como aspecto determinante da narrativa surge alguns dias antes, na carta de 03 de janeiro, em que Lima Barreto já havia indicado ao jovem romancista que o espaço da ação do romance restringe as opções narrativas do autor. É o que diz ao comentar um conto de Prata sobre Fagundes, um médico que deixa a cidade para clinicar no interior:

Li teu conto no *Jornal*, o qual tiveste a bondade de me dedicar. Muito obrigado. Está bom e próprio para “jornal”. Podias, porém, detalhar um pouco mais, entrar nas causas da transformação do doutor Fagundes, chic, elegante, um pouco pedante, no simplório “Seu” Fagundes da botica e do gamão. Tente fazer um romance daí que terás feito obra curiosa. Estudarás bem a influência da roça, a adaptação à vida dela, com seus encantos e defeitos (...).

Na resposta de Ranulpho Prata, ainda na carta de 14 de janeiro, ele avisa o amigo que vem esboçando um novo livro, cujo nome provisório era *Esculápio de província*. Prata demonstra não saber se iria publicá-lo, possivelmente apenas se voltasse ao Rio: “em caso contrário é tudo esquecer e tornar-me um ‘Fagundes’”. O livro acaba saindo em 1922, rebatizado como *Dentro da Vida*, segundo romance de Prata. A história mostra um médico que deixa o Rio de Janeiro para clinicar em Santa Clara, no interior de Minas Gerais. Nos romances do interior, aponta Franco Moretti, poucos são personagens horizontais, isto é, com a mesma idade²⁷ (no caso de *Dentro da Vida*, por exemplo, são apenas dois, que formam um casal). Nessas obras, as relações são familiares, verticais, marcadas pelas relações de hierarquia entre o protagonista e os demais personagens (pais, padre local, poder político local).

O romance *O lírio na torrente* e o volume de contos *A longa estrada*, ambos de 1925, são os últimos livros publicados por Prata antes de se mudar para Santos em 1927²⁸. Embora *O lírio na torrente* inclua a cidade grande, o Rio de Janeiro, em sua trama, rural é ainda tanto o cenário em que a trama se conclui quanto as relações familiares do protagonista (ver capítulo 2). São nove anos até a obra seguinte, *Lampião* (1934), obra de não-ficção (ou “estudos”) em que Prata mergulha na denúncia social. Na primeira linha da introdução, ele identifica a obra como um “documentário fiel dos crimes de Virgolino Ferreira da Silva”, um “eco do clamor e do apelo lançados pelas populações desditosas”. A intenção de denúncia se mistura à esperança de ser

²⁷ MORETTI, Franco. **Atlas do romance europeu (1800-1900)**. Boitempo. São Paulo, 2003, p. 75.

²⁸ VIEIRA, Monsenhor Primo. *Op. Cit.* O currículo de Paulo Prata, filho de Ranulpho, aponta que a mudança ocorreu em 1924, antes porém da publicação dos dois livros. O currículo está disponível na *home page* da Fundação Pio XII – Hospital do Câncer de Barretos. Internet: <<http://www.hcancerbarretos.com.br/hcancer2/modules.php?name=News&file=article&sid=240>>, acessado em 03 de novembro de 2006.

percebido pelas autoridades: “Clamor que deseja ser ouvido pela consciência pública brasileira e apelo dirigido aos responsáveis pelos destinos do país”²⁹.

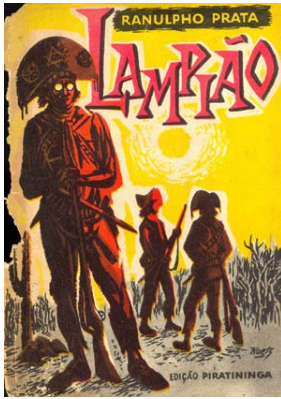


Ilustração 2 Capa de *Lampião* da Edição Piratininga

Ainda na introdução, Prata elege *Os sertões* (1902), obra da geração anterior, como precursor de *Lampião*. Para ele, a obra de Euclides da Cunha foi a responsável por apresentar o drama do sertanejo à nação. Euclides da Cunha é, por sinal, o patrono da cadeira número 41 do Instituto Histórico e Geográfico de Santos, ocupada anos depois pelo autor de *Navios Iluminados*³⁰. Mas, ao contrário do intelectual paulista de formação positivista, que vai a Canudos acreditando encontrar uma “sub-categoria étnica”, Prata, nascido no sertão, apresenta-se como porta-voz da “angústia de milhares de seres humildes” e por todo o texto inicial se refere aos sertanejos na primeira pessoa do plural: “a mão que tracejou este livro é a de um filho dos sertões”.

Prata só viria a publicar novamente ficção em 1937, justamente com *Navios Iluminados*, com seus tipos urbanos de uma cidade portuária – um dos principais eixos da movimentação de

²⁹ PRATA, Ranulpho. **Lampeão**. Rio de Janeiro, Abril Editora Ltda, 1934. As citações seguintes serão de outra edição: **Lampião**. São Paulo: Traço Editora, [s.d.], p. 17.

³⁰ DOMINGUES, Marildo Pires. **Médicos literatos de Santos**. Santos: edição do autor, 1980, p. 65. O Instituto Histórico e Geográfico de Santos (IHGS) não possui qualquer documento referente à passagem de Prata pela instituição.

bens e capital e da circulação populacional do país. Ainda que não se possa estabelecer uma relação automática entre as intenções da carta e a realização do romance 16 anos depois, *Navios Iluminados* apresenta um cenário mais adequado ao tipo de obra que queria escrever o “discípulo” de Lima Barreto em 1921.

No romance urbano, ainda conforme Moretti, as relações são horizontais, entre amigos e antagonistas. Nesse segundo cenário a literatura consegue apreender a complexidade da modernização das cidades brasileiras e suas relações com os movimentos populacionais, transformações que revelam, se adotarmos a expressão de Néstor García Canclini, um processo de modernização sem modernidade ³¹, típico da América Latina, cujo porto de Santos, centro exportador e importador, é um dos pontos de articulação (BERNARDINI, 2006) ³². É na cidade que se desenvolve o romance moderno (a Paris de Balzac, a Londres de Dickens), onde “acontecimentos e experiências pessoais se entrelaçam com forças históricas impessoais” (GINZBURG, 2007, p. 113).

É em Santos, principal ponto de comércio exterior nacional, com seus quilômetros de cais e toneladas de carga, que ele pode dar vazão à escritura no modelo que tinha em *Histórias e sonhos*, um romance com a complexidade do ambiente urbano de uma cidade portuária.

³¹ CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade**. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000. No ensaio *Contradições Latino-americanas: Modernismo sem Modernização?* Canclini caracteriza duas ondas de modernização na América Latina. A primeira, entre o final do século XIX e o início do XX, impulsionada pelas oligarquias progressistas, e a segunda, localizada entre as décadas de 1920 e 1930, caracterizada pela expansão do capitalismo, e pela “ascensão democratizadora dos setores médios e liberais”. Apesar disso, a modernização é um processo que não se completou: “Modernização com expansão restrita do mercado, democratização para minorias, renovação das idéias mas com baixa eficácia nos processos sociais. Os desajustes entre modernismo e modernização são úteis às classes dominantes para preservar sua hegemonia, e às vezes para não ter que se preocupar em justificá-la, para ser simplesmente classes dominantes”, p. 69.

³² Ver principalmente o Capítulo 1, *Consolidação do grande capital cafeeiro e planejamento territorial paulista*, no qual o autor descreve o eixo formado por Campinas, São Paulo e Santos, respectivamente, centro produtor, centro distribuidor e centro exportador do café.

A subordinação da descrição literária ao testemunho do autor, de que temos indício na carta (“pudesse fazer o mesmo aqui”), é expressa ao longo de sua obra, por exemplo, em epígrafes aos seus livros. Elas indicam sua intenção de utilizar o texto literário para registrar a realidade. Em *O Triunfo* ele utilizou frase assinada por W. Wood levada ao autor por Lívio de Castro:

Seja graciosa ou não seja, a verdade é a melhor coisa que podemos ouvir; é melhor que a lisonja, melhor que a comodidade, melhor que a felicidade, melhor que a bondade, melhor que a beleza.³³

Ou ainda, em *O lírio na torrente*, obra dedicada a Jackson de Figueiredo, para a qual buscou como epígrafe um trecho do prefácio de *A filha do doutor Negro*, de Camillo Castelo Branco:

Estou apto para trasladar o que vi e vejo, sem pedir emprestado à imaginativa o que a natureza me não dá. Se, alguma vez, carrego as tintas, ou derramo às mãos cheias flores sobre as úlceras, é isso um excesso de generosidade, que uso com o mundo e comigo. Restam as misérias vistas: poupemo-nos à estampa, que não corrige nem condena. Para juiz lá está Deus. Para algoz, basta para cada um seja o de si próprio.³⁴

Já a epígrafe de *Dentro da vida*, dedicado à memória do irmão Felisberto Prata Filho, é uma frase do poeta santista Miguel Couto sobre a natureza da profissão médica:

Não vos esqueças, então, de que se toda a medicina não está na bondade, menos vale separada dela.

A qual acrescentou:

³³ PRATA, Ranulpho. **O triunfo**. Rio de Janeiro: Abril Editora Ltda., 1918. A ortografia foi atualizada na citação.

³⁴ PRATA, Ranulpho. **O lírio na torrente**. Rio de Janeiro: Abril Editora Ltda, 1925. A frase “Para juiz lá está Deus” reforça a concepção resignada do drama humano na obra de Ranulpho Prata.

Por menor e mais humilde que seja a sua condição, o homem pode realizar alguma coisa de grande e útil na vida.³⁵

Ouvir a verdade, trasladar o que se vê, misérias vistas. São as condições que Ranulpho Prata apresentava para seus leitores antes que chegassem às primeiras linhas de suas obras iniciais, escritas com a pretensão de “realizar alguma coisa de grande e útil na vida”. Essa intenção autoral, de presença e testemunho, está também espalhada por sua obra e evolui até a forma em que se dá em *Navios Iluminados*.

1.2 A experiência clínica do autor em Santos

– Não pode continuar a pegar peso por uns tempos. Vai ter uma licença de três meses. Tome aqui este atestado e procure no escritório o superintendente, o doutor Custódio. (NI, 152)³⁶

A frase acima é do doutor Miranda, médico do serviço médico dos estivadores, direcionada ao estivador José Severino de Jesus, o protagonista de *Navios Iluminados*. Não há como saber quantas vezes o próprio Ranulpho Prata teve que dizer algo parecido aos estivadores que atendia, mas há como se registrar a atuação de Prata como médico em Santos, experiência que preenche 10 dos 12 anos de hiato ficcional entre os contos de *A longa estrada* e o romance *Navios Iluminados*, sobre o qual, novamente na entrevista a Silveira Peixoto, o próprio autor considera a importância do testemunho:

– De certo modo posso dizer que fui forçado a escrever este romance. Os personagens viviam em tão íntimo contato comigo, que não foi possível deixar de utilizá-los. (RAMOS PESTANA, 1990, p. 164)³⁷

³⁵ PRATA, Ranulpho. **Dentro da vida**. Rio de Janeiro, Abril Editora Ltda: 1922.

³⁶ As citações de *Navios Iluminados* serão indicadas pelas iniciais do romance em letras maiúsculas, separadas por vírgula do número da página, tendo como referência a 4. ed., de 1996.

³⁷ [s.n]. **A Santa Casa da Misericórdia de Santos reverenciou a memória dos drs. Tomás Catunda e Ranulfo [sic] Prata**. Diário de Santos [entrevista publicada originalmente na revista *Vamos Ler*]. Santos, 08 ago. 1943. *Apud*: RAMOS PESTANA, Sonia Maria. *Op. cit.*, pp. 165-166.

Além de chefe do serviço de radiologia para da Santa Casa desde maio 1927, no mesmo ano, conforme anúncio de Prata publicado em A Tribuna em 30 de setembro do mesmo ano, Prata já presta serviços também para o hospital Beneficência Portuguesa, além de atender em seu consultório na Rua Frei Gaspar, no Centro ³⁸. Em 13 de maio de 1930, a mesma A Tribuna publicaria uma reportagem sobre a inauguração do novo prédio do Ambulatório Gaffrée e Guinle, criado para o atendimento dos trabalhadores do porto em 1926 (Gaffrée e Guinle são os sobrenomes dos sócios da concessionária dos serviços portuários), na qual lista Ranulpho Prata como integrante de seu corpo clínico como assistente de radiologia ³⁹.

Anúncios de 1927 e 1938 ainda demonstravam a ocupação profissional de Prata nos dois hospitais, no ambulatório e no consultório (já na Praça Rui Barbosa, também no Centro, na Casa Alemã, atendimento das 3 às 5 horas) ⁴⁰. A peça de publicidade de 1927 chamava a atenção para “doenças internas”, “raios-x” e “tratamento das hemorróidas pela eletroterapia e injeções esclerosantes”. Uma década depois, anos de publicação de *Navios Iluminados*, os anúncios indicam a realização de exames de pulmões, coração, aorta, estômago, vesícula biliar, rins etc. A experiência do médico nesse intervalo provavelmente permitiu ao escritor conhecer os tipos que trabalhavam no porto e no bairro do Macuco, principalmente do ambulatório da CDS, suas enfermidades, seus sentimentos em relação às doenças e o sucesso dos tratamentos. No Ambulatório Gaffrée-Guinle, ligado à Sociedade Beneficente Docas de Santos, mas não só nele,

³⁸ A Tribuna, 30 set. 1927. In: RAMOS PESTANA. *Op. cit.*, p. 121.

³⁹ *Ambulatório Gaffrée e Guinle*. A Tribuna, 13 mai. 1930, p. 2. In: Novo Milênio. Disponível em <<http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0260x.htm>>. Acesso em: 15 dez. 2007.

⁴⁰ A Tribuna. Santos. Indicador Profissional, jun. 1927. In: RAMOS PESTANA. *Op. cit.*, p. 122; A Tribuna. Santos. Indicador Profissional, 01º jan. 1938, p. 14; A Tribuna. Santos. Indicador Profissional, 02 jan. 1938, p. 14.

Prata manteve constante contato com estivadores “chumbeados”⁴¹, como o protagonista José Severino de Jesus (ressalte-se que exame de pulmões é o primeiro item dos anúncios de 1937 e 1938). Essa experiência lhe permite exercitar o caráter testemunhal que vinculava a seus textos nas epígrafes a suas obras anteriores (“ouvir a verdade”, “trasladar o que se vê”, “misérias vistas”).

Vejamos como o ambulatório aparece no romance:

À tarde, compareceu à consulta dos doentes do peito. A vasta sala transbordava de homens, mulheres, crianças. Não quis acreditar que todo aquele povo estivesse doente de moléstia tão ruim e perigosa. No meio dele, viu muitos conhecidos e até o Cassiano, da sua turma, que lhe disse, jovial:

– Que é isto, José, por aqui, também “chumbeado”?

Severino veio para perto dele, perguntando, admirado:

– Você também é doente?

– Como todo este pessoal que você está vendo. Vai pra mais de três anos. Toda semana venho aqui tomar injeção. Estou secando um pulmão.

[...]

Severino, passando os olhos pela sala, notou, admirado, que, de fato, a maioria tinha aspecto de boa saúde. Na sua terra quem sofria daquela moléstia (era tão raro!) afinava como palito, e o povo todo fugia do padecente como se fosse bexigoso. Felizmente, o pobre pouco durava, se acabando em três tempos. Ali, pelo que via, as coisas não se passavam do mesmo modo, o mal atacava muita gente que não fazia caso, vivendo misturada com os sãos, trabalhando e até contente como o Cassiano. (NI, 151)

Das mais de 70 indicações profissionais de médicos em 01º e 02 de janeiro em A Tribuna, não mais que cinco informam trabalhar em mais locais que o consultório – embora muitos informem o endereço ou o telefone residencial. Ribeiro Gomes, especialista em partos, além de sua clínica privada e do endereço e telefone de casa, atendia na maternidade da Santa Casa e também no ambulatório Gaffrée – Guinle. Já J. F. Dourado, clínico geral, além das indicações de consultório e residência, mostra que era médico da Beneficência Portuguesa em Santos e em São

⁴¹ Termo usado pelo narrador para descrever os personagens com tuberculose.

Paulo. Além do consultório, dos hospitais e do ambulatório, Prata também informa seu telefone residencial (6063)⁴².

DR. ALOYSIO R. DE MENDONÇA
 (Ex-interno do Hospital São Francisco de Assis, do Rio de Janeiro)
 Molestias de senhoras — Partos — Vias urinárias
 Consultório: Rua Riachuelo, 65, salas 15 e 18 — Das 15 às 18 horas —
 Tel. 4-4-7-5 — Residência: Praça Fernandes Pacheco, 28 — Tel. 4-0-5-0.

DR. MOREIRA GOMES
 CIRURGIA GERAL — ESPECIALMENTE DO ESTOMAGO —
 GASTROSCOPIA — EXAME PELUS RAIOS X
 Residência: Rua da Paz n. 45 — Teleph. 2-0-3-8 — Consultório: Rua Frei
 Gaspar n. 107 — Teleph. 2-6-1-8 — Consultas: das 8 às 6 horas.

RAIOS X — DR. RANULPHO PRATA
 RADIOLOGISTA DA SANTA CASA, BENEFICENCIA PORTUGUEZA e
 AMBULATORIO GAFFNER-QUINLE
 Exames dos Pulmões, Coração, Aorta, Estomago, Viscula biliar, Rins, etc.
 — Das 8 às 6 horas — Praça Ruy Barbosa, 37 (Casa Alemã) —
 Phone, 2-4-0-0 — Phone da residência: 4-0-6-8

DR. A. DOMINGUES PINTO
 CIRURGIA GERAL — MOLESTIAS DAS SENHORAS
 Consultório: Rua Riachuelo, 49 — Salas 303-305 — Teleph. 4-0-4-4
 Consultas: Diariamente, das 2 às 6.
 Residência: Avenida Vicente de Carvalho, 81 — Teleph. 3-6-0-9

DR. F. J. ARAUJO COSTA
 Ex-interno, por concurso, da Assistencia Municipal do Rio de Janeiro
 e do Hospital Estacio de Sá.
 CLINICA MEDICA — Especialista em doenças da nutrição (diabete, obesi-
 dade, magreza, gotta); app. digestivo, fígado e vias biliares, glandulas de
 secreção interna (bocio, perturbações do crescimento, disturbios sexuaes).
 — Curas de engorda e emagrecimento — Regimes alimentares —
 Intubação duodenal — Metabolismo basal
 Consultório: Rua Amador Bueno, 28 (De 9 às 11 e de 14 às 17 horas) —
 Tel. 3-4-1-7 — Residência: Av. Conselheiro Nebras, 847 — Tel. 4-6-4-3.

Ilustração 3 Reprodução de anúncio de Ranulpho Prata no indicador profissional de A Tribuna em 02 de janeiro de 1938

Antes da experiência em Santos, o próprio Prata havia refletido em 1922 sobre a dedicação ao trabalho médico na frase de Miguel Couto em epígrafe à *Dentro da vida* (“se toda a medicina não está na bondade, menos vale separada dela”). O acréscimo que faria à epígrafe, de que “o homem pode realizar alguma coisa de grande e útil na vida”, porém, não é clara sobre seu alvo, se a prática médica (“fotógrafo de vísceras”) ou a prática literária. Considerar sua especialidade apenas a de um “fotógrafo de vísceras” parece indicar que a medicina, ao menos a

⁴² A Tribuna. Santos. Indicador Profissional, 01º jan. 1938, p. 14; A Tribuna. Santos. Indicador Profissional, 02 jan. 1938, p. 14. Em 20 anúncios da cópia página de indicadores profissionais de 1927, além de Prata, outros três médicos também informam clinicar em hospitais ou outras instituições; nos 15 registros da página copiada de 1937, apenas Prata não informa apenas a clínica no consultório. In: RAMOS PESTANA. *Op. cit.*, pp. 121-122.

radiologia, era menos satisfatória para Prata que o ofício de escrever, no que informou a Silveira Peixoto:

Escrevo para satisfazer uma necessidade orgânica. Médico radiologista que não passo de mero fotógrafo de vísceras, escrevo porque não posso deixar de escrever. Há uma força incoercível dentro de mim, que me faz pensar, que me faz arquitetar enredos, que cria em meu cérebro uma porção de personagens, exigem vida própria e não me deixam sossegado enquanto não lhes dou liberdade, enquanto não apanho da pena para fixá-los no papel e aí encontrar suas aventuras. Quer saber de uma coisa?... Gostaria de não ser escritor. Gostaria sinceramente de poder viver uma vida exclusivamente física. Mas, é sina da gente.⁴³

Silveira Bueno, por sua vez, traça uma relação entre os dois ofícios, escritor e médico, na realização de *Navios Iluminados*. O crítico, na introdução sobre o autor para a segunda edição do romance (Clube do Livro, 1946), anota como a visão e o testemunho (a prática médica) são na obra de Ranulpho Prata a matéria-prima para a ficção (o olhar do artista), um eco do que o próprio autor reivindicava em suas epígrafes:

A medicina disciplinara-lhe a fantasia pela observação quotidiana do ser humano, a obra mais real da Criação. O laboratório do médico educara os olhos do artista para tudo ver na medida exata da verdade, embora a fantasia do escritor atenuasse um pouco a crueldade dos episódios.⁴⁴

Um desses episódios de fantasia disciplinada pela medicina ocorre no capítulo 18:

No fim dessa mesma semana, foi trabalhar no armazém frigorífico. Cá fora um noroeste bravo, sapecando a pele, escaldando a cidade, e lá dentro uma temperatura de 30 graus abaixo de zero.

Quando o fardo de carne congelada, enrolado de pano branco e duro como ferro, lhe caía nas costas, Severino encolhia-se, fazia caretas, mordía os beiços. Não era o peso, era o frio que o incomodava, que lhe queimava os ombros como uma cataplasma fervendo. A tarde todo e a noite até as dez horas, ficou a carrear para a plataforma do armazém os fardos de carne que

⁴³ Em VIEIRA, Monsenhor Primo. *Op. cit.*, p. 13 a transcrição do mesmo trecho é a seguinte: “Quer saber de uma coisa?... Gostaria de não ser escritor. Gostaria sinceramente de poder viver uma vida exclusivamente física. Mas, é sina da gente”. A nota informativa de Primo Vieira traz a seguinte informação: “Vamos Ler”, 4/1/42”.

⁴⁴ SILVEIRA BUENO. *Ranulpho Prata*. In: PRATA, Ranulpho. **Navios Iluminados**. São Paulo: Clube do Livro, 1946, p. 14. Além da observação clínica da realidade como matéria-prima para a escrita ficcional, Prata também produziu literatura médica, uma monografia, *O valor da radiografia no esqueleto e no diagnóstico da sífilis congênita*, lembra VIEIRA.

o guindaste pegava e depositava nos porões do Witell, que partia ao amanhecer para a Alemanha.

Deixou o serviço com uma dor no peito esquerdo, uma dor fininha que aumentava ao puxar o fôlego. Florinda [esposa de Severino] queimou o lugar com iodo e na manhã seguinte estava sarado. Mas depois do café, ao rumas para o cais, teve um acesso repentino de tosse e tornou a cuspir sangue, desta vez uma estria mais vermelha e mais grossa. Reparou na novidade. Durante o dia, na descarga de sal, as pernas molhadas até os joelhos, o sangue reapareceu por três vezes. (NI, 148)

Do verão do vento noroeste, o trabalho de Severino na estiva continua e avança sob o período das garoas do inverno:

Às três horas da manhã, vindo da cantina, onde fora tomar um café quente para espertar, tossiu e tossiu forte, como até ali ainda não o fizera. Subiu-lhe à garganta um líquido morno e doce. E não houve como impedi-la. A golfada, irresistível, projetou-se no chão. Severino arregalou os olhos apavorado. Olhou em torno para ver se não fora observado. E como sentisse vontade de ter novos vômitos, correu para as latrinas do pátio, fechando-se por dentro. Aí, à vontade, botou sangue pra fora a valer. Vendo tanto sangue jorrar-lhe da boca, com o ímpeto e volume das sangrias de bois, em Patrocínio, nos dias de feira, Severino aterrou-se, deu de tremer, alagando-se de suor. Se não sentasse, cairia. Tomou a cor do ladrilho branco que cobria as paredes. (NI, 149)

O geógrafo Carles Carreras y Verdaguer, professor de Geografia e Literatura, ao comentar as descrições dos acidentes de trabalho e do avanço da tuberculose do protagonista de *Navios Iluminados*, destacou a literatura produzida por médicos. Assim como os padres, sua formação humanista do século XIX e início do século XX os coloca como “narradores privilegiados do drama humano”. Escritores sem ser escritores, formam uma categoria profissional com acesso à “documentação humana”, matéria-prima de seus escritos ⁴⁵.

⁴⁵ CARRERAS i VERDAGUER, Carles. Curso de Geografia e Literatura da pós-graduação do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Aula de 24 de abril de 2003. Na virada de século, ainda conforme o professor, os textos produzidos por esses humanistas apontaram os caminhos para os estudos das condições demográficas. Cabe aqui um comentário de Carlo Ginzburg sobre a influência da forma de conhecimento médico na formação das ciências humanas entre os séculos XVIII e XIX, desde o caso individual até a análise dos indícios. Daí as metáforas do diagnóstico e da “anatomia da sociedade”, esta usada, por exemplo, por Karl Marx. Ginzburg vai além e aproxima a atitude do médico em relação ao paciente à do historiador em relação com seu objeto. Comparação que vem bem a calhar nesta análise histórica da atividade literária de um médico: “Mesmo que o historiador não possa deixar de se referir, explícita ou implicitamente, a séries de fenômenos comparáveis, a sua estratégia cognoscitiva assim como os seus códigos expressivos permanecem intrinsecamente individualizantes (mesmo que o indivíduo seja talvez um grupo social ou uma sociedade inteira). Nesse sentido, o historiador é comparável ao médico, que utiliza os quadros nosográficos para analisar o mal específico de cada doente. E, como o do médico, o conhecimento histórico é indireto, indiciário, conjetural”. *In*:

O conhecimento médico, vale lembrar, está na base do “paradigma moderno” brasileiro, cujos alicerces são três formas de saber técnico-científico, “a medicina (normatizando o corpo), a educação (conformando as 'mentalidades') e a engenharia (organizando o espaço)”⁴⁶. Ao se considerar um “mero fotógrafo de vísceras”, Prata inclui de uma forma bem particular o peso do saber científico da medicina na conformação da sociedade, ainda mais quando ao “mero” médico contrapõe a necessidade de escrever. Silveira Bueno descreve o amigo como “médico de profissão, mas escritor de nascimento”.

1.3 A obra de Prata frente à produção literária nacional nas décadas de 20 e 30

A década de 30 do século XX foi marcada por um vigoroso debate intelectual e político sobre a identidade brasileira em um momento de expansão industrial e urbana. Três obras do pensamento nacional marcam o período: *Casa Grande e Senzala* (1933), de Gilberto Freyre, *Evolução política do Brasil* (1933), de Caio Prado Júnior, e *Raízes do Brasil* (1936), de Sérgio Buarque de Holanda. As três têm em comum a intenção de explicar o país. A motivação de explicar o Brasil se relaciona também com a participação na vida nacional. Os intelectuais chegam a tomar parte do corpo do Estado durante o governo Vargas, num movimento simultaneamente de cooptação, por parte do governo, e de oferta de conhecimento, por parte dos pensadores. É criado o Ministério da Educação e são formadas a Universidade de São Paulo (1934), a Universidade do Distrito Federal (1935) e a Universidade do Brasil (1937, atual UFRJ).

GINZBURG, Carlo. *Sinais: Raízes de um paradigma indiciário*. In: **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. Companhia das Letras: São Paulo, 2007, p. 157.

⁴⁶ HERSCHMANN, Micael M. e PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. *O imaginário moderno no Brasil*. In: HERSCHMANN, Micael M. e PEREIRA, Carlos Alberto Messeder (orgs). **A invenção do Brasil Moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20-30**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 13.

Na literatura, a virada da década de 20 para a década seguinte presencia um desdobramento do movimento modernista. Se em 1922 o “projeto estético”, cuja base é a Semana de Arte Moderna, está à frente do movimento, “certas condições políticas especiais”, na avaliação de João Luiz Lafetá realizada em 1973, fazem com que a virada da década o “projeto ideológico” assuma a posição.

Um exame comparativo, superficial que seja, da fase heróica [do modernismo, os anos seguintes a 1922] e da que segue à Revolução [de 1930] mostra-nos uma diferença básica entre as duas: enquanto na primeira a ênfase das discussões cai predominantemente no *projeto estético* (isto é, o que se discute principalmente é a linguagem), na segunda fase a ênfase é sobre o *projeto ideológico* (isto é, discute-se a função da literatura, o papel do escritor, as ligações da ideologia com a arte). Uma das justificativas apresentadas para explicar tal mudança de enfoque diz que o Modernismo, por volta de 30, já teria obtido ampla vitória com seu programa estético e se encontrava, portanto, no instante de se voltar para outro tipo de preocupação. Veremos isso adiante. Por enquanto importa assinalar essa diferença: enquanto nos anos vinte o projeto ideológico do Modernismo correspondia à necessidade de atualização das estruturas, propostas por frações das classes dominantes, nos anos trinta esse projeto transborda os quadros da burguesia, principalmente em direção às concepções esquerdizantes (denúncia dos males sociais, descrição do operário e do camponês), mas também no rumo das posições conservadoras e de direita (literatura espiritualista, essencialista, metafísica e ainda definições políticas tradicionalistas, como a de Gilberto Freyre, ou francamente reacionárias, como o integralismo).⁴⁷

Ainda que equilibrados em medidas diferentes nos dois momentos, os projetos estético e ideológico do modernismo determinariam os parâmetros sobre os quais se produziria a literatura brasileira a partir dali. Mais recentemente, o historiador Luis Bueno concluiu que há mais “afastamento” que continuidade entre os intelectuais dos dois momentos, ainda que os romancistas de 30 sejam “credores” do período anterior.

As tensões, as recusas forçadas, a aceitação mais ou menos disfarçadas [dos preceitos de 22] foram elementos constitutivos de uma dinâmica que pôde dar origem ao romance de 30, em toda sua diversidade. Se o desejo de fazer uma arte brasileira, incluindo o uso de uma linguagem mais coloquial e uma aproximação da realidade do país, é um dado de permanência do espírito de 22 durante a década de 30, a realização estética em si mesma é muito diferente – e o predomínio do romance ao invés da poesia já é evidência suficiente desse fato. A forma de atuação é também outra. Os modernistas produziram manifestos e

⁴⁷ LAFETÁ, João Luiz. **1930: a crítica e o Modernismo**. 2. ed. São Paulo: Editora 34; Duas Cidades, 2000 (Coleção Espírito Crítico), pp. 28-29.

profissões de fé, fundaram revistas e formaram grupos, mesmo depois de estarem evidentes as diferenças dentro do grande grupo inicial. Os escritores de 30 não produziram um único manifesto estético. A principal revista do período, o *Boletim de Ariel*, não era o espaço de manifestação de um grupo ou de um movimento: era, na verdade, um empreendimento comercial da Ariel Editora, em nada semelhante à *Revista de Antropofagia* ou à *Klaxon*, ou a qualquer das revistas modernistas.⁴⁸

É nesse momento que surge o romance proletário, cuja temática é inspirada na vida dos trabalhadores dos centros urbanos e industriais. A literatura proletária se aproximava do realismo socialista, tinha a intenção de buscar os fatos, dando ao texto um caráter documental e reclamando por uma reforma (às vezes pela revolução) social⁴⁹. Algumas obras que podem ser assim caracterizadas são *O Gororoba* (1931), em que o engenheiro mecânico Juvêncio Campos relata sua experiência na construção da estrada de ferro Madeira-Mamoré, e *Parque Industrial* (publicado em janeiro de 1933), considerado o marco do gênero, no qual Patrícia Galvão narra os conflitos entre proletários e operários não politizados no bairro do Brás, em São Paulo. No mesmo ano, entre julho e agosto, ocorre o que Bueno chamou de “explosão do romance proletário”, com a publicação “praticamente simultânea” pela editora Schmidt de *Cacau*, de Jorge Amado, *Serafim Ponte Grande*, de Oswald de Andrade, e *Os Corumbas*, de Amando Fontes, que provocariam um grande debate. No mesmo bimestre, a Ariel Editora lançaria *Em Surdina*, de Lúcia Miguel Pereira, *Almas sem Abrigo*, de Miguel Osório de Almeida e os contos de *Três Caminhos*, de Marques Rebelo (BUENO: 2006, p. 159). Oswald de Andrade ainda contribuiria para a literatura proletária com *A escada vermelha* (1934), *A revolução melancólica* (1943) e *Chão* (1945). E Jorge Amado com *Capitães de areia* (1937). É dele inclusive a trilogia

⁴⁸ BUENO, Luís. **Uma História do Romance de 30**. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo; Campinas: Editora da Universidade de Campinas, 2006, p. 66.

⁴⁹ A denominação “romance proletário” e informações sobre as obras literárias acima foram encontradas também na página na internet do Centro de Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas. Disponível em <http://www.cpdoc.fgv.br/nav_historia/htm/anos30-37/ev_inteest_litproletaria.htm>. Acesso em: 04 jun. 2004.

Subterrâneos da Liberdade (1954), cujo segundo volume, *Agonia na noite*, narra os destinos de estivadores e militantes comunistas no porto de Santos.

Em resenha sobre o relançamento em 2006 de uma nova edição de *Parque Industrial*, o poeta Régis Bonvicino destaca o momento de extremismo político daquele período:

A polarização política do mundo, entre comunistas e fascistas, que ocorreu nesta década, pautou igualmente as artes, que, pouco a pouco, na maioria de suas manifestações, foi deixando de lado as experiências internacionais e nacionais de vanguarda dos anos 1910 e 1920 para entrar num universo mais “realista”, “denuncista”, “engajado” e “partidário”, que Carlos Drummond de Andrade sintetizaria com felicidade no poema *Nosso Tempo*, de *A Rosa do Povo*, de 1945, ano da queda de [Getúlio] Vargas: “Este é tempo de partido / tempo de homens partidos”.⁵⁰

Luis Bueno caracterizaria a produção específica da década de 30 da seguinte maneira:

No caso do romance de 30, a formação da consciência de que o país é atrasado canalizou todas as forças. Produziram-se romances que se esgotavam ou na reprodução documental de um aspecto injusto da realidade brasileira ou no aprofundamento da mentalidade equivocada que contribuiria para a figuração desse atraso. O herói, ao invés de promover ações para transformar essa realidade negativa, servia para incorporar algum aspecto do atraso. Em *O Amanauense Belmiro* ou em *angústia*, é o intelectual que faz esse papel; em *Os Corumbas* é o operário; em *Vidas Secas*, o camponês; em *Mundos Mortos*, a burguesia; em *Mãos Vazias* ou em *O Amanhecer*, a mulher. (BUENO, 2006, p. 78)

Em *Navios Iluminados*, o herói que incorpora o atraso nacional é o estivador.

Os artistas e intelectuais tratavam em suas obras das questões sociais que estavam na ordem do dia e participavam do debate político-ideológico de cores fortes entre comunismo, liberalismo e fascismo que mobilizava o mundo. Nos livros publicados por uma indústria editorial em expansão, aprofundava-se a temática da cultura negra, indígena e caipira. Através da literatura proletária e do romance regionalista fazia-se a crítica dos valores da sociedade

⁵⁰ BONVICINO, Régis. *Parque Industrial, pioneiro ousado*. Estado de S. Paulo. Caderno 2, 18 mar. 2007, p. D5.

patriarcal e oligárquica identificados com o tempo passado. Interessava agora retratar a vida do homem comum das cidades e dos sertões ⁵¹.

Prata escreve seu romance sobre o bairro portuário na segunda metade da década em que as obras da literatura proletária chegavam aos leitores. No momento de sua publicação, conta Paulo de Carvalho-Neto, *Navios Iluminados* não foi bem recebido pela crítica de esquerda (“radicalismo de esquerda”), talvez porque no romance não há qualquer menção, e muito menos tomada de posição em relação a acontecimentos históricos como a Revolução de 30 ou o *crash* de 1929 que afetou consideravelmente o comércio do café brasileiro e, conseqüentemente, as atividades de seu principal porto exportador – duas linhas ao final do capítulo 10 (p. 97 da 4ª edição) mencionam rapidamente a queima de dez milhões de sacas de café na Alemoa (hoje bairro industrial) sem qualquer referência à crise internacional. Não se fala também da Revolução de 30 ou de eleições na cidade durante o período abordado no texto:

Navios Iluminados, dizia Tasso da Silveira (1938), “não flui da fonte libertária”; ao contrário, era um livro “visivelmente de inspiração cristã”. Na apreciação de Oscar Mendes (1938), o autor afasta-se “dos clichês da chamada literatura proletária”, sem por isso deixar de reclamar uma “reforma social”, mas que não deixasse de ter um lugar para a “caridade”. (CARVALHO-NETO, 1974, p. 7)

Em 20 de fevereiro do mesmo ano, Nelson Werneck Sodré faria, porém, um elogio ao romance:

Os dotes de romancista já revelados pelo autor em outros livros, surgem, neste, mais fortes e mais nítidos. O sr. Ranulpho Prata como que se encontra na plenitude da sua força de

⁵¹ Centro de Pesquisa e Documentação História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas. *Anos de incerteza (1930-1937). Os intelectuais e o Estado*. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/nav_historia/htm/anos30-37/ev_inteest001.htm>. Acesso em: 04 jun. 2004.

escritor. O fundo trágico e revoltado de sua obra é amenizado por uma larga dose de sentimento que a anima e lhe infunde mais cor e mais beleza.⁵²

Além da militância na literatura, o período marcava também a participação de intelectuais na administração pública ou em organizações. Os intelectuais

engajam-se resolutamente nas associações, movimentos e ligas que proliferam após 1930 [...]. O ativismo conquistou também os intelectuais, de maior ou menos envergadura, católicos, reacionários ou revolucionários, que aderiram às Legiões, fundaram centros, desencadearam movimentos e sonharam com a tomada do poder.⁵³

Era comum e esperava-se a engajamento dos escritores nas causas sociais, pressionadas entre liberalismo, fascismo e comunismo do período entreguerras. Pelos relatos de Primo Vieira e Paulo de Carvalho-Neto, não sabemos de qualquer filiação política de sua parte. Ele era muito próximo, porém, de Jackson de Figueiredo, que considerava seu melhor amigo, ao lado de Martins Fontes, e responsável por sua conversão ao catolicismo. Figueiredo é descrito em seu perfil no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC-FGV) como “ponto de referência na história do catolicismo brasileiro como organizador do movimento católico leigo”⁵⁴. Ele funda entre 1921 e 1922, o Centro Dom Vital e a revista *A Ordem*, porta-voz do pensamento católico nacional. Como Prata, Figueiredo era sergipano, nascido em Aracaju em 1891. Sua ação refletia, conta Sergio Micelli, uma diretriz da Igreja católica de “ampliar suas esferas de influência política mediante a criação de uma rede de organizações paralelas à hierarquia eclesiástica e geridas por intelectuais leigos”⁵⁵. Os

⁵² WERNECK SODRÉ, Nelson. “Livros novos. *Navios Iluminados*”. *Correio Paulistano*, 20 de fevereiro de 1938. *Apud* CARVALHO-NETO, Paulo de. *Op. cit.*, p. 7.

⁵³ PECAUT, Daniel. *A geração dos anos 1920-40. In: Os intelectuais e a política no Brasil*. s.l, Ática, 1989.

⁵⁴ Centro de Pesquisa e Documentação História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas. *Jackson de Figueiredo*. Disponível em:

<http://www.cpdoc.fgv.br/nav_historia/htm/biografias/ev_bio_jacksondefigueiredo.htm>. Acesso em: 17 out. 2007.

⁵⁵ MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p 127.

pensadores católicos tendiam a ignorar os fatores sociais, econômicos e políticos reduzindo-os “a um problema de caráter moral”⁵⁶.

Essa subordinação dos temas humanos à cosmovisão católica acaba interferindo também na crítica cultural e literária dos intelectuais ligados ao catolicismo, cujo principal nome é Tristão de Athayde, pseudônimo de Alceu Amoroso Lima (1893-1983), ele mesmo convertido ao catolicismo pelas mãos de Jackson de Figueiredo em 1928, mas crítico literário desde 1919. Desta maneira ele escreveria sobre o processo de reduzir o espaço literário em sua produção:

Mas sempre na convicção de que, longe de abandonar a crítica, esse passo avante me levaria também, não apenas a satisfazer uma fome invencível de conhecer, mas ainda um poder de analisar, com mais fidelidade, as obras e os autores submetidos à minha própria e limitada visão crítica. Tanto assim que não abandonei a crítica, a partir de 1928, e apenas procurei alargá-la, passando a preocupar-me com livros e problemas não estritamente literários, nem predominantemente brasileiros. Alargando assim o que julgava ser o domínio da minha atividade crítica, ia também com isso abandonando a crítica militante e literária, para me ocupar, predominantemente, com outros domínios do pensamento e da ação. Pois já então as exigências da própria Verdade, que tranqüilizara a minha sede de plenitude, me levaram a sair daquela *splendid isolation* do início e a vir para o domínio ingrato da vida ativa e do 'apostolado cristão'.⁵⁷

Da participação de Prata em organizações católicas geridas por intelectuais leigos só temos a notícia da tratativa de Figueiredo em fazer do amigo sócio-fundador de uma livraria católica (VIEIRA, 1961-1962, p. 26). Apesar de não haver registro de sua militância católica, a doutrina ficaria marcada em seu trabalho de escritor, tendo a resignação católica como um dos principais componentes de sua obra, cujo maior exemplo é a tragédia do protagonista de *Navios Iluminados*, José Severino de Jesus. Um exemplo é a cena a seguir, transcrita do último capítulo,

⁵⁶ SALEM. *Do Centro D. Vital à Universidade Católica*. In: SCHWARTZMAN, Simon (org). **Universidades e Instituições Científicas do Rio de Janeiro**. Brasília: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), 1982, pp. 97-134. Disponível em : http://www.schwartzman.org.br/simon/rio/tania.htm#_ftnref1. Acesso em: 28 set. 2007.

⁵⁷ TRISTÃO DE ATHAYDE. **Estudos literários**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Aguilar, 1966, p. 34. *Apud* LAFETÁ, João Luiz. *Op. cit.*, pp. 80-81.

na qual Severino, já castigado pela tuberculose, recebe a visita do irmão Gonçalo, que procurava trabalho em Santos. Ele dá notícia do destino dos demais irmãos: Manoel havia ido para o sertão de Pernambuco, Bispo sentara praça em Salvador e Zeferino tinha virado agregado do Major Guedes. A resposta de Severino coroa o tom de resignação do romance:

– Pelo meu gosto, você voltava, meu irmão. Não se lembra de que a mãe dizia que a sorte de pobre é torcida? Agora estou crente que é mesmo. Não está me vendo? Não há canto no mundo onde pobre não sofra. É sina que Deus lhe deu. E toda sina tem que ser cumprida. Quem tem forças pra fugir? Aqui ou lá, é a mesma coisa. Não tem apelo. Sendo assim, o melhor é ficar no lugar onde nasceu.
O cigarro e a conversa provocaram-lhe tosse.
– Aceite o meu conselho de mais velho, de quem já passou o seu pedaço, está cheio de desenganos e mais para a morte que pra vida. Volte para trás e fique pensando lá mesmo. (NI, 178)

“É sina que Deus lhe deu”: a frase confirma a resignação religiosa que aparece no texto, mais propriamente cristã e católica. Sangue do sangue, carne da carne – para ficarmos em imagens cristãs – Gonçalo substitui Severino entre os “magotes de homens” que esperam por uma vaga à frente da Companhia Docas de Santos, o que reproduz eternamente o sofrimento (o sobrenome Jesus não aparece ao acaso). Na década de 60, o poeta chileno Pablo Neruda voltaria ao tema do estivador substituído facilmente no trabalho no poema *Santos Revisitado*, cujo trecho final da primeira parte é repetido abaixo:

... Terra maldita, espero
que arrebetes um dia, de alimentos, de sacos mastigados,
e de eterno suor de homens que já morreram
e foram substituídos para continuar suando.⁵⁸

⁵⁸ PABLO NERUDA. *Santos Revisitado (1927-1967)*. In: **A Barcarola**. Tradução de Olga Savary. Porto Alegre: L&PM, 2007, p. 130.

Outra passagem do livro fortemente marcada por impressões católicas é a da estada de José Severino de Jesus no pavilhão de tuberculosos da Santa Casa, no qual, de seu leito, vê na sala ao lado um altar com a imagem da santa Imaculada Conceição:

Fitando a santa, que tinha as mãos erguidas, num suavíssimo gesto de benção, as feições tristes, baixando sobre seu coração uma tranqüilidade doce, tão doce que lhe fechou os olhos por alguns instantes. Neste minuto extraordinário depôs sua alma aos pés da santa, agarrando-se com ela, num desespero de afogado. Mentalmente, sem mesmo chegar a balbuciar, pediu, rogou, fez promessas iguais às de Nosso Senhor do Bonfim. Já que viera ter ali, ficar debaixo da proteção daquela imagem, devia também pegar-se com ela o que podia valer com mais presteza, pois estava vendo de perto a sua angústia. (NI, 165-6)

Em *Ranulpho Prata, quase esquecido*, o professor Monsenhor Primo Vieira descreve neste texto de 1961-1962, quando era professor da Filosofia da Universidade Católica de Santos, a crescente religiosidade do autor em seus últimos anos de vida. Prata planejava após a publicação de *Navios Iluminados* escrever um romance sobre sua conversão à prática católica, cujo nome seria *Luz na Montanha* (VIEIRA, 1961-1962, p. 26). Vieira escreve sobre a amizade entre Prata e Jackson de Figueiredo, pensador católico que, ao lado de Alceu Amorosa Lima, formava uma corrente bastante significativa do pensamento nacional naquele momento. Quando Figueiredo morre, em 1929, oito anos antes da publicação de *Navios Iluminados*, Prata escreve um texto no qual revela que, “espiritualmente, tudo lhe devia”. Nesse texto, percebe-se já a faceta religiosa do autor:

**Deixaste a tua marca nos corações dos teus amigos e o legado de teu exemplo. Exemplo de fé, exemplo de dignidade, exemplo de bondade.
Se não cresse, o teu desaparecimento cruelíssimo faria a blasfêmia roçar nos meus lábios.
Mas creio. E resigno-me.**

Bem disseste naquelas últimas palavras que escreveste para nós, no livrinho consolador de Moysés Marcondes: “para a alma cristã não há sofrimento ou angústia que não se possa transformar em razão superior de vida – ainda mais cristã e mais santa”.⁵⁹

⁵⁹ Vários Autores. **Jackson de Figueiredo (1891-1928) – In Memoriam**. Rio de Janeiro: Edição do Centro D. Vital, 1929.

Primo Vieira, que teve acesso à “amiudada” correspondência trocada entre os dois, conta que, por mais de uma vez, Figueiredo havia convidado Prata a ser sócio em uma livraria católica. Ele destaca também o papel “apostólico” de Figueiredo na formação de Prata. É do pensador católico uma das primeiras apreciações sobre a obra de Prata. Em 3 de setembro de 1918, Figueiredo publica no jornal *A Notícia*, do Rio de Janeiro, uma crítica a *O Triunfo* chamada *Carta a um jovem romancista*, na qual já aparecem os temas do calvário e da busca por iluminação divina. Entre os conselhos:

Viva, isto é, sofra, aprofunde o seu próprio incontentamento e há de ver que o que mais lhe dói e mais o magôa, é não ser a vida o que pudera ser, se Jesus fosse um exemplo e não um puro símbolo, como é para quasi [sic] todos nós que só vemos o sacrifício no cume da montanha.⁶⁰

Essa imagem, continua Primo Vieira, ficaria marcada na consciência de Prata, que chegou a pensar na realização de um romance, *Luz na Montanha*, a partir de sua vivência católica, obra que permaneceu apenas esboçada com o desaparecimento do autor em 24 de dezembro de 1942, a qual o professor de filosofia encontrou em um velho caderno de Prata o enredo central do que viria a ser o romance:

O personagem principal da ficção é Pedro Alencastre. O físico é franzino e miserável, mirrado; parece uma criança doente. Além de tudo é epilético. Sofre de ataques constantes. É um artista, grande intelectual, escritor e dramaturgo. É ateu. O seu pai, Julio, enriqueceu, a custa de negócios escusos, falências fraudulentas, etc. E vive sequioso de dinheiro. É só o que pensa: só que deseja, é só o que cuida. É homem fisicamente grosseiro, de grande estatura, maxilares possantes e riso grosso. A sua mãe Ana (nome da mãe de Ranulfo) [o comentário é de Primo Vieira] é o inverso. É franzina e delicada como uma criança. Religiosa e mesquinha. Julio e Ana vivem mal, em quartos separados, sempre questionando. Pedro tem um irmão, José, que é de corpo um rapagão, estroina e mulherengo. De espírito, não lê um jornal. Até os vinte e quatro anos viveu com a família, onde só tinha motivos de sofrimentos, porque o pai não o ligava; a mãe era carinhosa, mas de alma mesquinha, sem caridade e sem generosidade.

⁶⁰ FIGUEIREDO, Jackson de. *Carta a um jovem romancista*. *A Notícia*. Rio de Janeiro, 03 set. 1918. *Apud* VIEIRA, Monsenhor Primo. *Op. cit.*, p. 10.

Maltratava os criados, fazendo questão de todo o tostão, dando pouca comida, etc. E o irmão o maltratava com a sua saúde e pouco caso. Pedro tem um amigo médico: Roberto. Pouco depois Pedro tem um acidente, e um ataque, e cai sobre um fogareiro de álcool.⁶¹

Antes de transcrever parte do manuscrito, Primo Vieira qualifica *Luz na Montanha* de “confidencial” pelo paralelo da “tomada de consciência católica perante o problema da vida” tanto por parte de Prata quanto do protagonista de sua obra inacabada. A semelhança entre os dois não é de profissão, como entre Prata e o médico de *Dentro da Vida*, mas de fragilidade física. A descrição que Prata traça de seu protagonista da obra inacabada (franzino, mirrado) é muito próxima da que Silveira Bueno traça do próprio autor, ao lembrar do dia em que se conheceram, à época da publicação de *O lírio na torrente*: “era bem menor do que eu e, sobretudo, franzino”. Além do porte semelhante, Prata também passou pela experiência da doença. Teve, descreve Primo Vieira, um abscesso pulmonar, tratado entre 1924 e 1925. Ao invés do médico recém formado que passa a clinicar no interior de *Dentro da Vida*, em *A Luz na Montanha* o motivo católico seria o sofrimento do protagonista como oportunidade para a iluminação cristã.

O tema da doença está também na conferência *Servidão e grandeza da doença*, pronunciada na Associação dos Médicos de Santos em 18 de outubro de 1940. Dois anos antes de morrer, Prata disse que o “tumulto” dos órgãos humanos um dia “murcha como um balão furado”, e que a vida interior é que interessa:

A verdadeira vida é a espiritual, buscando-a e aprofundando-a, não fazendo mais do que aperfeiçoar o que há de melhor em nós, do que desenvolver o lado essencial do que constitui a

⁶¹ PRATA, Ranulpho [anotações do autor]. *Apud* VIEIRA, Monsenhor Primo. *Op. cit.*, p. 26.

nossa individualidade. A espiritualização é o primado da vida humana, seja ela qual for, cristã ou não.⁶²

Primo Vieira também comentou a conferência em seu perfil sobre o autor de *Navios Iluminados*, em que destaca outra passagem sobre sofrimento e doença, na qual observa o “acentuado misticismo em Ranulfo [sic], que crescia, mais e mais, à medida que se aproximava do fim”:

Quando os discípulos perguntavam a Jesus na presença do cego na nascença: 'Quem pecou, este ou os seus pais para que ficasse cego?' o Mestre respondeu: 'Nem ele pecou, nem seus pais'. A doença não é necessariamente o sinal de ira de Deus ou seu castigo. Nesse episódio, Jesus recusa a lançar a culpa no cego, nos pais ou em Deus. Diz apenas que a doença é uma oportunidade para fazer as obras de Deus.⁶³

Apesar da crescente prática do catolicismo em sua vida, não há indícios da participação de Prata como militante do pensamento católico daquele momento. A única intervenção de Prata no debate político do momento anotada na pesquisa ocorre em 1932, quando, lembra Monsenhor Primo Vieira, defendeu Martins Fontes, seu amigo, médico, também escritor, e anarquista, quando este foi afastado do cargo de diretor do Hospital Guilherme Álvaro após o “movimento” de 1932. Vieira destaca que Prata foi a “única voz corajosa que se levantou pela imprensa em dois magníficos artigos da Gazeta: ‘Martins Fontes, médico’ em protesto justiceiro de indignação”

Prata ainda faria parte, como 1º secretário, da Sociedade Amigos do Dr. Martins Fontes de Santos, fundada em novembro de 1939 em solenidade na Sociedade Humanitária dos Empregados no Comércio de Santos, dois anos após a morte de Fontes, em junho de 1937. As

⁶² PRATA, Ranulpho. *Servidão e grandeza da doença*. **Boletim da Associação dos Médicos de Santos**. Volume I, 1940. *Apud*: DOMINGUES, Marildo Pires. *Op. cit.*, p. 64. O nome da conferência está na introdução de Paulo Dantas a PRATA, Ranulpho. *Op. cit.*

⁶³ PRATA, Ranulpho. *Op. Cit. Apud*: VIEIRA, Monsenhor Primo. *Op. cit.*, pp. 11-12. A manifestação da doença como oportunidade de praticar os valores cristãos está presente também no enredo de *Dentro da vida*.

atividades do grupo eram acompanhadas por agentes do DEOPS, que registraram um prontuário sobre a assembléia de inauguração ⁶⁴. Martins Fontes era filho do também médico Silvério Fontes, um dos fundadores em 1889 em Santos do Círculo Socialista Brasileiro, que defendia a criação de um Partido Socialista no país ⁶⁵. O próprio romance *Navios Iluminados* é dedicado a Martins Fontes. Inclusive o doutor Luciano, médico que atende Severino no pavilhão de tuberculosos da Santa Casa (hospital onde Prata trabalhou como médico) pode ser identificado como Fontes, devido à sua personalidade ⁶⁶.

A própria introdução de Prata ao documentário *Lampião* pode ser considerada outra manifestação política do autor. Ali, em 1934, o autor responsabiliza a omissão do governo federal em permitir a ocorrência do cangaço:

Mas, em lugar da ação severa e imediata [do Estado Novo, “regime de ditadura, ante o qual desapareceriam as susceptibilidades das autonomias estaduais”], que esperávamos ardentemente, como a realização de um sonho caro, tivemos apenas duas companhias do Exército, do 28 e 19 B.C., localizadas em Anápolis e Geremoabo e fragmentadas em destacamentos fixos pelas vilas vizinhas. Fixos, frizemos, sem ordem para um passo além da orla das casas. [...] E tudo, todas as providências que aguardávamos com ansiedade de alma da República Nova, se reduziram àquela vilegiatura forçada de duas companhias do Exército em clima sertanejo. ⁶⁷

Mas, apesar do forte conteúdo social de *Navios Iluminados*, antecipado pela denúncia de *Lampião*, não se pode caracterizá-lo como um representante típico da literatura proletária. Não há no romance referências ideológicas defendidas pelo narrador ou pelos personagens, apesar da

⁶⁴ DEOPS. Prontuário 27395 [sintetizado]. In: TAVARES, Rodrigo Rodrigues. *O porto vermelho: a maré revolucionária (1930-1951). Módulo VI - Comunistas*. Coleção Inventário DEOPS. São Paulo: Arquivo do Estado; Imprensa Oficial: 2001, p. 198.

⁶⁵ PERICÁS, Luiz Bernardo. *José Carlos Mariátegui e o marxismo*. In: MARIÁTEGUI, José Carlos. *Do sonho às coisas: retratos subversivos*. Tradução, organização e introdução Luiz Bernardo Pericás. São Paulo, Boitempo, 2005, p. 10.

⁶⁶ Martins Fontes é também a figura histórica em que se baseia Adeldo Gonçalves na construção do médico e poeta que é o personagem principal do romance *Barcelona Brasileira*.

⁶⁷ PRATA, Ranulpho. *Op. cit.*, p. 21.

revolta de Felício com as condições de trabalho. A exceção é Valentim, funcionário especializado das oficinas da Companhia Docas e líder sindical. O narrador não faz qualquer menção à ideologia do personagem, que aparece em três passagens do livro. Depois de ter sido preso após uma confusão no sindicato dos estivadores, ele é expulso de casa pelo pai, empregado há mais de 20 anos da companhia, e parte para São Paulo, a fim de continuar com a vida sindical, e deixa a narrativa. Não há em *Navios Iluminados* qualquer semelhança com *Parque Industrial*, de Patrícia Galvão, ou *Agonia na noite*, de Jorge Amado, narrativas recheadas de propaganda comunista, principalmente quando mostra a tomada de consciência de uma das personagens⁶⁸, ou com as demais obras que caracterizam o momento. Ao contrário do otimismo revolucionário dos primeiros anos da literatura proletária, a tragédia do protagonista José Severino de Jesus revela sim um tom resignado que permeia toda a obra. Sem o horizonte revolucionário da literatura proletária, o romance de Prata transita entre a denúncia social e o catolicismo resignado.

O realismo de Prata, determinado pelo contato do autor com o material narrado e pela resignação, não é apenas o da denúncia das condições sociais, mas principalmente o da descrição das conseqüências das más condições sociais e de trabalho sobre o corpo dos personagens⁶⁹. É um realismo do corpo presente (“gostaria sinceramente de poder viver uma vida exclusivamente física”), cujo calvário do protagonista José Severino de Jesus (ressalta-se novamente o sobrenome) é o principal componente. O próprio termo é aplicado pelo autor logo no primeiro capítulo para mostrar o sofrimento de Severino na esperança de conseguir um emprego enquanto passa pelo “martírio do dia ocioso”, em “horas gastas a bater perna pelas ruas, de cara para cima,

⁶⁸ BONVICINO, Régis. *Op. cit.* lembra que Patrícia Galvão assinou o romance *Parque Industrial* com o pseudônimo Mara Lobo para evitar atritos com o Partido Comunista, ao qual era filiada.

⁶⁹ Sobre o realismo: “Na literatura moderna [século XIX], qualquer personagem, seja qual for o seu caráter ou posição social, qualquer acontecimento, fabuloso, político ou limitadamente caseiro, pode ser tratado pela arte imitativa de forma séria, problemática e trágica, e isto geralmente acontece. AUERBACH, Erich. **Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental**. São Paulo: Perspectiva, 2007 (1946), p. 27.

como gente ruim” (p. 13). Com a vaga de Severino já conquistada na Companhia Docas de Santos (CDS), Prata descreve de forma bastante física a expectativa do personagem em começar o trabalho (“Queria partir logo para o trabalho, com ânsia e sofreguidão. Os seus braços desejavam o que fazer, o corpo todo pedia labuta, ação, movimento”, p. 44) e o impacto do primeiro dia nas oficinas da CDS (“Quando se deitou nessa noite, Severino estava de corpo moído. Todos os músculos lhe doíam, como se estivesse sido pisado a patas de cavalo. Mas sentia-se feliz”, p. 49).

De um rebite de aço incandescente que pula em seu braço logo nos primeiros dias na oficina (“quinze dias com a chaga”, p. 51) até a incapacidade de carregar cargas na estiva devido ao avanço da tuberculose, uma das histórias que conta o romance é a do corpo de Severino como vítima das más condições de trabalho e moradia no porto de Santos. Pode-se enumerar ainda o carvão que rói o corpo no serviço de draga (sua segunda ocupação na CDS, p.66); a peça que os demais estivadores da turma 65 lhe pregam em seu primeiro dia de trabalho na estiva (p. 75); e as cargas que entesam os músculos do tórax (p. 75). Mesmo em um dos poucos momentos de felicidade de Severino, quando ele acaba de se casar com Florinda, percebe-se a natureza agressiva de seu trabalho:

Não sentia a ruindade das cargas: o sal e o enxofre que lhe queimavam o rosto e as canelas; o frio das carnes congeladas; caixas de banha de setenta e cinco quilos que lhe dobravam o lombo; tambores de soda vazando cáustico nas mãos; os rolos golpeantes de arame farpado. (NI, 129)

Não há como verificar a influência da leitura da Bíblia em *Navios Iluminados*, mas essas passagens concordam com o que Eric Auerbach escreveu sobre os relatos bíblicos, que “têm um efeito bastante vital também no campo sensorial... [que] se deve ao fato de que os sucessos éticos,

religiosos, interiores, que são os únicos que lhe interessam, se concretizam no material sensível da vida”⁷⁰.

1.4 A Nova Dúvida

O tom resignado de *Navios Iluminados* é exemplar do que Luís Bueno chamou de “romance da nova dúvida”. São obras escritas a partir de 1937 que apontam para o esgotamento do romance proletário. E é justamente Ranulpho Prata, com seu *Navios Iluminados*, quem inaugura essa vertente dos anos finais da década de 30, cujo maior representante, ainda de acordo com o historiador, é *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, publicado um ano depois do romance de identidade portuária, cujo estilo seco e sem adjetivos replica no campo narrativo o que a realidade dos movimentos populacionais é para o protagonista, o retirante Fabiano, assim como é também para José Severino.

O romance é representativo do tempo da nova dúvida porque “não vê para o problema da pobreza soluções fáceis – aliás, nem fáceis nem difíceis: as soluções simplesmente não se apresentam no romance de 1937” (BUENO, 2006, p. 494). Apesar de não ignorar diferenças, Bueno põe lado a lado *Navios Iluminados* e *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, aclamado romance de 1938, conhecido pela secura do texto, expressão literária da inadaptabilidade do migrante Fabiano e sua família:

⁷⁰ AURBACH, Eric. *Op. cit.*, p. 11. Mais à frente (pp. 61-62), Auerbach mostra como a Paixão de Cristo age como matriz dos relatos do cotidiano e da decadência física na literatura ocidental: “Que o Rei dos Reis tenha sido escarnecido, cuspidado, açoitado e pregado na cruz, como um criminoso comum, – este relato aniquila totalmente, tão logo domina a consciência dos homens, a estética da separação dos estilos [extremamente separados na literatura da antiguidade]. Produz um novo estilo elevado, que não despreza absolutamente o cotidiano, e que incorpora em si o realismo sensorial, até o feio, o indigno, o fisicamente baixo...”.

Os períodos curtos, diretos, onde os substantivos predominam, remetendo ao mundo da concretude, tão típicos do autor de *Vidas Secas*, constituem a essência da linguagem de *Navios Iluminados*. (BUENO: 2006, p. 494)

Outra semelhança que o pesquisador do período literário observa entre os dois romances é o “movimento pendular” entre breves momentos de esperança frustrados pela irrealização de qualquer mudança:

Navios Iluminados é um romance estruturado sobre essa nova visão desesperançada que começa a dominar no final da década. Esse movimento pendular – que, como se verá, está também na base da estrutura do mais importante romance do final da década (e talvez de toda a década), *Vidas Secas* –, entranhado no desenvolvimento das ações do romance, dá uma representação artística exemplar ao espírito daqueles anos em que uma guerra decisiva parece inevitável e os ideais que pensavam uma sociedade pós-liberal justa têm que ser adiados. (BUENO, 2006, p. 496)

Pode-se ainda aproximar os dois romances por meio do parentesco literário entre José Severino de Jesus e Fabiano, os protagonistas dos romances do cais e do sertão. Os dois são retirantes: um, no sertão, de fazenda a fazenda; outro, migrante, no cais do porto. Os dois também partilham uma inabilidade com as coisas dos homens, são desajeitados no manejo social (ver capítulo 3). São personagens característicos da década em que a narrativa ficcional buscava a expressão do outro, do pobre, daquele que não escreve ⁷¹. O livro de Luís Bueno mostra como isso ocorre em *Navios Iluminados*:

O terceiro capítulo, um dos mais bem acabados do livro, mostra como o pêndulo se move com dificuldade no caminho da esperança e da felicidade. A primeira dificuldade depois de tudo parecer assegurado [a vaga no trabalho] é enfrentar o mau humor do funcionário responsável, cansado de atender a tantas solicitações. Vencida essa fácil contrariedade, lá vêm outras. São necessários papéis e fotos, que custam mais de cem mil-réis. É preciso conseguir dinheiro emprestado a juro alto, portanto. É preciso fazer um exame médico e arranjar algum desembaraço para se deixar fotografar pela primeira vez. Essas idas e vindas de Severino, narradas com vagar quase mórbido, fazem com que o tempo passe lento na narrativa, especialmente por contrastar com o rápido avançar de dois meses nos capítulos anteriores. A distância que o narrador mantém do universo do personagem, jamais traído em

⁷¹ Uma interessante especulação seria imaginar se Ranulpho Prata e Graciliano Ramos leram os livros um do outro ou até se mantinham algum contato mais estreito já que no espaço de um ano publicariam suas principais obras pela mesma editora, a José Olympio.

qualquer gesto de solidariedade ou observação que indique algum julgamento, contribui para que se construa esse tipo de efeito, já que é como se nada separasse a aflição do protagonista do leitor. (BUENO, 2006, p. 497)⁷²

Bueno cita um trecho curto do romance portuário que dá dimensão histórica ao que é narrado: a cena mostra o protagonista na noite de descanso do primeiro dia de trabalho após meses de indefinição; por companhia, tem o dono do chalé para quem paga pensão; além deles, o infindável trabalho doméstico das mulheres e a “quase escravidão” de Florinda, filha do proprietário do quarto que Severino dividia com Felício, que engomava roupas no porão.

Luís Bueno termina da seguinte forma sua apreciação do romance de identidade portuária:

Navios Iluminados é um dos mais significativos romances do final da década. Embora não tenha tido nada o sucesso de Os Corumbas – e em grande medida porque o romance social entusiasmava menos nesses tempos de dúvida que ele próprio contribui para definir –, o romance de Ranulpho Prata tem todas as suas qualidades, acrescidas da escrita madura de um autor já veterano, que conhecia bem seus meios de expressão. Embora não seja um livro de todo desconhecido – já teve três edições, a última de 1996 – permanece menos lido do que deveria ser. (BUENO, 2006, p. 503)⁷³

1.5 Recepção crítica

A história editorial de *Navios Iluminados* começa em 1937 com sua publicação pela Livraria José Olympio, e, em 21 de dezembro desse ano surge a primeira nota sobre a obra, no diário A Gazeta, de São Paulo. O autor da pequena notícia identifica o romance como obra do “laureado autor de *O Lírio na Torrente*”, obra anterior, de 1925, e adverte seus leitores:

⁷² AUERBACH, Erich. *Op. cit.*, por sua vez, caracteriza o movimento pendular como outra contribuição do cristianismo à literatura ocidental e a uma diversa concepção trágica, na qual a fé substitui o destino, p. 36.

⁷³ Na pesquisa para esta dissertação, foram encontradas quatro edições, que serão listadas mais na seção seguinte, além de uma tradução de *Navios Iluminados* para o espanhol publicada em 1940. Em espanhol há também uma edição em braile, publicada pela Biblioteca Argentina para Cegos em 1971. Disponível em: <<http://www.bac.org.ar/servicios/braille/index.php?genero=NOVELAS>>. Acesso em: 12 dez. 2007. *Os Corumbas*, de acordo com Bueno, ocupa “posição fundamental” na caracterização da produção romanesca da década de 30.

A rápida leitura que fizemos de *Navios Iluminados* não nos permitiu ainda fixar um juízo definitivo acerca do novo livro do sr. Ranulpho Prata; mas já podemos adiantar que se trata de um belo romance.⁷⁴

A partir do início de 1938, novas análises são publicadas. Em O Diário, de Santos, Antonio de Villaverde escreve em 06 de janeiro sobre a “enorme” distância que separa *Navios Iluminados* de *O Lírio na Torrente*. E não é só a distância no tempo. Para Villaverde, os personagens da ficção de 1925 são delineados como esboços, ainda que “liricamente”, enquanto o romance de 1937 traz caracteres e tipos de “feição natural”, o que, “além de os humanizar, mostra-os na nudez dos seus instintos”.

O resenhista traça com cores fortes as características do protagonista, José Severino de Jesus, migrante do sertão da Bahia que tenta ganhar a vida como estivador no cais de Santos:

Severino – razão de ser do livro – é o continuado sofrimento da besta de carga que a máquina (...) vai, aos poucos, substituindo.

Mais à frente, o crítico utiliza o termo “kodaquizar” para dizer que Prata fez em seu romance um retrato da dura vida dos trabalhadores das Docas, “em que a riqueza dos outros é transportada em ombros humanos”, ombros daqueles que “nasceram com a sorte torcida” (agora a expressão é do próprio Prata).

Em A Gazeta, já em 25 de setembro, desta vez em um texto mais extenso, o resenhista, identificado pelas iniciais B.B., considera *Navios Iluminados* a melhor obra de Prata, “cujo estilo escorreito, se não possui muita arte, também não incide nos efeitos de brilho fácil”. B.B. considera escrita de Prata equilibrada e bem legível, o que não é lá um elogio:

⁷⁴ Cópia anexa a RAMOS PESTANA, Sonia Maria. *Op. cit.*

O sr. Ranulpho Prata consegue nos dar uma certa impressão de “força” na simplicidade da narrativa. A vida dos taifeiros de Santos é descrita com vigor plástico, num realismo absolutamente despido de artifícios. E o livro comove pela objetividade e a boa fé, pois jogando com elementos muito explorados por certos romancistas modernos, o autor teve a felicidade de não fazer “romance proletário”.

Apesar de constatar o realismo da narrativa do autor, o resenhista diz com todas as letras que a obra não é um romance proletário, revelando uma recepção imediata semelhante à análise que Luís Bueno faria em 2006, na qual afasta *Navios Iluminados* do romance proletário, dando-o como iniciador do momento da “nova dúvida”. A expressão “felizmente” aponta a ressalva do resenhista com a literatura proletária, que se forma durante a segunda fase do modernismo, mais política, enquanto a primeira, da década anterior, tinha uma plataforma mais ligada aos efeitos estéticos da escritura, ainda que os dois momentos fossem marcados por transformações na linguagem literária, trazendo para a ficção a fala coloquial e outros motivos que, para os modernistas, iriam arejar e renovar as letras nacionais ⁷⁵.

Villaverde, Jair Silva e B.B. aproveitam o “estilo escoreito” de Prata para reagir ao impulso literário modernista. B.B. acredita que os “equilibrados” livros de Prata, apesar de não se arrojamem à descoberta de “novos horizontes”, fogem dos “excessos e arbitrariedades tão freqüentes” daquele momento. Para o crítico mineiro, o uso do baixo vocabulário estava tão comum que até ironizou: “Apesar da falta de imoralidade, a leitura não deixa, nem um instante, de ser agradável”. Villaverde, por sua vez, concluiu sua crítica, direto e sem ironias:

Afinal, um livro sincero e bem escrito, o que é notável nos dias de hoje, em que a mentalidade se encarreira para uma arte feita de palavrões, que pode ser o regalo de muitos, mas, positivamente, fere a estesia [sentimento do belo] dos que, por infelicidade, ainda sabem ler.

⁷⁵ Um exemplo desse embate é o artigo em que Mário de Andrade ataca a poesia parnasiana de Martins Fontes na edição de dez. 22-jan. 23 da Klaxon, revista editada pelos modernistas.

Nos perfis traçados por Primo Vieira (1962) e Paulo Carvalho-Neto (1974), que tiveram acesso aos arquivos do escritor, podemos perceber como a obra de Prata foi difundida por todo o país através da imprensa. Além da referência, Carvalho-Neto ainda anota um ou outro parágrafo (CARVALHO-NETO, 1974, pp. 25-27; VIEIRA, 1961-1962, pp. 30-31) ⁷⁶.

Tabela 1
Referências de resenhas e artigos na imprensa sobre *Navios Iluminados* citados por Monsenhor Primo Vieira (MPV) e por Paulo Carvalho-Neto (PCN)

<u>Autor/ Título ou seção</u>	<u>Veículo/localização/data/trecho</u>	<u>MPV</u>	<u>PCN</u>
Não citado/ Nota bibliográfica	A Gazeta/não citado/21 dez. 1937	X	
Não citado/ Nota bibliográfica	O Globo/não citado/02 fev. 1938	X	
Não citado/ <i>Navios Iluminados</i>	Diário da Tarde/Florianópolis/02 fev. 1938: “As qualidade de ficcionista do sr. Ranulpho Prata vêm sendo exaltadas pelos nomes mais ilustres da nossa crítica literária”.	X	X
Rubens Amaral/ <i>Navios Iluminados</i>	Folha da Manhã/não citado/23 mar; 1938: “História sentida, como se o autor fosse um dos seus protagonistas”	X	X
Leonardo Arroio/ “ <i>Navios Iluminados</i> ”, <i>história triste</i>	Folha da Manhã/não citado/1960		X
B.B./ <i>Um romancista. À margem da obra de Ranulpho Prata</i>	A Gazeta/não citado/23 set. 1938: “Será esse, certamente, o melhor romance do sr. Ranulfo [sic] Prata, cujo estilo escorreito, se não possui muita arte, também não incide nos efeitos de brilho fácil”.		X
Mário Couto/ <i>Livros Novos. Navios Iluminados</i>	Não citado/ Belém/1938: “Não hesito em dizer que Ranulpho Prata é tão bom romancista quanto [Jorge] Amado, [Álvaro] Lins, [Armando] Fontes e [Lúcio] Cardoso”.		X
Paulo Dantas/ <i>Ranulfo (sic) Prata</i>	O Tempo/não citado/15 abr. 1953: “Ranulfo [sic] Prata morreu quando estava em plena posse de suas forças criadoras de romancista, logo depois de ter lançado <i>Navios Iluminados</i> [...]. O livro é um modelo de serenidade e virtude descritiva, podendo figurar ao lado de <i>Os corumbas</i> de Armando Fontes, como as duas maiores contribuições do romance sergipano à moderna literatura brasileira”.		X
Lemos Brito/ <i>Navios Iluminados</i>	Vanguarda/Rio de Janeiro/07 mar. 1938: “Em <i>Navios Iluminados</i> a personalidade artística do autor se mostra avigorada no trato de um tema complexo e emocionante”.	X	X
Álvaro Lopes/ <i>Navios Iluminados</i>	A Tribuna/Santos/04 jan. 1938: “ <i>Navios Iluminados</i> é bem o romance da pobreza de Santos, que ainda faltava escrever-se. Ranulpho Prata, pelo conteúdo humano que neste livro condensou, afirma-se, mais uma vez, como um dos mais brilhantes romancistas da geração contemporânea”.	X	X

⁷⁶ Os dois autores também fornecem listas de resenhas e artigos sobre os demais livros do autor. Ambos datam erroneamente a resenha de A Tribuna sobre o livro. Ao invés de 04 jan. 1934, três anos antes da publicação do romance, o correto é 04 jan. 1938, como se verifica no arquivo do jornal santista.

<u>Autor/ Título ou seção</u>	<u>Veículo/localização/data/trecho</u>	<u>MPV</u>	<u>PCN</u>
Léo Mauro/ <i>Dois artistas.</i> Ranulpho Prata. Herman Lima	Flamma/Santos/junho de 1939: “ <i>Navios Iluminados</i> , um belo romance, tão belo quanto o nome”.	X	X
Oscar Mendes/ <i>Navios Iluminados</i>	O Diário/Belo Horizonte/06 mar. 1939: “Armando Fontes é o autor que podemos, entre outros romancistas, colocar ao lado do sr. Ranulpho Prata, cuja obra literária, feita sem pressa nem trombamentos, já mereceu aplausos e elogios de críticos como João Ribeiro, Jackson de Figueiredo, Tristão de Ataíde e Agripino Grieco”.	X	X
Não citado/ <i>Navios Iluminados</i>	Jornal do Brasil/Rio de Janeiro/26 jan. 1938: “ <i>Navios Iluminados</i> [...] é um livro de alta significação no momento literário”.	X	X
Não citado/ <i>Navios Iluminados</i>	A República/Natal/24 mar. 1938: “Eis um romance harmônico e com grande unidade”	X	X
Não citado/ <i>Navios Iluminados</i>	Diário da Noite/não citado/24 mar. 1938: “Coloca-se na primeira linha desses novos autores realistas, que levaram o romance para o setor da documentação, longe do esforço inventivo”.	X	X
O.B.S./ <i>Livros novos.</i> Navios Iluminados	A Tarde/não citado/11 fev. 1938: “O livro de Ranulpho Prata é, antes de tudo, um livro humano”.	X	X
Pires Wynne/ <i>Navios Iluminados</i>	A Cidade/Ribeirão Preto/1938: “É que os <i>Navios Iluminados</i> nada mais são que páginas de uma história ainda não escrita. A história da vida bandeirante nos dias contemporâneos, e a amálgama de uma raça que se forma impelida por um fenômeno do Nordeste ao encontro da eclosão das riquezas do Sul”.	X	X
Jair Silva/ <i>Navios Iluminados</i>	Folha de Minas/25 mar. 1938: “ <i>Navios Iluminados</i> é um grande livro de Ranulpho Prata, feito com as coisas do mar, os cenários humildes e as emoções da plebe”.	X	X
Tasso da Silveira/ <i>Letras nossas. Romance e conto</i>	Não citado/não citado/10 mar. 1938: “Justamente a simplicidade extrema do assunto é que põe de relevo a virtuosidade que adquiriu o romancista de <i>O triunfo</i> , cuja ‘técnica de vida’ se apresenta agora como das mais apuradas na jovem geração de romancistas patrícios”.		X
Antonio de Villaverde/ <i>Navios Iluminados</i>	O Diário/Santos/jan. 1938: “Afim, um livro sincero e bem escrito, o que é notável nos dias de hoje, em que a mentalidade se encarreira para uma arte feita de palavrões”.		X
Nelson Werneck Sodré/ <i>Livros novos.</i> Navios Iluminados	Correio Paulistano/20 fev. 1938:	X	X

Fonte: VIEIRA (pp. 30-31) e CARVALHO-NETO (pp. 25-27)

Paulo de Carvalho-Neto ainda distribuiu as críticas que encontrou em quatro categorias: simples notícia, comentários à margem, resenha informativa e crítica, sendo que à qualquer uma o autor de perfil pode acrescentar a qualidade de “fonte imprescindível”. São fontes

imprescindíveis para o estudo do romance de Ranulpho Prata, para Carvalho-Neto, as críticas de Nelson Werneck Sodré, de Leonardo Arroio, de Tasso da Silveira e de Paulo Dantas ⁷⁷.

1.6 História das edições

O objeto livro é também objeto de pesquisa. Ele pode ser estudado nos seus papéis de “mercadoria produzida para o comércio e para o lucro; e como signo cultural, suporte de um sentido transmitido pela imagem ou pelo texto”, como explicaram Roger Chartier e Daniel Roche ⁷⁸. Por sua vez, Umberto Eco chama a atenção para o uso analítico dos paratextos, isto é, o conjunto de textos que não fazem parte da obra, mas que estão também no livro: são as orelhas, índices, prefácios e posfácios, notas, apresentações, introduções e qualquer outro texto que seja acessório, ainda que importante para a edição. São textos sobre o texto, metanarrativas, que podem trazer também um pouco de sua própria época.

A partir daí, passamos a verificar a sucessão de edições de *Navios iluminados* ao longo do tempo. A primeira edição de *Navios Iluminados*, em 1937, é da Livraria José Olympio. O livro é dedicado ao amigo Martins Fontes e ao irmão Felisberto Prata. A pesquisa localizou um exemplar na biblioteca da Academia Santista de Letras, no Centro de Santos, autografado pelo autor para o amigo Jayme Franco:

**Ao Jaime Franco, com a cordialidade do
Ranulpho Prata
Santos, 1-1938.**

⁷⁷ Paulo Dantas é o autor do prefácio à edição de *Lampião* publicada na década de 1950 pela Piratininga. Ali ele conta ter sido encontrado um exemplar da primeira edição do livro dentro da bolsa de Lampião, com anotações feitas pelo próprio “biografado”, no dia em que ele foi morto. Uma edição mais recente do livro, sem data, da Traço Editora, também traz o prefácio e uma nota conclusiva de Paulo Dantas.

⁷⁸ CHARTIER, Roger; ROCHE, Daniel. *Op. cit.*, p. 99.

Publicada no Rio de Janeiro, a primeira edição do romance é um exemplo da posição da capital federal como principal centro literário do país. Como explica Nicolau Sevcenko, desde o início da campanha abolicionista até a década de 1920 o Rio concentrava “quase toda a produção literária nacional”:

Palco principal de todo esse processo radical de mudança, a capital centralizou ainda os principais acontecimentos desde a desestabilização paulatina do Império até a consolidação definitiva da ordem republicana. Ela concentrava também o maior mercado de emprego para os homens de letras. Sua posição de proeminência se consagrou definitivamente em 1897, com a inauguração ali da Academia Brasileira de Letras. (SEVCENKO: 2003, p. 117)

Em 1940, três anos após a primeira edição, a Editorial Claridad, de Buenos Aires, publica *Vapores Iluminados*, edição em espanhol do romance. Além do texto em espanhol, a edição traz um prefácio de Benjamín de Garay, tradutor do livro, em que ele apresenta ao leitor argentino e hispânico o romance – e também o porto de Santos – por meio do mito de El Dorado, a cidade de ouro, mito da expansão desbravadora e da conquista de riqueza da colonização espanhola (certamente bem conhecido do público leitor argentino), que volta a se repetir no romance ⁷⁹:

Em nosso século positivista e cético, o mito de El Dorado, apesar de suas características antigas, se dissipou das mentes. Mas não para desaparecer, mas para apresentar-se sob formas novas e inesperadas. ⁸⁰

Uma dessas formas é o romance de Ranulpho Prata, em que o mito é renovado na “prosaica realidade contemporânea”:

Agora as multidões ávidas por fortuna já não correm em posse da cidade mítica, onde as casas se revestem de metais preciosos e onde as crianças brincam nas ruas com pepitas de ouro ou pedras de carbonatos e diamantes. Não. Vão aos grandes portos, de onde saem e aonde chegam todas as riquezas do mundo, nas barrigas dos grandes navios iluminados, que

⁷⁹ No capítulo 3 veremos como o memorialista Nelson Salazar Marques compara a ocupação do Macuco entre as décadas de 20 e 30 do século XX à expansão ao oeste nos Estados Unidos, espaço mítico da formação daquele país.

⁸⁰ GARAY, Benjamín de. *A Manera de Prefacio*. In: PRATA, Ranulfo. **Vapores Iluminados**. Buenos Aires, Argentina: Editorial Claridad, 1940, p. 5. Trecho traduzido pelo autor da dissertação.

nas noites se balançam sobre as águas do mar como fantásticos palácios de fadas. Para lá vão em busca de trabalho, à conquista de dinheiro, incitados por um tenaz afã de bem-estar. Uns triunfam, porém os demais caem triturados pela engrenagem sem piedade da sociedade moderna. (GARAY, 1930, p. 6)

A passagem acima descreve de forma concisa e elegante a trajetória de muitos dos personagens do romance. A partir daí, sob o impacto da introdução ao imaginário portuário, o tradutor aguça o leitor por outro aspecto, a carga histórica do romance, escrito em um momento da vida brasileira de “interesse extraordinário”. De forma poética, Garay apresenta o movimento de migração para as cidades, de qual o protagonista do romance é significativo:

E enquanto uma simples história de uma vida humilde vai se desenvolvendo, sobre o pano de fundo aparece pintado ao vivo, com suas características inconfundíveis, o quadro de um setor da sociedade brasileira no momento de ingressar com passo firme e decidido na era industrial de sua história.

Nesse momento da vida brasileira ele é de um interesse extraordinário. A agricultura que poderíamos chamar de medieval, por sua técnica rudimentar e seus métodos primitivos, deixa de ser economicamente produtiva. Já a seca, já as chuvas excessivas, malogram as colheitas. A falta de transportes e o alto custo de comercialização provocam a depreciação dos frutos da agricultura. Geração de agricultores vivem o drama obscuro, silencioso e torturante sobre a terra a uma só vez benigna e hostil, às vezes mãe, às vezes madrasta. Há um surdo rancor nas almas gerado por esse estado de coisas; mas também subsiste o irresistível apego ao solar santificado pelo esforço familiar através das gerações e dos anos. Porque o agricultor tem algo de árvore. Raízes invisíveis, de índole psicológica, atam-no à terra, e aí nasce sua vocação à imobilidade, à permanência sobre seu prédio, berço e sepulcro de seus antepassados, berço e sepulcro de seus filhos.

Esta fidelidade à terra se manifesta com mais força nos velhos, impregnados até os tutanos do espírito conservado da classe agrária. A reação contra a miséria, contra a infecundidade do trabalho, se opera entre os jovens. Por isso é a juventude dos campos que rompe com o solo, que se lança por caminhos da aventura, tomando o rumo das cidades industriais. Produz-se o que os sociólogos chamam de proletarização das massas, isto é, a transformação do agricultor em trabalhador das fábricas. A cidade atarefada exerce uma estranha fascinação sobre os jovens camponeses; eles vêem nas urbes fabris um teatro apropriado para lutas mais frutíferas e para lá vão, em uma penosa peregrinação até a fortuna sonhada, que geralmente resulta ilusória. (GARAY, 1930, pp. 6-7)

Outra parte do prefácio destaca a formação médica de Ranulpho Prata como componente essencial da narrativa do livro. Ele qualifica Prata como um autor “de raça, sereno, complexo em sua simplicidade, sagaz com naturalidade, sugestivo, vigoroso e terno, que escreve porque tem

uma mensagem que faz chegar ao mundo atormentado em que o toca viver”. Para Benjamín de Garay, Prata leva para as letras sua experiência de médico, mas sem “exibição de erudição fácil”.

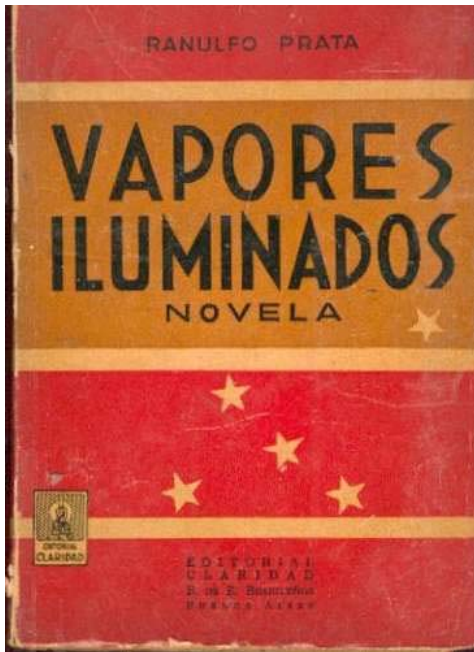


Ilustração 4 Capa da edição em espanhol de *Navios Iluminados*, publicada em Buenos Aires em 1940 pela Editorial Claridad

Ao final, sobre o momento histórico da realização do romance, o tradutor conclui:

As enfermidades e a miséria causam estragos na legião de trabalhadores que incessantemente se renovam, Mas estes fracassos e estes triunfos não se produzem sem que cada qual haja vivido seu mínimo drama.

Ranulpho Prata soube apresentar todo este processo da sociedade brasileira em seu romance, pintando-o com sóbrios rasgos no que poderíamos chamar, usando termos pictóricos, um vasto afresco social, admirável pela proporção das figuras, pelo realismo do ambiente e pela ardente vitalidade das almas. (GARAY, 1930, pp. 7-8)

Vapores Iluminados é o sexto título da coleção Biblioteca de Novelistas Brasileños da Editorial Claridad e recebeu na página de título interna o subtítulo de “o romance dos trabalhadores marítimos”. Os cinco primeiros autores da coleção são Coelho Neto (*Rey Negro*, o

título está em espanhol), Gastão Cruls (*Amazônia Misteriosa*), Lúcio Cardoso (*Morro do Salgueiro*), Hermano Lima (*Garimpos*) e Jorge Amado (*Mar Muerto*), todos traduzidos e prefaciados por Benjamín de Garay, que verteu também para o espanhol Euclides da Cunha, Monteiro Lobato e Gilberto Freyre. Em informações fornecidas para a pesquisa ⁸¹, por correspondência eletrônica em 10 de outubro de 2007, o professor de literatura da Universidade de Buenos Aires, Carlos Alberto Pasero, informa que Garay costumava vir a São Paulo durante a década de 20 e que mantinha relações com intelectuais locais, citando nominalmente o grupo A Colméia ⁸².

A segunda edição é de 1946, assinada pelo Clube do Livro, já realizada em São Paulo. A edição traz uma nota da editora dedicada aos leitores em que comemora a publicação da obra na data em que inicia seu quarto ano de atuação. A data da nota é de 1º de julho de 1946 e revela um pouco do funcionamento de uma editora num país em alfabetização. Até ali, o clube manifesta “ininterrupta atividade” em 15 capitais brasileiras e quase 150 cidades do país em que eram atendidos seus 18 mil sócios.

A direção do clube presta agradecimentos também às Indústrias Reunidas F. Matarazzo pela matéria-prima, à Revista dos Tribunais pela impressão em sua gráfica e aos autores Afrânio Peixoto, Monteiro Lobato, Afonso Schmidt e Menotti del Picchia por terem autorizado “graciosamente” a edição de suas obras. Agradecimentos são dirigidos também às viúvas de

⁸¹ PASERO, Carlos Alberto. **Re: Vapores Iluminados** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <alessandroatanes@correios.net.br> em 10 out. 2007.

⁸² Em texto publicado originalmente no Diário Oficial do Estado de Alagoas em 27 de outubro de 1992, Pedro Moacir conta que Garay costumava se corresponder com Graciliano Ramos pedindo ao autor histórias regionais para serem publicadas em periódicos argentinos. Em 1937, um ano antes da publicação de *Vidas Secas*, Graciliano Ramos envia 11 cartas ao tradutor argentino. Disponível em <<http://www.geocities.com/gracilianoramos/origens.htm>>. Acesso em: 15 nov. 2007.

Paulo Setúbal e Ranulpho Prata pela autorização das edições de *O Príncipe de Nassau* e *Navios Iluminados*, “obras exponenciais desses grandes e saudosos escritores brasileiros”.

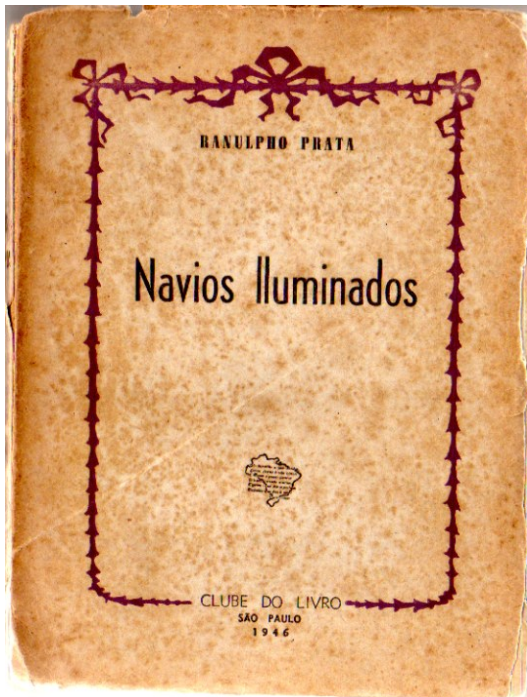


Ilustração 5 Capa da segunda edição de *Navios Iluminados*, publicada pelo Clube do Livro em 1946

Na primeira página, a editora informa o nome de seus diretores – Mario Graciotti, Luiz L. Reid e Waldemar Luiz Rocha – e a formação do conselho de seleção: Afonso Schmidt⁸³, Nuto Sant’Anna, Raul de Polillo e Silveira Bueno. Para os sócios, cada exemplar saía a seis cruzeiros. Para a entrega fora da cidade de São Paulo o clube cobrava mais 50 centavos, ou 1 cruzeiro para fora do país. Havia também serviços de assinatura semestral ou anual. A última contracapa traz a

⁸³ Em 1954, Afonso Schmidt faria elogios ao conteúdo histórico do documentário de Ranulpho Prata publicado em 1934: “Que eu saiba, o livro do escritor sergipano é o primeiro e o melhor documentário sobre aquele cangaceiro... [...] Disso resultou uma obra que, com certeza, não desaparecerá da literatura brasileira. Daqui a muito tempo, quando os sábios, os historiadores e os artistas se voltarem para essa aventura medieval no primeiro quartel de nosso século, irão inspirar-se no documento honesto de Ranulfo (*sic*) Prata”. “Quando Ranulfo (*sic*) Prata escreveu o precioso documentário, os olhos dos estudiosos ainda não tinham pousado sobre Virgulino Ferreira. Ele ainda não era histórico, contentava-se em ser fenômeno. Foi depois deste livro escrito em 1933 que os etnólogos e sociólogos tomaram Lampião como objeto de estudo”. In: CARVALHO-NETO, Paulo de. *Op. cit.*, p. 24.

lista dos livros publicados pelo Clube do Livro mensalmente desde julho de 1943, entre eles obras de José de Alencar, Camilo Castelo Branco, Leon Tolstói, Gustave Flaubert, Guy de Maupassant, Émile Zola e Fiodor Dostoievski.

Logo no início do prefácio, Silveira Bueno, autor de *Literatura Luso Brasileira*, conta como conheceu Prata, morto recentemente, em 1942. Para apresentar Prata o crítico busca um episódio distante no tempo: o dia em que se conheceram na redação do jornal em que Silveira Bueno havia publicado uma crítica a *O Lírio na Torrente*:

Abraçamo-nos com tanta espontaneidade que ainda agora continuamos amigos de verdade, sim, continuamos amigos apesar da morte haver-nos separado fisicamente e estar eu a repetir palavras escritas há vinte anos atrás. (SILVEIRA BUENO, 1946, p. 13)

Daí, ele passa bem rápido pela descrição do homem:

Um dos muitos sergipanos ilustres que vieram trazer-nos a colaboração da sua inteligência, médico de profissão, mas escritor de nascimento, traduzia em suas obras o vigor espiritual que sua pequenina estatura não revelava. (SILVEIRA BUENO, 1946, pp. 13-14)

Mas logo ele aproveita esse estranhamento entre dimensão espiritual e estatura física para qualificar esteticamente a obra do autor, campo em que concentra seu prefácio:

Imaginá-lo através da leitura de seus livros era supô-lo atleta, gigantesco, tal a força expressiva da sua frase, a energia irresistível dos seus períodos forjados em bloco, tal a unidade maciça das suas construções literárias. Sóbrio dentro de sua imaginação do norte, tomava os fatos entre as mãos como faz o escultor com o barro, com o granito, com o mármore e, a golpes de talento, transformada a pena em camartelo ou escopro, modelava, esculpia, forjava o episódio, a figura, o herói, o acontecimento, irresistível e artisticamente. O vocabulário era uma das suas forças: dizia o que queria e dizia com justeza, coerência e adequada ênfase. (SILVEIRA BUENO, 1946, p. 14)

Em seguida, como visto acima, o crítico avalia a influência da formação de Prata em Medicina em sua escrita, que lhe “disciplinara” a fantasia. Logo depois, parte para a análise de

Navios Iluminados, que trata por “profundo e doloroso romance social”, no qual o estivador é caracterizado como “homem-máquina”. Para ele, o estivador de *Navios Iluminados* equivale em drama humano ao sertanejo de *Os sertões* (1902) de Euclides da Cunha, filiação que o próprio autor havia anunciado na introdução de *Lampião*.

Se da primeira fase tivemos “Dentro da Vida”, “Triunfos” [sic], “O lírio na torrente” e “A Longa Estrada”, ficou-nos da segunda o profundo e doloroso romance social “Navios Iluminados”. Em todos os seus primeiros livros, há o homem que sofre ou que luta, nunca o homem que goza e se delicia. No seu grande romance, há uma classe inteira, representada no herói, esmagada e triturada pela força da máquina, das instituições, da ganância, do lucro, do dinheiro. Se Euclides da Cunha observou os fanáticos de Canudos: se Plínio Salgado surpreendeu a existência do imigrante em seu grande livro “O Estrangeiro”, Ranulpho Prata descreveu-nos o drama do “Estivador”, do homem-máquina que faz entrar e sair do país toda a sua riqueza, ficando cada vez mais pobre e desgraçado. (SILVEIRA BUENO, 1946, p. 15)

Bueno traça uma linhagem literária de Prata a partir de um dos maiores nomes da literatura naturalista do século XIX: “Com *Navios Iluminados*, colocou-se o escritor sergipano entre os grandes escritores do mundo, vindo na série que começa em Victor Hugo, com *Os Homens do Mar*”. Poderia-se acrescentar ainda como obra antecessora *Germinal*, de Émile Zola. As descrições do trabalho em minas de hulha numa França ainda em industrialização no meio do século XIX são parentes literárias das que Prata realiza sobre o trabalho no cais de Santos, produzidas dentro do realismo moderno de que nos informa Eric Auerbach ⁸⁴.

Na segunda edição de *Dentro da vida*, de 1953, também do Clube do Livro, uma *Nota Explicativa* comenta os “aplausos” dos leitores à iniciativa do Clube do Livro de ter publicado o *Navios Iluminados* em 1946 e situa o romance “ao lado das maiores obras da literatura brasileira”. A nota revela que o “admirável” romance garantiu a Ranulpho Prata um prêmio da Academia Brasileira de Letras. O tom geral do texto busca reverenciar o autor. É a própria editora que assina o texto de 1953, onze anos decorridos da morte de Prata. A memória está mais

⁸⁴ Ver nota 69.

rarefeita e a homenagem já não é mais pessoal, como a de Silveira Bueno, é institucional. Em seu final, a nota realça a identidade religiosa de Prata:

Estilo, emoção, imagens e um jeito extraordinário de narrar, que revelava a grande soma de sensibilidade estética de sua privilegiada alma, toda voltada ao sofrimento alheio, cheia de doçura e de piedade pelos humildes.⁸⁵

A terceira edição do romance é de 1959, de novo no Rio de Janeiro, pelas Edições O Cruzeiro, como o 20º e último título da Coleção Contemporânea, que trazia nomes como Cornélio Pena, Lucio Cardoso, Lygia Fagundes Telles, Josué Montelo e Ledo Ivo.



Ilustração 6 Capa da terceira edição de *Navios Iluminados*, de 1959, publicada pelas Edições O Cruzeiro

A capa, assinada por Arcindo Madeira, traz desenhados um estivador carregando um saco, dois outros trabalhadores (um deles com um caderno ou folhas de papel na mão e com roupas de escritório) e uma mulher passando roupa, referência clara a Florinda, esposa do protagonista, na

⁸⁵ CLUBE DO LIVRO. *Nota explicativa*. In: PRATA, Ranulpho. **Dentro da vida**. São Paulo: Clube do Livro, 1953.

cena destacada também por Luís Bueno. Ao fundo, o cais, um guindaste e dois navios. O paratexto traz a bibliografia, as datas de nascimento e morte de Ranulpho Prata, autor deste “consagrado e comovente romance”, e, na orelha, um curto texto de apresentação que define a obra como

um romance que tem como cenário o porto de Santos e a anônima faina humana de carregamento e descarregamento dos navios. É, assim, um romance em que o drama social, vivido por uma comunidade de trabalhadores, tem um lugar de relevo, e a ficção se alia ao documentário para melhor exprimir a sua verdade humana.⁸⁶

No ano seguinte, Leonardo Arroio publicaria na Folha da Manhã uma resenha sobre a terceira edição do romance:

A terceira edição deste romance de Ranulfo [sic] Prata “Navios Iluminados” que Edições O Cruzeiro apresentam em capa de Arcindo Madeira, mostra que o belo livro do autor de “Lampião” vai prosseguindo sua marcha lenta, mas segura. A história de Severino, o grande “blackground” da faixa das docas de Santos, o problema do desajustado nordestino, o drama de uma comunidade de trabalhadores, enfim, perpassam nas páginas de “Navios Iluminados” com um grande toque de humanidade, a que não falta a crítica contundente do romancista. Os recursos estéticos de Ranulfo [sic] Prata fazem-se presentes no desenvolvimento estilístico da história e pelo domínio da palavra. Justo e severo, pode dar ao leitor páginas de intensa beleza, como aquelas que se encontram em “O Lírio na Torrente”, outro romance seu que talvez merecesse reedição. [...] O romance resiste a uma releitura mais exigente, desde o seu aparecimento pela Livraria José Olympio Editora e desde sua segunda edição no Clube do Livro. “Navios Iluminados” é um livro que permanece embora se possa reconhecer, com melancolia, que não se tem feito muita justiça ao romancista Ranulpho Prata.⁸⁷

A quarta e mais recente edição de *Navios Iluminados* data de 1996, publicada em conjunto pela Editora Scritta e pela prefeitura de Santos. Os direitos de publicação eram da Editora Página Aberta. O livro compõe a coleção Brasilis, da Scritta. A contracapa do volume destaca a publicação do romance “depois de mais de trinta anos”. Médico sanitarista e prefeito de Santos à época, David Capistrano Filho é o responsável pelo texto da orelha, espaço em que destaca os 100 anos do nascimento de Ranulpho Prata naquele ano. Ao centenário, Capistrano

⁸⁶ PRATA, Ranulpho. *Navios Iluminados*. 3. ed. Coleção Contemporânea. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1959.

⁸⁷ ARROIO, Leonardo. “*Navios Iluminados*”, *história triste*. Folha da Manhã, 1960. In: RAMOS PESTANA, Sonia Maria. *Op. cit.*, p. 135.

acrescenta outra efeméride: os 450 anos de elevação de Santos à categoria de vila. Em 1996, a memória viva sobre Prata repousa em bem poucas pessoas, e Capistrano não é uma delas, como era Silveira Bueno ou Monsenhor Primo Vieira. Para entrar em contato com o universo de Prata, o que resta ao comentarista é a História, daí a ligação das datas. A obra passa a ser tratada como documento ou registro histórico, assim como Afonso Schmidt fez com *Lampião* na década de 50:

[*Navios Iluminados* é] Um expressivo painel da sociedade santista, que, apesar do tom marcadamente social, não se esgota na denúncia, trabalhando com êxito o retrato psicológico, a ambientação detalhista e a crítica de costumes.⁸⁸

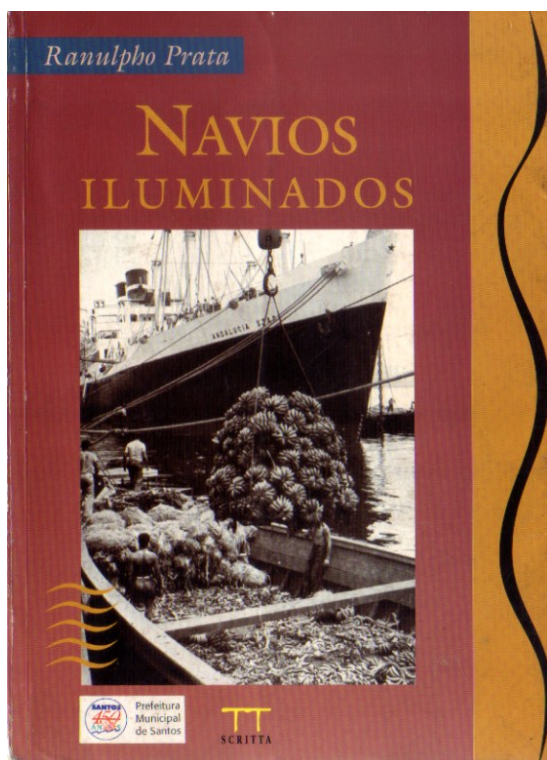


Ilustração 7 Capa da quarta edição de *Navios Iluminados*, publicada em 1996 pela Editora Scritta e pela Prefeitura de Santos

⁸⁸ PRATA, Ranulpho. **Navios Iluminados**. 4. ed. Coleção Brasilis. São Paulo; Santos: Scritta/Página Aberta; Prefeitura Municipal de Santos, 1996.

No final do texto, Capistrano dá à leitura da edição de 1996 a função de ser um “convite ao resgate de nossa tradição cultural”. Ele conclui reclamando a publicação de outros valores literários da cidade: os irmãos Bartolomeu e Alexandre de Gusmão, José Bonifácio de Andrada e Silva, Martins Fontes e Vicente de Carvalho.

Apesar das quatro edições nacionais e da tradução, Ranulpho Prata se manteve um “quase esquecido” nos dicionários e histórias da literatura até 2006, com a publicação de *Uma história do romance de 30*, no qual, vale lembrar, é caracterizado como “menos lido do que deveria ser”.

Ainda que tivesse escrito uma crítica sobre o romance em 1938, ano da primeira edição de sua *História da Literatura Brasileira*, Nelson Werneck Sodré não cita Prata na quarta edição de sua obra, em 1964. Também de 1964 é a terceira edição, revista e ampliada, da *Pequena Bibliografia Crítica da Literatura Brasileira*, de Otto Maria Carpeaux, lançada originalmente em 1959, ano da terceira edição do romance de Prata. Ali também nada se lê sobre o *Navios Iluminados*. Dez anos depois, em 1969, o Dicionário Literário Brasileiro Ilustrado, de Raimundo de Menezes traz uma biografia de uma coluna de Ranulpho Prata, com a bibliografia. O nome de Prata também não aparece na segunda edição do *Pequeno dicionário de literatura brasileira*, de 1983, de Massaud Moisés e José Paulo Paes.

Após a edição de 1996, co-publicada por uma editora em parceria com a prefeitura de Santos dentro de um período comemorativo, o livro é citado em 2004, na segunda edição de *História da literatura brasileira*, de Luciana Stegagno Picchio, revista e ampliada, duas linhas são o bastante para descrever o romance *Navios Iluminados* (“romance proletário do porto de Santos”) e outras duas obras suas, *O triunfo* e *A longa estrada*, consideradas regionalistas da

segunda geração, de “elucubrações ‘sertanejas’”⁸⁹. É frente a isso tudo que Luis Bueno, em sua *História do romance de 30*, considera o romance ainda pouco estudado.

⁸⁹ STEGAGNO PICCHIO, Luciana. **História da literatura brasileira**. 2. ed., revista e atualizada. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004, p. 405.

CAPÍTULO 2 A LITERATURA DE IDENTIDADE PORTUÁRIA

2.1. *Navios Iluminados*, um documento literário

Amigo de Ranulpho Prata, Silveira Bueno, em seu prefácio de 1946, utiliza-se da memória pessoal para apresentar a obra do autor, desde sua primeira resenha, que é considerada por seu valor estético, da composição da frase e do estilo. Já as descrições da vida dos estivadores do Macuco feitas no romance, ainda que marcadas pelo realismo, são lembradas mesmo por causa da formação do autor em medicina, com um rápido acréscimo sobre a realidade ser pior do que se lê no corpo no romance.

Além da própria formação de literato do crítico, a proximidade da morte de Prata, que aconteceu em 1942, tenha feito o autor do prefácio se concentrar no autor e seu estilo e não no conteúdo da obra, ainda mais que a década de 30 foi marcada por uma série de conquistas para a categoria dos estivadores. Na década de 40, data da segunda edição prefaciada por Silveira Bueno, a legislação sobre o trabalho portuário e a legislação trabalhista em geral já eram uma realidade concreta que garantia um mínimo de benefícios⁹⁰. Os estivadores assumiam o posto de principal categoria de trabalhadores na cidade de Santos⁹¹ e as agruras de José Severino de Jesus e dos demais personagens de *Navios Iluminados*, pelo menos legalmente, já faziam parte do passado.

Já no texto do prefácio na orelha da edição de 1996, a formação de Capistrano, médico sanitário, também tenha feito com que tenha atentado para as descrições que Prata faz dos

⁹⁰ É desta época a criação da CLT, do 13º e das férias remuneradas.

⁹¹ TAVARES, Rodrigo Rodrigues. **A “Moscuzinha” brasileira: cenários e personagens do cotidiano operário de Santos (1930-1954)**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas e Fapesp, 2007, pp. 45 *et passim*.

acidentes de trabalho, dos exames médicos e dos ataques de tuberculose. Assim como Garay em 1940, Capistrano, 56 anos depois, alerta para o valor de *Navios Iluminados* como documento histórico, para quem a leitura do romance é um "convite à reflexão sobre a nossa história".

No momento de publicação do romance, o componente histórico seria diverso, senão oposto, ao momento da edição de 1946: em 1996 estão em pleno andamento no porto de Santos modificações promovidas pela Lei de Modernização dos Portos, de 1991, que privatizou a operação portuária e decretou o fim do *closed shop*, sistema de organização do trabalho da estiva em que o número de trabalhadores em cada embarque ou desembarque é definido pelo sindicato da categoria, conquista do final da década de 30 que era bem recente à data da segunda edição do livro ⁹². Não que a situação fosse voltar ao que era na década de 20, antes da legislação trabalhista e acordos favoráveis à categoria, mas a lei causou impacto no mercado de trabalho não só entre os estivadores, mas também nas demais categorias de portuários. Análise do Núcleo de Estudos e Pesquisas Socioeconômicos (Nese) da Universidade Santa Cecília, que recebeu o nome de *Porto de Santos. Uma Década de Transformações – 1991-2001* ⁹³.

A edição de 1996 de *Navios Iluminados* marca um duplo aniversário: os cem anos de nascimento e Ranulpho Prata e os 450 anos da fundação de Santos. Na orelha da edição de 1996, o então prefeito David Capistrano explica a coincidência de datas como um "convite à reflexão sobre a nossa história" (PRATA, 1996). À publicação do romance soma-se o esforço da prefeitura em lançar obras de conteúdo histórico sobre a cidade, que foram editadas em parceria

⁹² A partir de 2001, ficaria responsável pela administração da mão-de-obra no cais o Órgão Gestor de Mão-de-obra – OGMO, órgão tripartite formado por representantes da Autoridade Portuária, dos trabalhadores e dos operadores.

⁹³ Disponível em <<http://www.nese.unisantia.br/download/serviços/decada-transf.pdf>>. Acesso em 22 jun. 2005. A pesquisa mostra que entre 1991 e 2001 houve uma queda de 28,4% na massa salarial relacionada com o porto

com três editoras: Scritta (que publicou *Navios Iluminados*), Hucitec e Unesp. Lançamentos em parceria com a Hucitec trazem ainda um selo comemorativo do aniversário de fundação. Dois deles têm o universo portuário como assunto principal: *A carga e a culpa*, de 1995, de Fernando Teixeira da Silva, sobre a cultura de solidariedade dos estivadores, e *O polvo e o porto*, de 1996, de Cezar Honorato, uma história dos anos iniciais da Companhia Docas de Santos, o qual registra a disputa pelo porto entre o comércio local, que controlava as pontes e trapiches, e o grupo Gaffrée, Guinle & Cia, que acaba recebendo o monopólio da exploração do cais unificado e da alfândega. Outro livro que traz o selo comemorativo é *Uma cidade na transição – Santos:1870-1913*, de Ana Lúcia Lanna Duarte, cujo foco está nas transformações urbanas ocorridas na cidade durante o período destacado no título, que reúne a chegada da ferrovia e a construção do cais unificado ⁹⁴. É também da parceria com a Hucitec a publicação em 1992 da uma compilação póstuma da poesia de Roldão Mendes Rosa, *Poemas do não e da noite*, na qual está incluído o poema *Porto*, cuja temática é a relação entre o morador de Santos e seu porto:

**Por que
este amor ao cais
se o que quero
não viaja?**

**Por que esta espera
no cais?**

**Por que
este amor aos navios
que apitam e partem
se não quero
partir em nenhum?**

**Eu descendente de adeuses
vejo lenços que acenam
na paisagem sem lenços.**

⁹⁴ SILVA, Fernando Teixeira da. **A carga e a culpa. Os operários das Docas de Santos: Direitos e Cultura de Solidariedade 1937-1968.** São Paulo; Santos: Editora Hucitec; Prefeitura Municipal de Santos, 1995; HONORATO, Cezar. **O polvo e o porto. A Cia. Docas de Santos (1888-1914).** São Paulo; Santos: Editora Hucitec; Prefeitura Municipal de Santos, 1996; LANNA, Ana Lúcia Duarte. **Uma cidade na transição. Santos: 1870-1913.** São Paulo; Santos: Editora Hucitec; Prefeitura Municipal de Santos, 1996.

**Ou este porto
 pouso de âncoras
 timidamente se disfarça
 no homem que sou? ⁹⁵**

Em parceria com a Editora Unesp, a prefeitura publicaria ainda *Lutas e sonhos*, de 1995, em que o cientista político Alcindo Gonçalves analisa os resultados de eleições municipais e nacionais em Santos para atestar a hegemonia progressista em sua cultura política, e *Ventos do Mar*, o primeiro da série, de 1992, em que a historiadora Maria Lucia Caira Gitahy trata da cultura urbana dos trabalhadores do porto ⁹⁶.

O próprio *Navios Iluminados* chega a ser utilizado pela produção acadêmica como fonte de descrição sobre o bairro portuário do Macuco. Lanna descreve desta forma a obra de Ranulpho Prata:

No romance realista, *Navios Iluminados*, o protagonista principal é um nordestino que, vindo para Santos trabalhou nas Docas e se casou. As duras condições de vida, que resultaram na sua morte por tuberculose, associavam o sonho do pecúlio, da melhoria de vida a ser exibida nas férias para a família a uma casa limpa, enfeitada, e uma esposa dedicada. Este sonho quase atingido é traduzido pelo morar no chalé. À medida que a doença progride, os sinais de decadência e morte de um sonho são apontados pela piora das condições de moradia. Quanto mais doente mais longe da casa-lar. (LANNA, 1996, 128)

Em *A carga e a culpa*, o romance é utilizado para ilustrar “o modelo docas de produção”:

Essa narrativa apresenta algumas questões em torno das quais gravitava o cotidiano dos trabalhadores de carga do porto de Santos, tematizando uma série de aspectos (...): o serviço em turmas e a diversidade de origens étnicas de trabalhadores; a reduzida mecanização do setor, que obrigava os trabalhadores a carregarem as cargas na cabeça por horas a fio; o “carrancismo” dos feitores; a “mordida” na produção em face do cansaço e da perspectiva do

⁹⁵ ROLDÃO MENDES ROSA. *Poemas do não e da noite*. São Paulo: Editora Hucitec; Santos: Prefeitura Municipal de Santos, 1995, p. 44.

⁹⁶ GONÇALVES, Alcindo. *Lutas e sonhos: cultura política e hegemonia progressista em Santos (1945-1962)*. São Paulo; Santos: Editora da Universidade Estadual Paulista; Prefeitura Municipal de Santos, 1995; GITAHY, Maria Lucia Caira. *Ventos do mar: trabalhadores do porto, movimento operário e cultura urbana*. São Paulo; Santos: Editora da Universidade Estadual Paulista; Prefeitura Municipal de Santos, 1992.

controverso “serão”; os laços de amizade, que tinham um peso considerável na contratação da mão-de-obra e na execução das tarefas. (SILVA, 1995, p. 22)

Maria Lucia Caira Gitahy também relaciona *Navios Iluminados* em suas fontes sobre o período, contando com as descrições realistas do médico-escritor Ranulpho Prata:

Além do sistema de trabalho ocasional e dos preconceitos que freqüentemente separam os trabalhadores do porto de outros grupos da classe operária, o trabalho do porto era em si perigoso e insalubre. Após seis meses carregando sacas de café por dez horas diárias, o trabalhador do porto perdia o cabelo da parte de trás da cabeça, e depois de cinco a dez anos desse tipo de trabalho, a maioria deles morria tuberculosa. O esforço físico era excessivo, e eles não comiam ou dormiam o suficiente para repor suas energias. Na época não havia penicilina. Embora não fosse possível encontrar estatísticas para o período Ranulpho Prata, médico da Sociedade Beneficente Docas de Santos, escreveu um romance no qual o processo é descrito em detalhes. (1992, p. 169)

Nos três trabalhos acima, “romance realista”, registro do “cotidiano dos trabalhadores de carga do porto de Santos”, “o processo é descrito em detalhes” são expressões que tomam o registro literário como ilustração de suas interpretações sobre suas pesquisas realizadas em documentos como bibliografia técnica, periódicos e arquivos públicos e privados. Mas se seguirmos as indicações do prefeito, devemos encarar o romance não apenas como uma ilustração literária de pesquisas históricas, mas sim, como afirma Carlo Ginzburg, como um texto entranhado de história pelo qual pode-se explorar a história da cidade, do bairro portuário do Macuco e da relação de seus moradores com o porto, tema do capítulo 3 ⁹⁷.

2.2 O ciclo do romance de Santos e a literatura de identidade portuária

⁹⁷ Carlo Ginzburg comenta que a ausência de documentos é um problema comum aos estudos que tenham como objeto as classes populares, em muitos dos quais o historiador pode encontrar informações na literatura ou nas tradições dos povos, cuja cultura, lembra Carlo Ginzburg, até hoje é “predominantemente oral”. Mesmo assim, ele ressalta que “não é preciso exagerar quando se fala em filtros e intermediários deformadores. O fato de uma fonte não ser 'objetiva' (mas nem mesmo um inventário é 'objetivo') não significa que seja inutilizável. Uma crônica hostil pode fornecer testemunhos preciosos sobre o comportamento de uma comunidade camponesa em revolta”. GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras. 3ª edição, 2004.

Nas páginas de A Tribuna de 04 de janeiro de 1938, um texto assinado por Álvaro Augusto Lopes destacava a chegada de *Navios Iluminados*, publicado no ano anterior. Para o autor, a obra ocupava um espaço que a literatura local ainda não havia preenchido, isto é, era a primeira a tratar do porto de Santos e seu universo de trabalho composto por uma “variedade caleidoscópica de episódios e indivíduos, (...) toda uma população cosmopolita e sofredora”. A resenha recebia a publicação do romance da seguinte forma:

***Navios Iluminados* é bem o romance da pobreza de Santos, que ainda faltava escrever-se. Ranulpho Prata, pelo conteúdo humano que neste livro condensou, afirma-se, mais uma vez, com um dos mais brilhantes romancistas da geração contemporânea.**⁹⁸

A mesma impressão é a de Rubens Amaral, que escreveu sobre o livro para a Folha da Manhã, de São Paulo, em 13 de março do mesmo ano. Para Amaral, a presença do porto fez com que surgissem na cidade de Santos talentos como Frei Gaspar, os Andradas, Vicente de Carvalho, Alberto Sousa, Martins Fontes, Reynaldo Porchat, Afonso Schmidt e Ribeiro Couto (com a exceção de Schmidt, nenhum deles era romancista), mas, continua o resenhista, naquele momento ainda faltava um grande romance que registrasse a cidade pelas lentes da literatura:

Praia e pescadores tiveram quem escrevesse seu romance e seus contos, quem cantasse as suas dores e as suas glórias. Por dentro das praias e diferentes dos pescadores, há o porto, com os seus estivadores e carroceiros, gente humilde perante a Fortuna, que a esqueceu como a esqueceu a Literatura.

[...]

Apareceu agora esse romancista, no sr. Ranulpho Prata, autor de *Navios Iluminados*, que é história daquela gente do cais em sua mistura com a de Vila Macuco, à margem do giro do café, do movimento de importação, do gozo das praias com os seus balneários e os seus cassinos.⁹⁹

⁹⁸ LOPES, Álvaro Augusto. “*Navios Iluminados*” – Livraria José Olympio, Rio de Janeiro, 1937. A Tribuna. Santos, 04 jan. 1938, p. 08.

⁹⁹ AMARAL, Rubens. *Navios Iluminados*. Folha da Manhã. São Paulo, 13 mar. 1938. *Apud* RAMOS PESTANA, Sonia Maria. *Op. cit.*, p. 135.

Na Folha de Minas, 12 dias depois, Jair Silva faz o mesmo destaque: “Em *Navios Iluminados* o autor realmente diz muita coisa da vida do mar. Mais, talvez, da existência dos homens obscuros que trabalham no porto”¹⁰⁰.

Ao ocupar um espaço literário ainda inédito, o porto, *Navios Iluminados* dá início ao que Narciso de Andrade chamou de ciclo do romance de Santos. Ele tratou do assunto na coluna semanal que assinava em A Tribuna durante a década de 1990, *Escritos*, ao comentar a obra ensaística do escritor e professor Adelto Gonçalves¹⁰¹. O autor não caracteriza o que seja esse ciclo, mas enumera as obras que dele fazem parte: além de *Navios Iluminados*, formariam o ciclo ainda *Cais de Santos* (1939), de Alberto Leal; *Uma reportagem maldita – Querô* (1976), de Plínio Marcos, e *Os Vira-latas da Madrugada* (1981), do próprio Adelto Gonçalves, sem contar o então ainda inédito *Barcelona Brasileira*, também de Adelto, que só seria publicado no Brasil em 2002¹⁰².

Em *Escritos*, Narciso de Andrade publicava poemas, memórias, crônicas e textos sobre literatura como *Adelto Gonçalves ou a paixão pela literatura*, no qual aponta para a produção literária santista realizada naquele momento. Seu objetivo é fazer o leitor voltar os olhos para a produção literária contemporânea: “mas é preciso que esta cidade saiba que a literatura por aqui não vive só de passado”. A idéia de ciclo é assim aplicada para unir obras recentes e pretéritas, oferecendo ao leitor uma perspectiva de continuidade temática e de qualidade.

¹⁰⁰ SILVA, Jair. *Navios Iluminados*. Folha de Minas. Belo Horizonte, 25 mar. 1938. *Apud* RAMOS PESTANA, Sonia Maria. *Op. cit.*, p. 135.

¹⁰¹ ANDRADE, Narciso de. **Adelto Gonçalves ou a paixão pela literatura**. A Tribuna. AT Especial, 19 nov. 1993, p. 9. O primeiro livro reunindo poesias de Narciso de Andrade, *Poesia Sempre*, foi publicado apenas em 2006, pela Editora Unisanta, da Universidade Santa Cecília, após quase 50 anos de fazer poético.

¹⁰² Em literatura, ciclo é o termo que se refere a obras agrupadas em torno de um fato ou de um personagem (KOOGAN, Abrahão; HOUAISS, Antônio. **Enciclopédia e Dicionário Ilustrado**. Rio de Janeiro: Edições Delta, 1997).

Narciso de Andrade não inclui no ciclo *Agonia na noite*, de Jorge Amado, segundo volume da trilogia *Subterrâneos da Liberdade* (1954), sobre o mundo do trabalho em Santos, Rio de Janeiro e Salvador. O episódio que dá início à trama é uma greve realizada em 1938 em Santos na qual os estivadores se negaram a embarcar café para a Espanha governada por Franco ¹⁰³. Na obra de Amado há poucas referências geográficas. Ali o porto de Santos é um espaço mítico ocupado por heróis-estivadores que dão a seus filhos o nome de Luís Carlos em homenagem ao líder comunista Prestes.

Cabe aqui uma reflexão sobre a expressão “ciclo do romance santista”: a qualificação “santista” leva a considerar que as obras foram feitas na cidade ou que a tem por cenário. Desde o século XIX, conta Franco Moretti em *Atlas do romance europeu (1800-1900)*, as cidades são os espaços privilegiados dos enredos romanescos, desenvolvidos em tramas e subtramas que reúnem entre 15 e 20 personagens que se movimentam em torno de seus espaços (“socialização secundária”), formando assim o “romance da complexidade”. É por meio desse arranjo tripolar (protagonista, antagonista e “sobredeterminação social”) que surge a “forma secreta da cidade, onde a natureza indireta – triangular – das relações sociais se torna inconfundível e inevitável” (2003, p. 119).

¹⁰³ O episódio realmente ocorreu, mas em 1946, depois da guerra, sendo que eram dois navios espanhóis que chegavam ao porto de Santos. A ação dos estivadores tinha também motivos internos, como a luta por liberdade sindical. Ver [s.n]. **Os estivadores recusaram-se a trabalhar a bordo do paquete espanhol *Cabo de Buena Esperanza***. A Tribuna, 07 mar. 1946. In: Novo Milênio. Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0362b.htm>>. Acesso em 14/09/2007. A mudança promovida por Jorge Amado, trazendo o episódio para o período da guerra e alterando a nacionalidade do navio, sugere uma estratégia narrativa traçada para valorizar a carga dramática do episódio e “heroicizar” a reação negativa dos estivadores.

Das obras acima, é *Barcelona Brasileira* que cumpre o requisito de forma mais clara. Seu protagonista, o Poeta (personagem baseado em Martins Fontes ¹⁰⁴), circula de carro entre os mais variados ambientes da Santos de 1917, durante a Belle Époque: sessões nos sindicatos de tendência anarquista, as festas nos salões da classe política dirigente, as redações dos jornais burgueses, as conversas nos bares do Centro. Ao reunir sindicalistas, trabalhadores, políticos e policiais no universo operário de Santos nas greves de 1917, a ação evita o cenário exclusivamente portuário e se desloca em direção às manifestações de outros grupos proletários (empregados da companhia de bondes e das concessionárias de serviços públicos, por exemplo). A movimentação interclassista do protagonista – um médico e poeta burguês com trânsito no movimento operário – permite ao enredo mostrar uma série de locais da cidade além do porto. O mesmo faz seu antagonista, o delegado Parsifal Abud, que cruza a cidade dismantelando greves e piquetes. Essa mobilidade é ainda acentuada por serem os dois os únicos personagens do romance que possuem carros (Abud até recebe um novo carro de presente da burguesia local devido aos serviços prestados para a manutenção da ordem na cidade).

Já as outras obras são mais portuárias que santistas. *Cais de Santos* e *Navios Iluminados* já trazem essa vinculação nos próprios títulos. O espaço pelo qual circulam seus personagens é o porto e seu entorno. Eles percorrem os bairros portuários do Centro, Paquetá e Macuco. Com

¹⁰⁴ Em entrevista realizada em agosto de 2005, Adeldo Gonçalves confirmou que o protagonista do romance é baseado em Martins Fontes, médico anarquista e poeta. Em *Navios Iluminados*, o dr. Luciano, que atende José Severino no pavilhão de tuberculosos da Santa Casa, é traçado com o mesmo perfil, ainda que em poucas páginas, em tom de homenagem. Note-se que o romance de Prata é dedicado a Martins Fontes, morto em 1937. Sobre os personagens baseados em Martins Fontes ver: ATANES PEREIRA, Alessandro Alberto. **Martins Fontes, de autor a personagem**. PortoGente, 25 jul. 2005. Porto Literário. Disponível em <<http://www.portogente.com.br/texto.php?cod=2951&sec=83>>. Acesso em: 22 de set. 2007.

maior ou menor ênfase, estas ficções, ao invés de caracterizar o romance urbano de complexidade, optam pelo microcosmo ligado ao porto ¹⁰⁵.

Mas pode-se ainda diferenciar as obras portuárias entre si. Embora contenham diferenças de estilo e conteúdo, *Cais de Santos*, *Querô* e *Os Vira-latas da Madrugada* apresentam o porto indiretamente, por meio de atividades que acabam se desenvolvendo em cidades portuárias, como boates, casas de tolerância, bares, prostituição, brigas, furtos e arranjos informais espalhados num espaço literário que se estende pelos bairros em torno do porto: Paquetá, Vila Nova, Macuco e Centro, que formam, enfim, o “porto dos pequenos expedientes”, à margem de sua atividade principal ¹⁰⁶.

Em *Cais de Santos* lemos histórias do submundo da periferia do porto, universo posteriormente retratado por Plínio Marcos. Em um dos episódios, após o assassinato de uma prostituta, suas colegas armam uma greve e até se quotizam para pagar as diárias das que não tinham dinheiro para pagar à dona do bordel. *Os vira-latas da madrugada*, ainda que distante historicamente dos anos 30, traz a mesma preocupação de registro do universo em torno do porto de Santos. O romance é baseado nas memórias do autor e jornalista, que passou parte da infância e juventude no bairro do Paquetá, onde está o cemitério de mesmo nome, o Mercado Municipal, as ruínas da Hospedaria dos Imigrantes e a maior parte dos cortiços da atualidade.

¹⁰⁵ Um esboço dessa análise foi realizado em ATANES PEREIRA, Alessandro Alberto. **Literatura do porto ou da cidade?**. PortoGente, 08 mai. 2007. Porto Literário. Disponível em: <<http://www.portogente.com.br/texto.php?cod=8758&sec=83>>. Acesso em: 14 dez. 2007.

¹⁰⁶ ATANES PEREIRA, Alessandro Alberto. **O porto dos pequenos expedientes**. PortoGente, 17 jan. 2006. Porto Literário. Disponível em <<http://www.portogente.com.br/texto.php?cod=3546&sec=83>>. Acesso em: 22 set. 2007.

Em *Navios Iluminados*, porém, é a própria atividade portuária que define a atuação dos personagens, que trabalham como estivadores, taifeiros, operadores de guindastes, foguistas das dragas que limpam o canal do porto e exercem atividades braçais nas oficinas da Companhia Docas de Santos (CDS). Mais que a exclusividade de funções portuárias exercidas pelos personagens do romance, o próprio Macuco – mais que os outros bairros, à margem do porto – é mostrado pelo autor com ligações mais fortes com o porto do que com o restante da cidade, da qual aparece isolado. O protagonista e todos os personagens vivem em torno do prédio da Inspeção da CDS. A passagem do livro, logo na terceira página da narrativa (p. 19), em que a sirene da companhia acorda os 5 mil habitantes do bairro é bem representativa desse poder de atração do porto amplificado pela presença de sua autoridade administrativa:

Amanhecia devagarinho. O dia, entrando pelas frestas das paredes de madeira, desenrolava no quarto serpentinas de luz. Da rua, vinham os ruídos de todas as manhãs, muito seus conhecidos: o bonde que passava, trepidante, na outra rua, a Senador Dantas; a buzina do automóvel do leite desnatado; as carrocinhas de pão.

De repente, as cinco sirenes das docas bradaram nos ares, levantando o Macuco em peso, o grande bairro onde se alojava a maioria dos seus cinco mil operários. (NI, 13)

Essa configuração da comunidade em torno do cais foi descrita por Fernando Teixeira da Silva:

O trabalho ocasional estreitava, portanto, a proximidade entre moradia e fontes de emprego, fazendo com que os trabalhadores do cais fossem vizinhos e habitassem nas localidades contíguas ao cais, como os bairros Macuco, Vila Matias, Paquetá e a região central da cidade. Como em outras cidades portuárias, havia em Santos a presença de uma forte endogamia no interior dos bairros ou mesmo de ruas, dando origem a estreitas “comunidades familiares”, caracterizadas por sólidas redes de comunicação. Relações preexistentes às estabelecidas nos locais de trabalho fortaleciam-se, assim, por meio de laços pessoais de contratação de mão-de-obra, sendo comum a constituição de verdadeiras linhagens familiares de portuários, que transmitiam uma cultura de trabalho de geração para geração. Observa-se que, mesmo nas relações entre trabalhadores não aparentados, era comum a utilização do termo “cunhado” para expressar uma forma de convívio familiar no interior do porto. (2003, p. 137)

No romance de Ranulpho Prata, o protagonista, o estivador José Severino de Jesus, se movimentava entre o chalé do bairro portuário do Macuco e o cais. A cidade completa só é percebida pelo trabalhador migrante quando ele é internado no pavilhão de tuberculosos da Santa Casa e dali, da janela, tem acesso a uma vista geral de Santos:

A distração ali era olhar o panorama da cidade, estendida na planície. Lá estava o canal, abraçando-lhe a cintura. Via-se bem o limite do casario, as filas de armazéns, internos e externos, os vapores alinhados ao cais, a ponta dos guindastes, o fumo das locomotivas e, mais além, transposto o canal, Itapema, a Ilha Barnabé, Bocaina, Guarujá, o verde rasteiro do mangue, o monte Cabirão, o morro das Neves, a serra do Quilombo. Depois, era o mar, as praias com os seus jardins, hotéis e pensões de luxo. Duas cidades diferentes: a de cá, escura, poente, cheia de movimento e barulho, suada de trabalho; a de lá, clara, limpa, alegre, refrescada pelo sopro do mar, com gente ociosa no *hall* dos hotéis, bebendo, tomando banho, espiando as mulheres.

Ao lado do pavilhão, o Monte Serrat, com sua ferida no flanco e o cassino trepado no cocoruto, tapando a vista da velha igrejinha que Severino tanto queria olhar, sabedor de seus milagres. À noite, o ruído e a música do cassino, pingando luz pelos beirais e cornijas, incomodavam demais. Aos sábados, então, quando a folia se prolongava até a madrugada, ele, insone como a maioria dos doentes, escutava o barulho grosso da vida gozada que vinha lá de cima nas asas do vento. (NI, 168-169)

Esse isolamento é a chave da tragédia de José Severino de Jesus. Na cidade, ele é familiarizado apenas com o percurso entre sua casa e o cais; e evita fazer qualquer outro. São poucas e significativas suas saídas do bairro – a conquista do sonhado emprego na estiva, documentação de identidade, registro de casamento e internação no hospital. Severino até viaja de bonde em uma única vez, mas depois prefere ir a pé para economizar. O Macuco em torno do porto é seu universo. Nesse caso o bairro, mesmo traçado no mapa da cidade, é um território tomado pelo porto e sua atividade humana. A exploração narrativa desse espaço feita por Ranulpho Prata demarca esse isolamento.

Poucas páginas de *Querô* ou de *Os vira-latas da madrugada* contêm mais citações de bares que todo o romance de Ranulpho Prata. Em *Navios Iluminados* o bar que mais aparece é o Ao Gaiato de Lisboa, perto do chalé em que o protagonista divide um quarto com o amigo. O bar

fica na esquina entre a Avenida Rodrigues Alves e a Rua Senador Dantas. Com outro nome, é uma padaria que está lá hoje no lugar. Ali trabalhadores do bairro se reuniam para uns aperitivos, mas sua função na narrativa é oferecer um lugar em que o protagonista conseguisse consultar a seção de classificados de A Tribuna atrás de oportunidades de emprego. Mais tarde, quando ele recebe uma carta de rompimento, embreda-se no bar, mas esta é uma situação-limite que contrasta com os hábitos de José Severino de Jesus.

Não que os personagens do romance não freqüentem bares: em determinado momento do livro, o narrador nos mostra uma reflexão de Severino, que não entendia o hábito dos colegas da turma de gastar em bares o curto salário. Mas esse não é o cenário em que se desenvolve a narrativa, com três curtas exceções: uma cena rápida na página 63 na qual Severino é levado ao bar Fura Mundo pelo amigo Felício e de onde logo sai reprovando a “sensualidade grossa” do local; uma cena rápida no Parisien Bar que serve de pretexto para Felício se gabar entre amigos da viagem que fizera a Buenos Aires com dinheiro ganhado no jogo do bicho; e, já no final do livro, quando Severino, já afastado do trabalho por causa da tuberculose, leva o irmão que o visitava, sempre junto com Felício, ao Bar Galo Preto (página 80). É basicamente uma cena de despedida.

Em artigo de 1996 na revista *Leopoldianum*, da Universidade Católica de Santos, o professor da Faculdades Metropolitanas Unidas Maurício Silva, ao analisar a obra *Os vira-latas da madrugada*, aponta que o ambiente do porto propicia aos romances com esta temática características distintas do romance urbano da literatura proletária ou da literatura regional:

Sem ser campo, mas também sem chegar a ser completamente cidade, o cais do porto parece situar-se numa zona limítrofe, num indefinível meio-termo, um universo norteado por uma espécie curiosa de natural dicotomia: contém, ao mesmo tempo – e numa mistura que apenas um espaço com características tão originais poderia conter –, particularidades tanto do campo, quanto da cidade, o que nos permite reformular nossa afirmação anterior: para além de ser uma região dicotômica, o cais do porto é, sobretudo, um espaço híbrido.¹⁰⁷

O fato de os estivadores serem uma categoria de trabalhadores avulsos (não empregados), a partir da década de 30 e, em parte, até hoje, também colabora para que os romances do universo portuário sejam caracterizados como um universo próprio de ficção de forma autônoma à literatura proletária, ligada mais aos centros industriais¹⁰⁸.

Em *Navios Iluminados*, ao lado do registro das mazelas dos trabalhadores, percebe-se como as características do trabalho surgem no texto ficcional, tais como o trabalho avulso e sazonal, a insalubridade – desde o peso das cargas até a tuberculose da cidade úmida e dos armazéns frigoríficos. Além do clima, a relação dos personagens com o trabalho e o ambiente do porto é mediada pela paisagem. Não há o espaço fechado das fábricas do romance proletário convencional, os estivadores trabalham ao ar livre, na chuva, no sol e no mormaço. Além da luta contra o capital, o trabalhador e os personagens que circulam em torno do porto devem enfrentar o meio, uma característica que aproxima *Navios Iluminados* e a literatura de identidade portuária de obras como *Os sertões* (1902), de Euclides da Cunha, onde o sertão ocupa a função narrativa do cais; e *Germinal* (1885), de Émile Zola, em que as minas de hulha desempenham tal função.

¹⁰⁷ SILVA, Maurício. *O cruel realismo do cais do porto*. **Leopoldianum**. Vol. XX, nº 56. Santos: Editora Leopoldianum, [s.d].

¹⁰⁸ Para além dos romances, o porto de Santos já foi tratado na poesia por nomes como Rui Ribeiro Couto, Pablo Neruda, Elizabeth Bishop e Blaise Cendrars, além do já citado Roldão Mendes Rosa e dos contemporâneos Alberto Martins e Narciso de Andrade. Se contarmos os relatos de viajantes, podemos enumerar ainda Rudyard Kipling, Claude Levi-Strauss, José Vasconcelos e até Lê Cobusier, que desenhou a baía de Santos na escala da viagem que fez a Buenos Aires.

Em todas essas obras, o ambiente se alia à “sobredeterminação” social na definição do destino dos personagens.

O espaço portuário se diferencia do espaço proletário também na sua configuração territorial. O porto não é a cidade, fica além dela, tanto que o território do porto de Santos é federal, o município não tem qualquer autoridade ali. Narrativamente, a obra também se realiza na linha intermediária entre a literatura proletária e a literatura regionalista. O porto é justamente um espaço intermediário, de trocas e contato entre os dois campos. É o ponto de chegada ao país de produtos industrializados importados e de saída de produtos agrícolas e matérias-primas, sem contar o movimento populacional. É esse espaço intermediário que constitui o universo ficcional próprio da literatura de identidade portuária.

2.3 Terras do Norte, Terras do Sul: representação nacional de um país de deslocamentos populacionais

Navios Iluminados retrata o homem do sertão que veio para a cidade. Embora possa ser um dos percursos mais comuns nos movimentos da população brasileira, é só em sua obra final, de um autor que chegava à maturidade, que essa trajetória se realiza completamente em mimese literária.

Seu primeiro romance, *O Triunfo* (1918), enquadra-se no que seria mais tarde chamado de regionalismo; *Dentro da vida* (1922) tem um protagonista que sai da cidade grande, o Rio de Janeiro, para clinicar no interior de Minas Gerais, assim como havia feito o próprio Ranulpho antes de se mudar para Mirassol. *O lírio na torrente* (1925) reúne os espaços do Nordeste e do

Sudeste em uma história que tem como cenários Lagarto (Sergipe), cidade natal do autor ¹⁰⁹, o próprio Rio de Janeiro e Ribeirão Preto ¹¹⁰.

Temos assim *O Triunfo* (1918), ainda que traga um personagem migrante, como sua obra do espaço natal (é um romance que Prata trouxe do Norte, como diria em entrevista a Silveira Peixoto ¹¹¹). *Dentro da Vida* (1922) como a representação literária de sua clínica em uma cidade do interior mineiro (no romance, o nome da cidade é Santa Clara), cujo cenário não permite ao enredo ter maior complexidade do que uma história de amor entre o médico e uma jovem da família mais rica da cidade. Já *O lírio na torrente* (1925), que trata das viagens do protagonista entre o Rio de Janeiro e o interior de São Paulo, acompanha também as mudanças do próprio autor. Assim como a obra de 1922, *O lírio na torrente* traz um protagonista que se move do litoral para o interior, em busca de diploma e trabalho. O enredo do romance tem início no Rio de Janeiro, de onde Fortunato, o protagonista, nascido em Lagarto, Sergipe, parte para Rio Preto, no interior de São Paulo, onde mora com um tio de sua esposa, o doutor Alexandre. Após algumas idas e voltas entre a então capital nacional e o interior de São Paulo, é lá mesmo que a história termina. Enquanto Prata lamentava não poder escrever no cenário de uma cidade grande, seus personagens também se mantinham no ambiente do interior, como nos dois romances que publicaria em 1922 e 1925, antes de vir para Santos.

¹⁰⁹ Ranulpho Prata nasceu em 04 mai. 1896 (MENEZES, Raimundo de. **Dicionário Literário Brasileiro Ilustrado**. Vol. IV. São Paulo: Instituto Nacional do Livro; Edições Saraiva, 1969).

¹¹⁰ A primeira edição de *O Triunfo* foi consultada na Biblioteca da Sociedade Humanitária dos Empregados do Comércio de Santos, onde se encontram ainda edições de *A longa estrada* (1925) e de *Lampião* (1934) que, junto com *Navios Iluminados*, completam a bibliografia do escritor.

¹¹¹ [s.n]. **A Santa Casa da Misericórdia de Santos reverenciou a memória dos drs. Tomás Catunda e Ranulfo [sic] Prata**. Diário de Santos [entrevista publicada originalmente na revista Vamos Ler]. Santos, 08 ago. 1943. *Apud*: RAMOS PESTANA, Sonia Maria. *Op. cit.*, pp. 165-166.

Outra mudança significativa entre a narrativa dos três primeiros romances e *Navios Iluminados* é a composição do protagonista. Enquanto nas três obras iniciais, o personagem principal detém ou busca um diploma (um bacharel em *O Triunfo*; um médico em *Dentro da Vida*; e um estudante em *O lírio na torrente*, os três com uma marca biográfica muito assentada), José Severino de Jesus é um ex-agricultor semi-alfabetizado que deixa a roça no sertão da Bahia para tentar a vida como estivador no porto de Santos.

Vale lembrar que o próprio autor era um migrante, tendo passado ainda por Estância, também em Sergipe, onde havia estudado, e Salvador, onde concluiu o Secundário, além do Rio de Janeiro onde concluiu seus estudos de Medicina entre 1918 e 1919, Santo Tomás de Aquino, Minas Gerais, em 1920, e Mirassol entre 1921 e 1924. Durante os dois anos seguintes, volta ao Rio, muda-se para Sergipe e retorna ao Rio, de onde, em 1927, mudaria para Santos, onde residiria até sua morte, em São Paulo, em 24 de dezembro de 1942, no hospital santa Cruz, em São Paulo ¹¹².

¹¹² [s.n]. **Dr. Ranulfo [sic] Prata**. A Tribuna. Santos, 25 dez. 1942. Necrologia, p. 10.

Mapa 1 Ranulpho Prata, migrante



Arte: Eduardo Morello

A migração e a imigração são dois assuntos que estão nas páginas do romance de Ranulpho Prata. Nenhum dos personagens principais é sequer santista. José Severino de Jesus e seu amigo Felício são baianos, de Patrocínio do Coité; Manuel Milagre e a esposa Sá Francisca, que alugam um quarto do chalé aos dois amigos, são portugueses. A filha de Manuel, Florinda, que se casa com Severino, é a única personagem do núcleo principal que nasceu em Santos. Os tipos da narrativa são formados por migrantes nordestinos que buscam trabalho urbano e

imigrantes, suas famílias e descendentes, secundados por trabalhadores das mais diversas origens na estiva e em outras funções do porto: marinheiros, funcionários da burocracia portuária, prostitutas ¹¹³.

No romance, o espaço nacional é formado por dois blocos de cidades. No Sudeste: Santos, São Vicente, Guarujá (Baixada Santista), São Paulo, São José dos Campos e Rio de Janeiro; e no Nordeste: Patrocínio do Coité e Cabrobó (além de menções a Pernambuco e Bahia). Essa oposição é explorada nos termos “terras do sul” e “Norte” (1996, pp. 43 e 158), regiões antagônicas postas em comunicação pelo porto de Santos. A passagem reproduzida a seguir mostra a chegada no cais de Santos de trabalhadores para as lavouras paulistas:

O Itaquiá, numa manobra fácil e rápida, encostou no armazém 5. Vinha do Norte. Subiram para bordo alguns homens da (turma de estivadores) 65. Mas não foi possível abrir os porões antes de esvaziá-lo da carga humana que trazia.

A proa estava apinhada de gente que entupia os poucos alojamentos da terceira, esparramava-se pela escotilha e convés e, subindo como uma onda, derramava-se por todo o castelo. Cerca de seiscentas pessoas ocupavam lugares que mal dariam para duzentas. Severino estacou, surpreso, diante do que via. Era uma legião de seres que confrangiam. Homens definhados, os ossos da face pulando, a barba e a roupa carregando na impressão de miséria; mulheres envelhecidas antes do tempo, esgrouvinhadas, macilentas; crianças de todos os tamanhos, de peito, de braço, de barra de saia, imundas, pernas de cambito e barrigas de sapo. Duas morreram na travessia, indo para o mar, para o acalento das ondas. Mas a carga, em lugar de desfalcada, chegou acrescida, porque nasceram três: a Natureza na teima cruel de botar viventes no mundo para que o sofrimento, como uma traça, tenha sempre o que roer.

O sol era forte e a azáfama do cais aumentava o calor. De bordo, saía um mau cheiro ardido de detritos, suor e urina.

Severino, com dificuldade, penetrou naquele bolo de gente, a sua gente. Abeirou-se de um velho barbudo que apertava nos peitos, como um saco de ouro, um pequeno baú de folha.

- De onde é, meu irmão?**
- De Cabrobó, em Pernambuco.**
- Pra onde se bota?**

¹¹³ Nas décadas de 1920 e 1930 o porto de Santos já havia se consolidado como o mais importante do país devido aos investimentos em infra-estrutura realizados durante os 50 anos que antecederam esse período, entre eles a construção da Ferrovia Santos-Jundiaí (1867) e a transformação das pontes e trapiches no cais unificado (1892), conta HONORATO, Cezar. *Op. cit.* A consolidação do porto também permitiria a chegada de braços para o epicentro dessas transformações: as fazendas de São Paulo, fonte hegemônica da modernização conservadora brasileira nos moldes da “modernização sem modernidade” das grandes cidades da América Latina, na análise de Nestor García Canclini (2000).

- Vamos pras fazendas de São Paulo, limpar café.
 - Não tem chovido lá no Norte?
 - Está com sessenta dias que nem respinga.
 - Todo o plantio torrado?
 - Todo perdido, sim, senhor.
 - E os ganhos?
 - Nenhum, meu irmão, nenhum. O vintém é um despotismo custoso. E não chega pras urgências. Se o céu não tiver dó mandando chuva, ou o governo não der passagem, morre tudo lá embolado que nem bicho em bicheira. Quer tirar uma fumaça?

O velho sertanejo lhe ofereceu um cigarro. Severino aceitou, deu uma chupada forte, encostou-se na amurada e deixou os olhos caírem no espelho das águas, numa cisma repentina. “Norte sem coração, enjeita tudo quanto é filho”, pensou. (NI, 137-8)

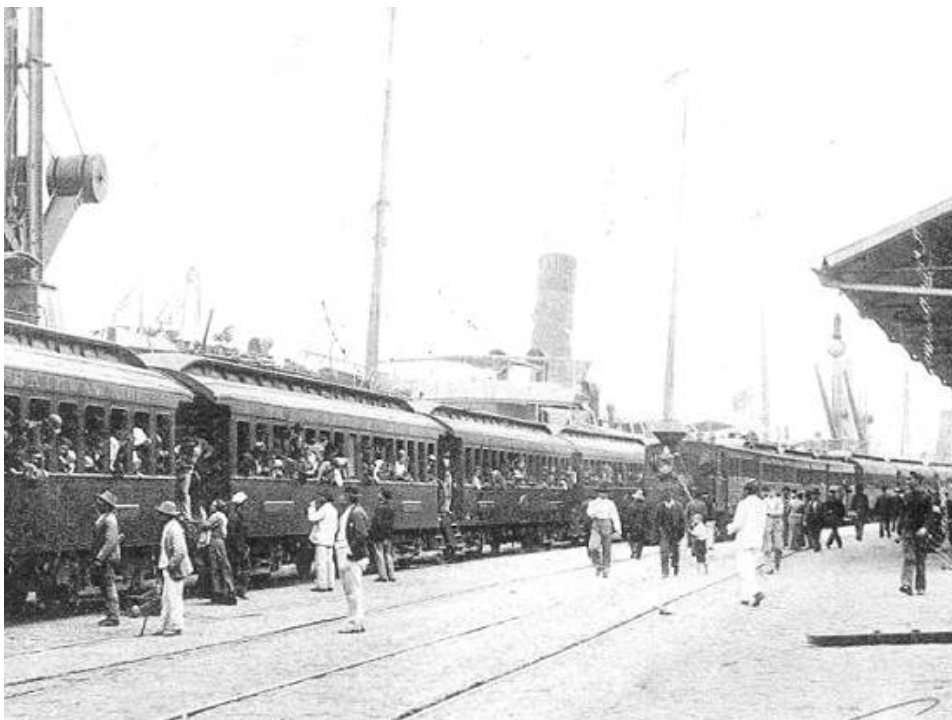


Ilustração 8 Migrantes embarcam no trem no cais de Santos, s/d. Acervo do Museu do Porto.

A terra que tudo quanto é filho enjeita é onde a família de Severino mal sobrevive no aperto da seca. Em Patrocínio do Coité, sertão da Bahia, ele deixou mãe e os irmãos mais novos; o pai estava preso por desacato e não mais sustentava a família. Coube então a Severino migrar para as terras do sul como antes fizera seu amigo, Felício, que, cheio de histórias da cidade grande durante visita à terra natal, incentivava o conterrâneo a acompanhá-lo. Eles migram em

busca de trabalho na Companhia Docas de Santos, a concessionária que administraria o porto até a década de 1980. De Patrocínio se dirigem a Salvador, onde tomam o navio para o porto do Sul.

Mapa 2 O espaço nacional em *Navios Iluminados*

Felício, amigo que traz Severino para Santos, aproveita a escala no Rio de Janeiro para conhecer a cidade, enquanto o outro fica no navio, com receio de se perder na cidade e não conseguir retomar a viagem para Santos. Já em Santos, quando ganha dinheiro no jogo do bicho. Felício usa todo o dinheiro em uma viagem de primeira classe até Buenos Aires, onde gasta tudo em cassinos, aluguel de carros e prostitutas.



Fonte: *Navios Iluminados*
Arte: Eduardo Morello

A superposição dos mapas 1 e 2, apesar das diferenças, revela uma ligação direta entre os locais em que viveu Ranulpho Prata e os espaços descritos em sua obra, ainda mais se levarmos em conta a cidade do interior em *Dentro da Vida*, que corresponde a Santos Tomás de Aquino, e as viagens do protagonista de *O lírio na torrente* entre o Rio de Janeiro e Ribeirão Preto correspondem às mudanças do autor entre Mirassol e a capital federal nos anos anteriores à sua mudança definitiva para Santos.

A importação maciça de mão-de-obra para Santos de outras regiões do Brasil, principalmente do Nordeste, começa ainda em 1892, quando um agente da Companhia Docas vai a Alagoas para contratar quatrocentos trabalhadores para atuarem na reforma e ampliação do porto (LANNA, 1996). O procedimento causava conflitos entre as elites do Centro-Sul e do Nordeste. As primeiras buscavam mão-de-obra mais barata, enquanto as segundas queriam evitar a elevação dos valores dos salários em suas regiões devido à diminuição do número de trabalhadores.

A chegada do Itaquiá no porto de Santos ilustra o que Francisco Foot Hardman chama de “drama da modernidade”, que se constitui “precisamente do choque que interrompe o fluxo da experiência tradicional, na destruição sistemática desses espaços-tempos insulados, no esquecimento produzido pelo desencontro de linguagens [...]”¹¹⁴, uma avaliação que complementa a apresentação de Benjamín de Garay para a versão em espanhol do romance. A passagem do romance revela o espaço do cais como uma fronteira entre duas terras, e o navio que

¹¹⁴ HARDMAN, Francisco Foot. *Antigos modernistas*. In: NOVAES, Adauto (org). **Tempo e História**. São Paulo; Secretaria Municipal de Cultura/Companhia das Letras, s.d.

trouxe os migrantes do Norte e o trem que os levará para as fazendas de São Paulo são eles mesmos também símbolos dessa modernidade a toque de máquinas.

A ambientação do romance em cidade portuária impede, como exposto acima, que seu autor seja classificado como “regionalista” ou “sertanista”. No porto, o que há é uma comunicação não só entre as terras do norte e do sul, mas também de suas respectivas identidades. O espaço híbrido do porto permite ao romance de Prata atingir em seu próprio meio aquilo que Nicolau Sevcenko detectou ao analisar a arte literária de Lima Barreto e Euclides da Cunha: “a dimensão histórica e espacial da nação, do Estado, do território, da ordem econômica internacional, do cosmopolitismo, etc.” (SEVCENKO, 2003).

2.4 O porto multinacional

É comum encontrar referências à “ordem econômica internacional” na literatura de identidade portuária. No romance histórico *Barcelona Brasileira*, encontramos a filiação anarquista do movimento operário em Santos durante movimento grevista de 1917 na cidade. Em *Barcelona Brasileira*, esse espaço internacional é percorrido pelo personagem Ángel Blanco, líder operário do cais santista, espanhol criado no cais de Barcelona, ladrilheiro, anarquista desde a infância, militante, preso pela primeira vez aos 18 anos, exilado. Foge para Buenos Aires em um navio argentino e, no meio do caminho, prefere descer em Santos para não complicar o comandante, seu amigo. Nas descrições, Blanco é talhado desde criança para a luta de classes:

Criado no porto de Barcelona, crescera ouvindo as aventuras dos homens do mar que se reuniam à tarde na pequena bodega que seu pai mantinha em frente do Mediterrâneo.

[...]

Aos 18 anos, quando sofreu sua primeira prisão, passou a ser respeitado por todos, porque, uma semana depois de ter sido levado para o cárcere central de Barcelona, fugiu. Ninguém soube como, mas o certo é que, uma noite, irrompeu uma reunião da organização dos

trabalhadores e fez um discurso que ficou famoso porque disse que o dever de revolucionário não era pedir indultos nem mendigar anistias; se perseguido, não se devia deixar prender; se preso, devia fazer o possível para fugir. Magoou alguns militantes que haviam sido beneficiados pelo indulto do ano anterior, mas arrancou aplausos de jovens como ele. E, assim como surgiu, desapareceu: nessa época, estava mergulhado na clandestinidade.

[...]

Começou a colaborar com a imprensa anarquista, assinando artigos com o seu nome maçom, Andrés. Tempos mais tarde, por causa de um artigo publicado no jornal libertário *La Huelga General*, em que contestava os socialistas autoritários, afirmando que não existia ditadura do proletariado, mas apenas ditadura, acabou expulso da Federação Regional Obreira da Catalunha.

É a descrição de um homem que luta. Em Santos, envolve-se até com um atentado. Sua luta política nos dois lados do Oceano Atlântico preenche o espaço internacional entre Barcelona e Barcelona Brasileira como um local de conflito ¹¹⁵.

Não é o que acontece com os personagens de *Navios Iluminados*, na qual esse mesmo espaço é descrito como local de resignação, de uma miséria que não se altera independentemente de qual ponto do planeta seja a origem do pobre. A viagem de outro espanhol nascido em Barcelona, Pepe Riesco, até Nova York e dali até Santos, é o exemplo dessa outra chave literária – a tragédia social – de tratar o mesmo espaço. No romance de Ranulpho Prata, as aventuras do espanhol pelos portos do mundo são assunto recorrente pelas ruas do bairro portuário de Santos. Ele havia passado por Nova York, Cuba e Barcelona, onde fora preso sem que o narrador nos apresente a razão, ainda que o texto insinue a militância política como motivo.

A única história que Pepe gostava de contar era a de sua chegada em Santos depois de uma viagem como clandestino, muito semelhante ao percurso do anarquista de *Barcelona*

¹¹⁵ O internacionalismo operário se reflete também na obra literária do escritor estado-unidense John dos Passos. Em seu romance *1919*, publicado em 1932, os personagens são jovens – na maior parte de esquerda e pacifistas – que se engajam durante a Primeira Guerra Mundial em serviços como a Cruz Vermelha, representações políticas, o jornalismo ou a burocracia administrativa. O espaço desse engajamento é aquele formado pelo circuito de viagens entre os portos do Mar Mediterrâneo e os da costa atlântica da América, um território desde o fim do século XIX disputado com o imperialismo, e, logo depois, pelas ideologias totalitárias.

Brasileira. Desempregado e receoso do inverno que começava a atingir Nova York, Pepe aplica seus últimos 27 dólares para conseguir um espaço nos porões do Southern Cross, transatlântico que tinha Buenos Aires como destino, cidade onde tinha amigos e na qual mantinha a esperança de conseguir trabalhar novamente. No porão do navio, ele encontra Walfredo Muller, um agricultor alemão empobrecido pela I Guerra Mundial, exemplo às avessas do internacionalismo lutador:

O companheiro de Riesco era um alemão a quem a guerra, além de aleijar uma perna, empobrecera, reduzindo-o de lavrador abastado da Baviera a mendigo internacional. (NI, 56)

A água e a comida dos dois companheiros se esgotam no meio da viagem. Para piorar, a embarcação é atingida por uma tempestade que pega os clandestinos nos porões escuros:

De repente o mar zangou-se, piorando a situação. O vapor começou a jogar, as ondas quebrando-se de encontro ao casco com ruído de desmoronamento. Ventava rijo e as águas engrossavam sob o açoite da chuva. No porão meio vazio principiou a dança dos volumes que se arremessavam uns contra os outros, rangendo, chiando, atritando-se furiosamente. Pepe olhava-os, receoso de ser esmagado. Não sabia como se defender nem ao companheiro. Para o lado que se lançava, sentia os caixões em movimento, deslizando como coisa viva. O balanço era cada vez mais forte, parecendo que o vapor corcoveava, numa guinada mais violenta, um pequeno volume desprende-se de uma pilha de fardos e rola sobre ele, esmagando-lhe os dedos da mão esquerda. Pepe saltou um rugido e uma praga violenta.

Enquanto fora durou o temporal, lá dentro os clandestinos sofreram até não poder mais. Foram horas infernais, inesquecíveis, as máquinas arfando, o mar a bater no costado com o lençol duro nas ondas e os volumes, que no negrume semelhavam monstros, querendo devorá-los. (NI, 58)

Os dois companheiros são descobertos no Rio de Janeiro. Muller é levado ao hospital, onde morre horas depois, e Pepe é forçado a trabalhar no navio até o retorno aos Estados Unidos. Em Santos, porém, ele salta nas águas do estuário e se refugia em uma colônia de pescadores. Recuperado da aventura, toma rumo para São Paulo, mas em poucas semanas voltaria a Santos, que lhe agradara mais. Na cidade portuária, trabalha como garçom, lixeiro e, enfim, entra para a

CDS por meio da ajuda de um conterrâneo que trabalhava na seção elétrica das oficinas da companhia.

Já no final do livro, o protagonista José Severino de Jesus, ao comentar as intenções do irmão mais novo de morar em Santos, traça um retrato às avessas do internacionalismo pregado pelo Ángel Blanco de *Barcelona Brasileira*:

- Não há canto no mundo onde pobre não sofra. É sina que Deus lhe deu. E toda sina tem que ser cumprida. Quem tem forças pra fugir? Aqui ou lá, é a mesma coisa. Não tem apelo. Sendo assim, o melhor é ficar no lugar onde nasceu. (p. 178)

Tanto na chave resignada e de tragédia social de Ranulpho Prata, na heroificação do estivador promovida por Jorge Amado ou na do conflito social de Adelto Gonçalves, o que estas narrativas têm em comum é o motivo literário dos portos como locais de articulação internacional, ou como na imagem do escritor argentino Ricardo Piglia, uma máquina narrativa que desenvolve seu próprio tipo de histórias ¹¹⁶.

A face internacional do Macuco e dos trabalhadores do porto é um tema recorrente em *Navios Iluminados*. Trabalhadores de todos os cantos do mundo, viajantes clandestinos e mulheres de sotaque “estrangeirado” aparecem por todo o livro. Há os portugueses, como Manuel Milagre, já adaptados à cidade e “amigos da companhia”. Há os espanhóis ligados ao sindicato. E as prostitutas de várias nacionalidade que recebiam marinheiros, taifeiros, foguistas:

¹¹⁶ O conceito de máquinas narrativas aplica-se ao desenvolvimento dos enredos literários, assemelham-se aos “gêneros estabelecidos, que são como rios em que a gente entra”. FIGUEIRAS, Mauricio Montiel. *Letras mestiças* [entrevista com Ricardo Piglia]. Folha de S. Paulo. São Paulo, 15 jun. 2003. Mais!, pp. 4-7. Na literatura que tem o porto de Santos como tema é de se notar a coincidência narrativa de três poemas que mostram a chegada ao cais. Blaise Cendrars e Elizabeth Bishop deram o mesmo nome a suas peças, *Chegada em Santos*, enquanto Pablo Neruda escreveu *Santos revisitada*, nome próximo ao usado pelos outros dois artistas e que revela ainda o reencontro com o cais santista. O encadeamento dos três poemas (de forma geral: vista da terra, descrição da paisagem, comentário sobre o trânsito do porto e desembarque) sugere o espaço portuário como uma máquina narrativa.

E lá se iam, ruidosas, contentes, levando cada uma o seu par. Algumas, de pronúncia estrangeirada, não satisfeitas, distribuíam pelos que ficavam cartões com o nome e o endereço. (NI, 19)

Já no Parisien Bar, repleto de operários e marítimos fumando e jogando bilhar e dominó, havia a Madame Jannette, mantenedora do local, uma mulher gorda e pesada que controlava o espaço a partir de sua cadeira alta defronte da registradora. Ela se comunicava “trocando língua” e preferindo dinheiro “estrangeiro”.

Embora a trama de *Navios Iluminados* se passe entre o final de 1926 e os primeiros anos da década seguinte, usa-se o censo municipal de 1913 para se obter uma idéia do tamanho do contingente imigrante na cidade. Naquele ano viviam no município de Santos 39.802 estrangeiros, número que equivalia a 44,7% da população total do município. Os portugueses formavam a maior colônia, com 23.055 pessoas, seguidos pelos espanhóis (8.343), italianos (1.852), ingleses (683), turcos (572), japoneses (358) e alemães (344), sem contar norte-americanos, austríacos, franceses, holandeses e russos, entre outros.¹¹⁷

No capítulo 7 de *Navios Iluminados*, quando o protagonista José Severino de Jesus começa a trabalhar na estiva, a chamada do chefe da turma 65 revela a face internacional dos trabalhadores do porto: o espanhol Domingos Peniche, o açoriano Antônio Canadas, o imigrante pernambucano Aurélio Perigo, o italiano Pascoal Fiori, o japonês Ushiko Giuske, o austríaco Paulo Friedericks, o russo Nicolau Witambosk, o “bresente” de Jorge Kifuri, o alemão Otto Reinam, além de Severino e outros brasileiros. Junto com a convivência internacional, as

¹¹⁷ PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTOS. **Recenseamento da Cidade e Município de Santos em 31 de dezembro de 1913.** Santos: 1914.

brincadeiras preconceituosas e gracejos de boca em boca entre as duas fileiras de trabalhadores, a que vinha carregada do navio e a que voltava de mãos vazias do armazém: “Portuga unha de fome”, “Cabeça chata”, “Mussolini dos infernos, por que não vai pra tua terra?”, “Olha a catinga do negro”, “Amarelo de olho torto, afirma as pernas”, “Boca de bagre”, “Chupa peito”, “Feijoada”. O Macuco, naqueles anos, era um bairro multinacional.

Gitahy escreveu sobre a convivência entre trabalhadores de diversas nacionalidades:

Como foi visto, vários grupos da classe operária experimentando diferentes situações com respeito ao mercado e ao processo de trabalho, vindos de diferentes experiências culturais e sociais – vida de agricultora numa vila de Portugal ou das Ilhas do Atlântico, escravidão no Brasil, outros contextos sociais europeus e asiáticos, gente com as mais acidentadas histórias de vida – foram capazes de construir juntos uma comunidade cujo núcleo eram os trabalhadores do porto (...). O trabalhador do porto vivia perto do local de trabalho e seu ritmo de trabalho, no mínimo irregular, permitia a ele ir e vir de casa para o porto mais de uma vez ao dia. (1992, p. 121)

Ao tratar do cotidiano operário em Santos entre 1930 e 1954, Rodrigo Rodrigues Tavares mostra como se formavam os bairros-nação, categoria na qual a identidade do trabalhador era definida por sua origem nacional (2007, pp. 37-45)¹¹⁸. Concentravam-se espanhóis e italianos no Campo Grande, portugueses no morro do São Bento e japoneses na Ponta da Praia (estes mais isolados), muitos dos quais atuavam em atividades ligadas ao comércio .

Mas enquanto o Relatório da Comissão Executiva da Coligação Operária de Santos sobre o pleito de 1928 registrava 200 tecelões e 300 metalúrgicos na cidade; os trabalhadores em café (profissões já ligadas ao porto) somavam 3.400 pessoas e os trabalhadores do porto, por sua vez,

¹¹⁸ O censo de 1934, encontrado pelo pesquisador em um boletim do Departamento Estadual de Estatística, mostrava que 26,4% da população santista, de 142.059 pessoas, eram formados por estrangeiros.

eram 4.000, grande parte concentrada nos bairros portuários Paquetá e Macuco que, naquele tempo, compreendia as áreas também dos atuais Estuário e Aparecida:

A situação no cais era completamente diferente daquela vivenciada pelo primeiro grupo disperso pelos espaços do comércio urbano. A diferença se fazia tanto pela concentração de milhares de portuários no mesmo espaço, como pela distância entre patrão e empregado. Se alguns empregados do comércio e da construção civil acreditavam que, um dia, poderiam chegar a patrões, seria impossível convencer os doqueiros ou os estivadores que eles chegariam a proprietários da Companhia Docas de Santos. O convívio no local de trabalho com o patrão não ocorria no porto. (TAVARES, 2007, p. 57)

A concentração de trabalhadores nos bairros portuários desfaz a categoria bairros-nação: “as identidades nacionais se sobrepujam no porto”. A sobreposição das identidades nacionais garante ao espaço portuário uma variação de tipos maior que a dos bairros operários, sem contar o cosmopolitismo dos passageiros e marinheiros, as prostitutas de diversas nacionalidades.

As condições específicas de trabalho nos portos também favorecem a internacionalização da cultura portuária. Gitahy resgata como na virada do século XIX para o XX são implementados os portos modernos:

Ao mesmo tempo, na maioria dos portos do mundo, floresce uma política de contratação de mão-de-obra que desembocou na criação de um sistema ocasional de trabalho, ainda não completamente eliminado em muitos portos atuais. Este sistema apareceu historicamente como a resposta dada pelos empregadores às constantes flutuações de carga e descarga de mercadorias nos portos. O traço básico do sistema é uma extrema flexibilidade na contratação dos trabalhadores. Diariamente e até duas vezes no dia, uma multidão de candidatos aglomerava-se nos portões dos portos para conseguir trabalho para o dia ou até por algumas horas. Este sistema de contratação conhecido como *free call* (Inglaterra), *shape up* (Estados Unidos) ou “parede” (Brasil), levou à criação e manutenção de um exército permanente de reserva na área do porto, ao qual os empregadores recorrem nos momentos de pico do movimento do porto. (1992, p. 105)

A multiplicidade de origens e destinos das cargas também favorecem à formação de um espaço internacional, como podemos ver nesta passagem do início do romance na qual Severino, ainda desempregado, passeia pelo cais santista:

Severino [...] saiu, sem pressa, calmamente, tomando a direção do cais, onde as horas passavam rápidas, distraído com uma porção de coisas nunca vistas por ele. A chegada dos navios que lentamente atracavam, às vezes depois de manobras custosas. A labuta sem fim de lhes encher e esvaziar os ventres. Desembarcavam-se trigo da Argentina, vinhos de França e Portugal, mármore da Itália, carvão da Inglaterra, aço e ferro da Alemanha, maquinismo dos Estados Unidos, cimento e bacalhau da Noruega, óleo da Holanda, sedas e porcelanas do Japão, adubos da Bélgica, massa para papel da Suécia, enxofre do Chile, juta e chá da Índia.

Embarcavam-se café, laranja, banana, algodão, fumo, carne.

Um formigueiro de homens suados, barulho de guindastes, locomotivas arfando, vozes, gritos, apitos. Um dia dos diabos, que azoava a atraía Severino. (NI, 17)

Enfim, as passagens acima, tanto as ficcionais como as de estudos, revelam um imaginário de uma cidade provisória ¹¹⁹, de comércio, de transbordo de cargas e sotaques, de migrantes e viajantes, de oportunidades e porões, de idas e vindas, como indicam o poema acima de Roldão Mendes Rosa ou os versos a seguir de Alberto Martins:

cais
onde as coisas ancoram
onde as coisas demoram
algum tempo
antes de partir ¹²⁰

Franco Moretti, um geógrafo que estuda literatura, defende que “cada espaço determina, ou pelo menos encoraja, sua própria espécie de história”. O autor escreve que as fronteiras, não só as físicas, mas também as simbólicas, são locais das narrativas em que se multiplicam as metáforas, isto é, o uso de expressões, imagens ou apenas uma palavra para identificar determinado objeto. De acordo com o apresentado neste capítulo, a literatura de identidade portuária reúne no mesmo espaço de fronteira geográfica e simbólica – o porto – as trocas

¹¹⁹ Por imaginário, ficamos aqui com a definição de Berthold Zilly, tradutor de *Os sertões* para o alemão, em promovida pelo Centro de Estudos Latino-americanos Ángel Rama entre 9 e 13 de setembro de 1991: “conjunto de idéias ou imagens, portanto uma realidade *sui generis*, mais ou menos autônoma, convincente, até talvez fascinante, de certa perfeição e coerência, e, de qualquer forma, não arbitrária, que apela para as expectativas emocionais e intelectuais do homem, ou, pelo menos, de um grupo social”. Sua conferência, *A Guerra de Canudos e o Imaginário da Sociedade Sertaneja em Os Sertões, de Euclides da Cunha: da Crônica à Ficção*, bem como as demais proferidas no seminário internacional foram reunidas em CHIAPPINI, Ligia e AGUIAR, Flávio Wolf de (orgs). **Literatura e História na América Latina**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

¹²⁰ MARTINS, Alberto. *Em torno da cidade* [fragmento]. In: **Cais**. São Paulo: Editora 34, 2002.

internacionais, os movimentos populacionais e a sugestão de metáforas (*Barcelona, Moscou, espaço híbrido*), num esforço de dar significado a este espaço (MORETTI, 2003, p. 57) ¹²¹. E que são os navios iluminados do título além de uma metáfora para a vida que José Severino de Jesus jamais conseguiu viver em Santos? Metáfora que se apresenta nesta passagem em que o protagonista presencia a partida do Cap Arcona, um cruzeiro de passageiros que deixava o armazém 24, ao lado do armazém onde ele e a turma 65 descarregavam carvão:

O trecho do cais que ele ocupava tornou-se repentinamente deserto. Só os carvoeiros, sentados no chão, como sombras. A Severino tudo se lhe afigurava sonho. Há poucos instantes tinha diante dos olhos um palácio encantado que desaparecera, num relance, ficando no seu lugar uma tristeza que se espalhava por todas as coisas. No vazio, deixado pelo vapor via, apenas, as águas escuras e sujas. Uma saudade inexplicável, que ele não sabia de onde vinha, apertou-lhe o peito, angustiando-o. (NI, 109) ¹²²

¹²¹ “E aí está realmente a questão: num espaço novo, precisamos de um ‘desenho semântico’ de nosso entorno [...] e apenas as metáforas sabem como fazê-lo. Apenas as metáforas, quero dizer, podem ao mesmo tempo expressar o desconhecido que devemos enfrentar e, contudo, contê-lo”.

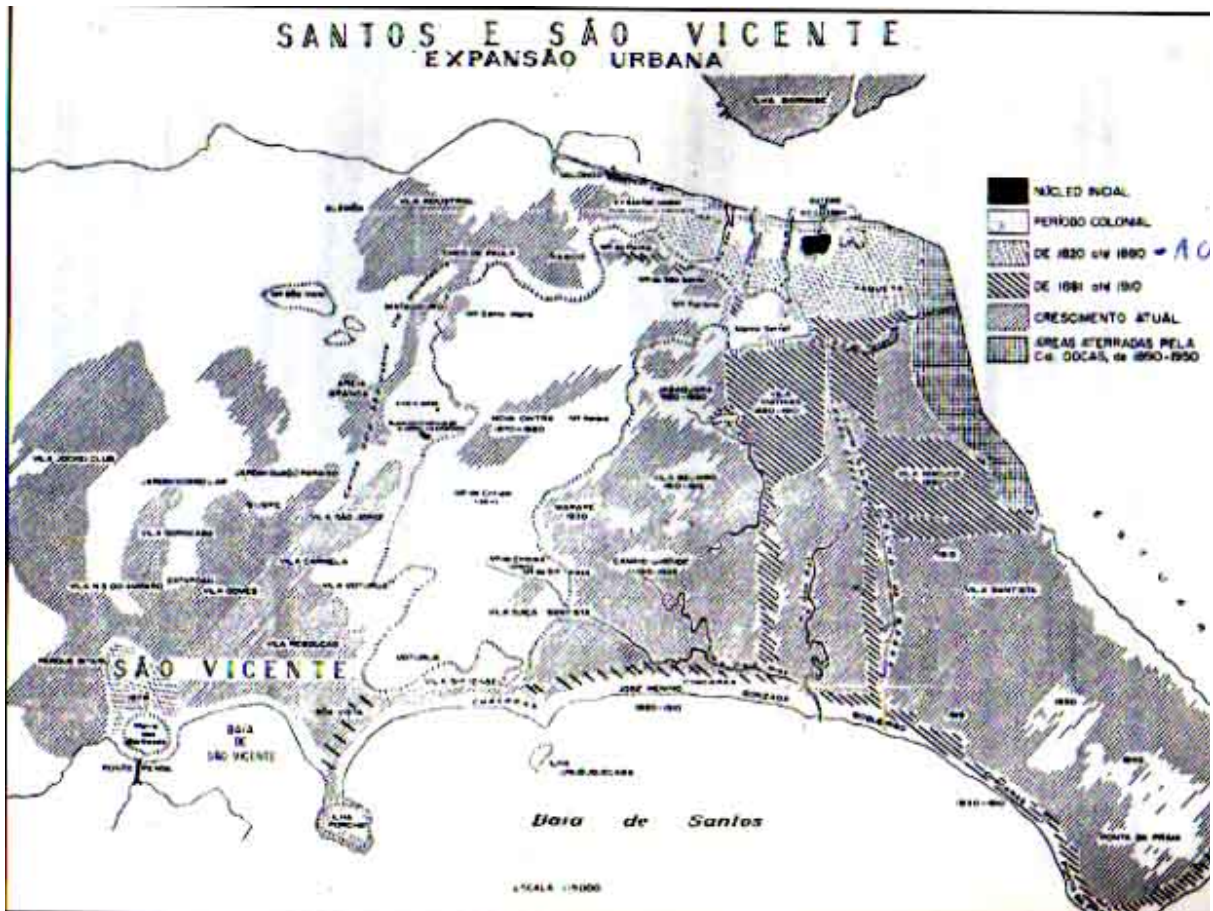
¹²² A passagem é extremamente rica em imagens metafóricas ainda porque a saudade que o personagem sofre aperta-lhe o mesmo peito que seria atacado também pela tuberculose.

CAPÍTULO 3 NARRATIVA E TERRITÓRIO DA ESTIVA

3.1 A cidade, o bairro, o romance

O início da ocupação da Vila Macuco data da década de 1880. É consequência direta da expansão da cidade, assim como a ocupação da Vila Mathias, realizada simultaneamente. Os dois loteamentos formam os primeiros territórios da cidade ocupados para fora dos quartéis – a anterior cidade colonial. As veias de ligação do núcleo inicial aos dois novos bairros são as avenidas Conselheiro Nébias e Ana Costa, inauguradas em 1887. Paralelas e com seis quilômetros de extensão, elas ligam o Monte Serrat e o bairro do Paquetá à barra, o que permitiu a ocupação urbana da orla da praia, como indica a figura:

Mapa 3 Expansão urbana de Santos e São Vicente



Fonte: Imagem publicada originalmente em *A Baixada Santista: aspectos geográficos*. 3º V. Apud: ANDRADE, Wilma Therezinha Fernandes de. *Santos: urbanismo na época do café (1889-1930)*. In: Vários autores. Santos. *Café & História*. Santos: Editora Leopoldianum, 1995, p. 105

Em sua história da urbanização santista, Ana Lúcia Duarte Lanna descreve Santos no momento em que o Macuco e a Vila Mathias são formados. Entre 1874 e 1886, a população de Santos passa de 9.191 pessoas para 15.605. Em 1900, chegaria a 50.389:

Para os homens que habitavam essa cidade as mudanças eram perceptíveis. A ferrovia e o movimento do porto, com seus desdobramentos para a expansão do comércio santista eram os sinais evidentes da quebra do “marasmo colonial”. Os recorrentes problemas sanitários vão assumindo nova dimensão. Sem atacá-los de frente parecia impossível consolidar o futuro que se avizinhava. Tratava-se de se livrar da pecha de cidade insalubre, das sezões e das bexigas. (1995, p. 26)¹²³

¹²³ A imagem para “fora dos quartéis” veio da leitura de Lanna. Sobre as mudanças urbanas de Santos ver também: ANDRADE, Wilma Therezinha Fernandes de. *O discurso do progresso: a evolução urbana de Santos 1870-1930*.

No meio do caminho, entre 1890 e 1900, os “recorrentes problemas sanitários” se avolumam em 22.588 mortos, vítimas das epidemias de malária, varíola e febre amarela, praticamente a metade do número de habitantes na virada do século (LANNA, 1995, p. 50 *et passim*)¹²⁴. Mesmo assim, a população só aumentava, em 1913 chegaria a 88.967 indivíduos, de acordo com o Recenseamento da cidade e município de Santos¹²⁵. Medidas de profilaxia e campanhas de saúde começaram a ser realizadas em 1891. Em conjunto com elas, a política das autoridades públicas se inclinava, como em outras cidades, ao controle do espaço público. As intervenções sanitárias remodelavam o antigo centro. Nos anos seguintes, a engenharia sanitária cuidaria de garantir a sanidade do tecido urbano. Em 1907, uma grande festa marca a inauguração do primeiro dos famosos canais de drenagem de águas pluviais, marcos da arquitetura local idealizados pelo engenheiro sanitarista Francisco Rodrigues Saturnino de Brito. Em 1908, a Companhia Docas de Santos inicia a construção de suas oficinas e da residência do inspetor da empresa no edifício nº 01 da Avenida Taylor (atual Rodrigues Alves), que vai do bairro da Encruzilhada ao Macuco em direção ao porto¹²⁶.

Guilherme Álvaro, médico da Comissão Sanitária de Santos, relata as transformações pelas quais a cidade passava:

Tese de doutorado em História Social. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1989.

¹²⁴ A fonte sobre população é MELLO, Zélia Cardoso de; SAES, Flávio A. M. *Características dos núcleos urbanos em São Paulo. In: Revista de Estudos Econômicos*. 15 (2). São Paulo, IPE, mai./ago. 1985. O número acumulado de mortes entre 1890 e 1900 são de: RIBEIRO, Maria Alice Rosa. **História sem fim... um inventário da saúde pública. São Paulo 1880-1930**. Tese de doutorado, IE, Unicamp, Campinas, 1991, p. 51.

¹²⁵ **Recenseamento da Cidade e Município de Santos em 31 de dezembro de 1913**. Santos: Prefeitura Municipal de Santos, 1914.

¹²⁶ O Ministério da Viação e Obras Públicas aprovou a construção pelo decreto nº 6.961, assinado pelo presidente Affonso Augusto Moreira Penna em 21 mai. 1908 (Ministério da Viação e Obras Públicas. **Portos do Brasil. Lei, decretos, contractos e mais actos officiaes sobre os portos do Brasil, com anotações e noticia resumida dos estudos, projectos, concessões e obras de melhoramentos nelles executados de 1905 a 1911**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1912).

Toda gente concordava que Santos estava se transformando, crescendo continuamente sua população, intensificando-se patentemente a vida urbana, surgindo usos e costumes novos, resultantes naturais do desaparecimento das epidemias desde 1901. Confiava-se no futuro da cidade, onde casas e terrenos valorizavam-se continuamente, diminuindo cada mês o número de “diários” que viajavam para São Paulo, ouvindo por toda a parte afirmações de residência definitiva na cidade. A própria vida doméstica santista se transformava, generalizando-se o conforto, popularizando-se a instalação de banheiras, tomando os interiores aspecto de mais gosto, substituindo-se os mobiliários de carregação, fabricados para transporte fácil, por outros mais cuidadosos e custosos.¹²⁷

Papel importante na resolução da questão sanitária teve a Comissão de Saneamento do Estado, responsável pelas obras dos canais, cujo encarregado na cidade era Saturnino de Brito. Seu trabalho era iniciar a construção de nove canais de drenagem da cidade, iniciada em 1907 e que seguiria até 1927. Em 1910, apenas os canais 1 e 2 estavam prontos, substituindo antigos rios e córregos que se encharcavam com a chuva ou com as marés¹²⁸.

No final desse mesmo ano, Saturnino de Brito oferece ao município uma proposta de planta urbanística. O poder de intervenção da Comissão de Saneamento garantiu ao engenheiro a possibilidade de demarcar os terrenos – públicos e privados – com o traçado das novas ruas e avenidas, gerando apreensão, dúvidas, queixas e especulação por parte de proprietários, negociantes e poder público. O engenheiro idealiza a avenida-jardim Afonso Pena – uma via diagonal em relação ao eixo dos canais e das duas avenidas. Na justificativa da planta entregue à câmara em 1910, ele defende os traçados diagonais e um planejamento que leve em conta

¹²⁷ ÁLVARO, Guilherme. **A Campanha Sanitária em Santos**; São Paulo, 1919. *Apud* LANNA, Ana Lúcia Duarte. “A transformação urbana: Santos 1870-1920”. In: **Revista USP** (mar./mai. 1989); São Paulo: Coordenadoria de Comunicação Social da Universidade de São Paulo, 1989.

¹²⁸ ANDRADE, Wilma Therezinha Fernandes de. **Centenário dos canais: a obra de Saturnino de Brito** [palestra]. Comissão Especial de Vereadores das comemorações do centenário da inauguração do primeiro dos canais de drenagem. Santos, 25 ago. 2005. Disponível em <<http://www.canaisdesantos.com.br/historia.htm>>. Ao lado do texto, uma tabela traz a data de inauguração de cada um dos 9 canais do projeto da Comissão de Saneamento. Acesso em: 15 fev. 2007.

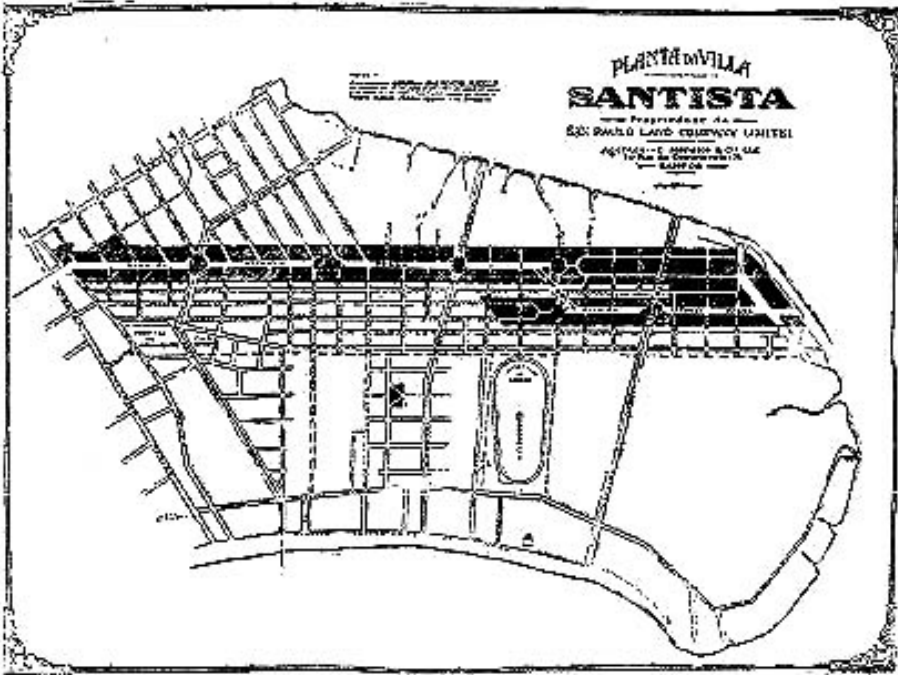
também o traçado estético. Chega a se referir aos bulevares de Paris ¹²⁹. Em 1913, ao se pronunciar sobre Saturnino de Brito exigir – novamente por ofício – a aprovação da planta, o prefeito Belmiro Ribeiro mostra-se preocupado com a especulação imobiliária. A câmara municipal trata o projeto apenas como uma contribuição.

A cidade já estava saneada, e a pressa no combate às epidemias cede lugar à disputa pelo controle do ritmo e da direção do crescimento da cidade entre comissão e câmara, com as influências e conseqüências sobre os especuladores e proprietários privados. Os conflitos e a falta de recursos para desapropriações em larga escala atrasam por anos o projeto, mas a idéia da diagonal acaba sendo acatada, ainda que o projeto original tenha sido modificado ¹³⁰.

¹²⁹ RIBEIRO, Belmiro. *Informações prestadas à Câmara pelo Prefeito Municipal. Sr. Belmiro Ribeiro, em 1913, sobre a referida planta*. In: SATURNINO DE BRITO, Francisco Rodrigues. **A Planta de Santos**. 1915, p. 187: Belmiro Ribeiro escreve: “conhecedores do plano de melhoramentos, [os proprietários] passaram a exigir preços fabulosos pelos terrenos, até então de pequeno valor”. No próprio ofício em que oferece a planta, de 31 dez. 1910, Saturnino mostra preocupação com a recepção do projeto e pede ao poder municipal que impeça nas Posturas Municipais punições aos que retirarem as marcas, feitas com “ferro e cimento” nos terrenos.

¹³⁰ SATURNINO DE BRITO, Francisco Rodrigues. *Op. cit.*

OS MAIS BELLOS LOTES DE TERRENOS DE SANTOS



SITUADOS NA GRANDIOSA AVENIDA AFFONSO PENNA E NAS SUAS PROXIMIDADES.

PAGAMENTOS EM 60 PRESTAÇÕES MENSUAIS.

TITULOS INCONTESTÁVEIS A' DISPOSIÇÃO DOS PRETENDENTES.

PREÇOS VANTAJOSOS

Ilustração 9 Anúncio da São Paulo Land Company Limited publicado em 1928 oferece lotes em torno da Avenida Afonso Pena ¹³¹

Desde 1909, a eletricidade vinha substituindo o gás e a tração animal nos bondes. Multiplicavam-se os jardins em torno das casas, o porto batia recordes de movimentação. Símbolo desse momento da expansão é a inauguração em 1922 da Bolsa do Café, numa das principais vias comerciais da cidade, a Rua XV de Novembro, nome republicano da imperial Rua Direita ¹³². A bolsa foi criada com o objetivo de organizar os negócios do café ainda no Brasil, ao

¹³¹ A Tribuna, 05 ago. 1928. In: Novo Milênio. Disponível em <<http://www.novomilenio.inf.br/santos/mapa34.htm>>. Acesso em: 10 jun. 2006.

¹³² O recenseamento municipal publicado em 1914 traz alguns dos outros edifícios construídos no eixo das ruas XV de Novembro e Santo Antônio: Associação Comercial de Santos, London Bank, River Plate Bank, Banco do Commercio e Industria de São Paulo, Brasilianisch Banck, Banco Francês do Brasil, Banco Espanhol del Rio de La

tentar minimizar o peso dos banqueiros e negociantes internacionais na atividade que impulsionava as transformações urbanas que viviam Santos e São Paulo no período. Nesse momento, a região da cidade mais distante do centro financeiro é a da área do Macuco que ocupa a maior parte das cenas de *Navios Iluminados*. Na imagem a seguir, as ruas e avenidas que estão no romance são aquelas bem próximas do centro da imagem, em direção à palavra “estuário”, escrita à direita. Além destas ruas, apenas o hipódromo e o canal 6.

Mapa 4 O bairro portuário do Macuco em *Navios Iluminados*



Fonte: Planta da Cidade de Santos do Índice Comercial e Industrial, de 1920¹³³

¹³³ PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTOS; PRODESAN. **Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado - PDDI-76**. Santos, 1976. Imagem disponível em <<http://www.novomilenio.inf.br/santos/mapa09.htm>>. Acesso em: 08 jun. 2006. A Planta Oficial da Cidade de 1920, que deu origem à imagem, foi desenhada também por Saturnino de Brito; sua imagem digital disponível (<<http://www.novomilenio.inf.br/santos/mapa29.htm>>) não é legível. O site informa que as imagens foram feitas a partir dos originais da coleção de Eduardo Curvello Rocha.

No centro da imagem, temos a avenida Conselheiro Nébias, cortando Santos do centro antigo até a barra, na praia do Boqueirão (sentido Norte-Sul). O nome do bairro do Macuco está escrito à direita da avenida. Em cima da segunda letra C do nome do bairro, uma linha grossa marca o trilho do trem que, um quarteirão abaixo cruza a Avenida Taylor, via em que, já à direita, na região em que entra em contato com a área portuária, foram construídas as oficinas e a residência do inspetor da companhia.

Desse trecho em direção ao canal abaixo foram traçadas as ruas João Macuco, Santos Dumont, Ângela Macuco e Anna Carvalhaes. Em *Navios Iluminados* – publicado em 1937 com a ação entre 1926 e 1931 – as ruas João Macuco e Ângela Macuco já aparecem com seus nomes atuais, João Alfredo e Rodrigo Silva. A Santos Dumont se mantém no romance com o mesmo nome; e a Anna Carvalhaes, cujo nome atual é Almirante Tamandaré, não aparece no livro. Cruzando o Canal 4, essas ruas terminam na linha tracejada que representa a Avenida Afonso Pena. Na legenda da Planta de 1920, a linha tracejada indica um projeto ainda a ser executado. O anúncio de lotes de 1928 já indica o crescimento em torno da avenida.

Com a exceção da Ponta da Praia e pontos isolados, a cidade (a área localizada na Ilha de São Vicente) vai toda sendo ocupada: Vila Mathias, Encruzilhada, José Menino, Gonzaga e Boqueirão. A foto abaixo, de um Cartão Postal sem data, traz uma imagem aérea de Santos que mostra a cidade em uma de suas etapas de crescimento urbano. A foto traz uma imagem invertida em relação à planta, na qual o centro aparece na parte inferior da foto e a orla, na superior. A Afonso Pena e seu entorno começam a ser ocupados, mas ainda existem várias áreas vazias.

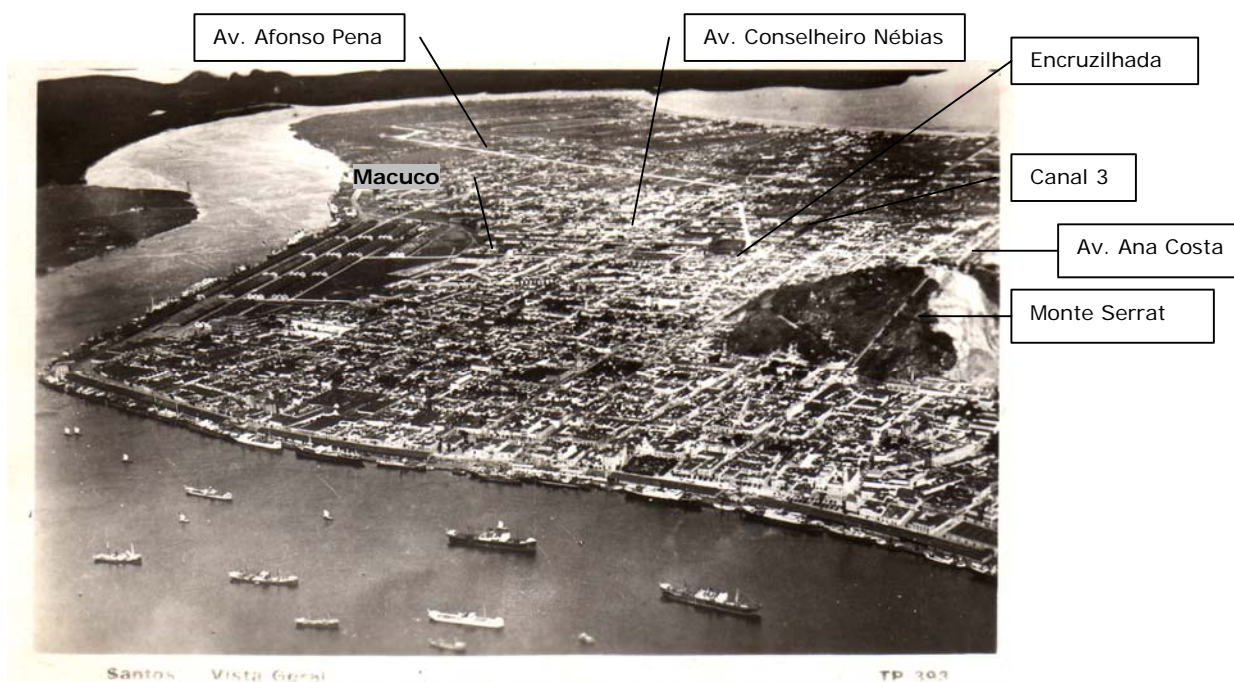


Ilustração 10 Santos, cartão postal, 1922, arquivo do autor

À direita na foto, o Monte Serrat (a linha reta da base ao topo indica o trilho do bonde). Ao pé dele, o núcleo inicial da cidade. A linha de navios demarca a extensão do cais. Em 1913, o recenseamento municipal conta um cais de 4.700 metros ¹³⁴. Em 1948, a Agência Municipal de Estatística e Administração do Porto de Santos conta 600 metros a mais ¹³⁵. Com a queda na movimentação nos períodos de guerra, entre os dois levantamentos o porto mais se mecanizou que cresceu: os guindastes são 18 em 1913, e 100 em 1948; os armazéns são 22 em 1913 e 27 em 1948.

As ruas do Macuco, à esquerda de quem vai à praia pela Conselheiro Nébias, ocupam o espaço entre a avenida e o canal do estuário. A ferrovia havia sido inaugurada em 1868 (LANNA, 1995, p. 55) e, em 1888, Gaffrée & Guinle receberiam do governo central a concessão

¹³⁴ Prefeitura Municipal de Santos. *Op. cit.*

¹³⁵ IBGE. **Município de Santos. Área, população e posição.** [s.l.] : IBGE, 1949.

para dar início às obras de unificação e ampliação do cais, idealizado para substituir as pontes e trapiches do porto colonial (HONORATO, 1996, p. 110). Coube ao Macuco ser o lar dos trabalhadores e famílias ligados às profissões e atividades portuárias. A necessidade de braços para o porto e para a própria expansão do cais transformou-o no maior bairro da cidade, onde se multiplicavam os chalés de madeira, construções características, erguidas em mutirão¹³⁶.

O recenseamento de 1913 registra a preocupação da municipalidade com o adensamento populacional e as condições de moradia. Seus 86.020 indivíduos moravam em 7.357 habitações térreas (o equivalente a 69,5% das construções), 1.697 casebres (23,6%), 955 sobrados (9,0%), 520 construções com um andar (4,9%), 46 de dois andares (0,4%) e uma de três (traço). A densidade populacional na zona urbana é de 10,19 pessoas por habitação, ficando atrás no Brasil apenas do Rio de Janeiro, a capital, com 10,45 (1910). O governo municipal considera o problema da densidade como localizado nos bairros do operariado:

A quase totalidade das casas compõem-se de prédios térreos e de casebres toscos. Os 957 sobrados são ocupados pelas famílias abastadas. Os sobrados, em sua maioria, são casas comerciais. E ninguém dirá que as nossas casas térreas tenham sido construídas de modo a abrigar uma média de 10 pessoas em cada uma.¹³⁷

A população adulta é de 63% do total; os solteiros são 61,89%. A demanda por pensão faz vigorar as habitações coletivas. O ritmo de construção em mutirão iria até o final da década de 1930. O escritor Nelson Salazar Marques, em artigo escrito para A Tribuna, conta que em 1939, garotinho ainda, participava dos mutirões de construção:

¹³⁶ Sobre os chalés: CALDATO, Gino. *Chalé de Madeira – a moradia popular de Santos*. In: BLAY, Eva Alterman e outros. **A luta pelo espaço**. Petrópolis: Vozes, 1979.

¹³⁷ Prefeitura Municipal de Santos. Op. cit., p. 95.

Em nenhum outro bairro de Santos o chalé imperou tanto como no Macuco... eram ruas inteiras de chalés, a Comendador Alfaia, a Nabuco de Araújo, Torres Homem, e dezenas delas. Era o tipo de construção adequada para o pioneiro... O chão era quase de graça e em dois ou três dias a casa estava de pé. Os vizinhos ajudavam e eu carreguei muito prego.¹³⁸

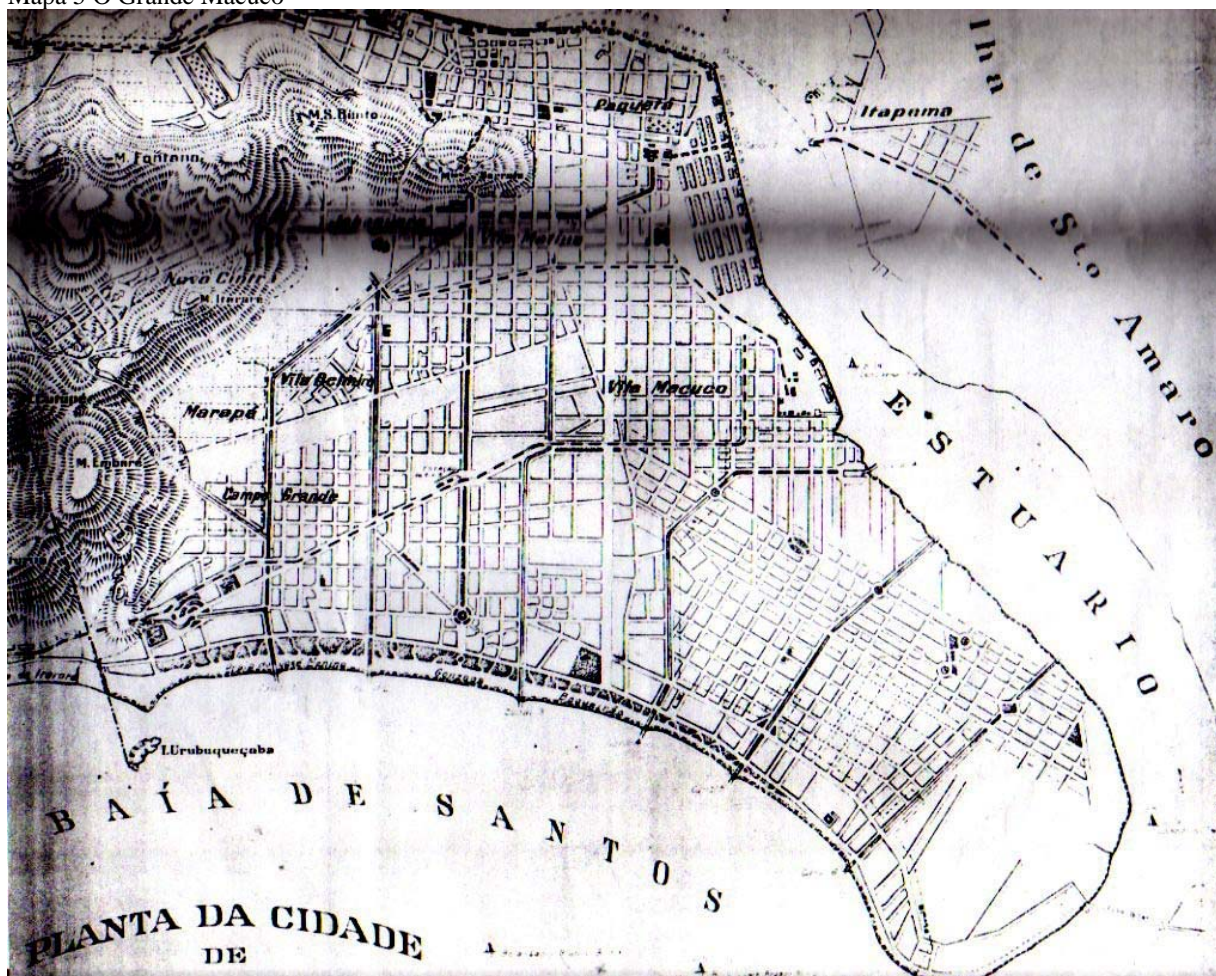
As ruas citadas pelo memorialista ocupam a área do bairro que se expande para a orla, já para lá da Avenida Afonso Pena. Naquele tempo eram parte do bairro ("metade de Santos parecia ser Macuco"); hoje pertencem aos bairros do Embaré e Aparecida. O autor cita também a linha de bonde 19 – que também está registrada em *Navios Iluminados* – como principal meio de transporte de seus habitantes. Ainda hoje, a linha 19, feita por ônibus, depois de cruzar parte da Conselheiro Nébias vindo do Centro, entra no Macuco pela avenida Rodrigues Alves e depois passa à Afonso Pena, ambas citadas por Salasar Marques.

Um mapa de Santos elaborado pelo Serviço de Topografia e Limites do Instituto Geográfico e Geológico por exigência do Decreto Lei nº 311, de 1939, mostra a região do Embaré toda loteada até a praia, enquanto na Aparecida as ruas ainda estão tracejadas e, na Ponta da Praia, vazias¹³⁹.

¹³⁸ Nelson Salasar Marques. **O Macuco e seu espírito pioneiro**. A Tribuna, 28 out. 1989. Imagens de um mundo submerso, p. 18.

¹³⁹ Secretaria do Estado da Agricultura, Indústria e Comércio. **Município de Santos**. Mapoteca da Biblioteca de Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Localização: S48, [s.d].

Mapa 5 O Grande Macuco



Detalhe do mapa municipal mostra ruas planejadas (tracejadas) no que é hoje o bairro da Aparecida e vazias na Ponta da Praia (canto inferior direito)

Esse grande Macuco era formado pela faixa do cais, pela região ao longo da Afonso Pena (“um mar de areia”), a região próxima à Conselheiro Nébias, mais o canal 4, o canal 5 e o 6, “tudo Macuco”, tão grande que tinha sua própria bacia, formada pelos canais enumerados acima e independente do sistema que interligava os outros seis canais planejados por Saturnino de Brito

140

¹⁴⁰ Somente em 1969 o Plano Diretor Físico do Município limitaria o bairro na linha formada pela Afonso Pena e o desmembraria em Embaré, Aparecida e Estuário.

No entanto, o maior bairro operário de Santos era Vila Macuco. O Macuco abrigava numerosos trabalhadores da Companhia Docas. Os ferroviários preferiam morar no morro da Penha, próximo à estação. Na faixa do porto, os típicos bares e bordéis para marítimos não foram extintos com a onda higienizadora do início do século. Provavelmente, após alguns reparos exigidos pelas autoridades sanitárias, continuaram a funcionar como sempre. (GITHAY, 1992, p. 131)

Onde as relações de solidariedade e de identidade são construídas sob as especificidades do trabalho no cais:

Todavia, ao contrário dos modelos de leituras elaboradas para o estudo de pequenas comunidades “fechadas”, parece inadequada uma visão das zonas de habitação operária em Santos como lugares de isolamento e segregação em cujo seio de desenvolveria, supostamente, a totalidade das experiências da vida cotidiana. (...) O característico trabalho ocasional portuário permitia aos trabalhadores uma mobilidade incessante entre porto, casa e rua. (SILVA, 2003, p. 16)

3.2 As ruas do Macuco e o cais – o espaço do porto e sua descrição literária

O Macuco escolhido por Ranulpho Prata para ambientar *Navios Iluminados* é um espaço literário em que seus personagens caminham 15 minutos da casa ao cais. Esses percursos realizados pelos principais personagens do romance marcam a narrativa cujo enredo se desenvolve entre o final de 1926 e 1931.

Navios Iluminados não é o romance de uma cidade, é o romance de um bairro; é no Macuco e no cais do porto que a ação acontece. Suas ruas, o cais, chalés e bares formam o único território por onde os trabalhadores do porto se movimentam sem desconforto. O resto da cidade não lhes pertence; para o personagem principal – José Severino de Jesus – é até hostil ¹⁴¹.

O autor isola o bairro portuário dos demais locais da cidade. Os casarões da orla nos bairros José Menino e Gonzaga não estão no livro, nem as duas avenidas que ligam o centro

¹⁴¹ Esse emaranhado de ações concentradas na escala do bairro permite à pesquisa, por meio das técnicas de aproximação da micro-história, traçar o perfil portuário do Macuco, em contraste com os demais bairros da cidade.

antigo à barra. Para o autor, os outros bairros da cidade surgem como obstáculos aos personagens, que devem contar com a sorte, planejamento e o dinheiro contado para o mínimo possível de despesas. O protagonista só deixa o bairro ou a área portuária em ocasiões específicas. Em uma delas, quando casa, José Severino toma a barca no Paquetá e vai até um cartório em Guarujá que cobra menos pela certidão de seu casamento com Florinda, mas o enredo não se demora por ali, José Severino vai à cidade vizinha e volta em uma linha (p. 39). As outras três ocasiões em que deixa o bairro são relacionadas ao trabalho: a primeira ocorre quando seu amigo e conterrâneo Felício, já há mais tempo em Santos, leva-o à “casa magnífica” do doutor Constantino, influente na Companhia Docas de Santos (CDS), para que ele pudesse apadrinhá-lo a lhe garantir uma vaga na empresa. Depois de garantir a vaga, José Severino vai do Macuco a pé até o Centro, onde na Praça Mauá deve tirar um retrato – o primeiro de sua vida – para os documentos de admissão.

Nesses dois momentos destaca-se a inabilidade do protagonista fora de seu meio natural, o trabalho ¹⁴². Na casa de Constantino, José Severino se constrange com a simples presença das filhas do anfitrião, que percebem o desconforto do protagonista e riem dele. A chegada de outros visitantes da mesma classe social que Constantino causa o mesmo efeito. O desconforto continua entre os corredores do edifício da inspetoria quando, depois de passar pelo portão principal com o cartão de Constantino na mão, José Severino passa a tratar com funcionários burocráticos, diretores e médicos, e o personagem chega a temer ter que passar pelos exames de raios-X para a admissão na companhia.

¹⁴² A idéia de inabilidade vem de análises sobre dois outros personagens nordestinos migrantes, Macabéa e Fabiano, protagonistas de *A hora da estrela* (1977), de Clarice Lispector, e de *Vidas secas* (1938), de Graciliano Ramos. Ver BOSI, Alfredo Bosi. *Sobre Vidas Secas*; SPERBER, Suzi Frankl. *Jovem com ferrugem*. In: SCHARZ, Roberto (org). **Os Pobres na Literatura Brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

A terceira ocasião de saída do bairro ocorre quando Severino, depois de algum tempo já com tuberculose, decide se internar no pavilhão de tuberculosos, no último andar da Santa Casa – construída junta à encosta sul do Monte Serrat (o lado do morro que não se vê na foto). Da janela do dormitório do pavilhão, o personagem pela primeira vez consegue perceber a cidade que se espalha para além do cais e do Macuco. Reconhece os limites das moradias, a disposição em linha dos armazéns, os vapores alinhados, a ponta dos guindastes e a fumaça das locomotivas, território e visões familiares. Para além do cais, ele divisa Guarujá, Itapema, a Ilha Barnabé, os mangues até a Serra do Quilombo, já em direção ao planalto. Em sentido contrário, a orla, com praias, jardins, hotéis e pensões de luxo, de um ambiente oposto ao do trabalhador Macuco. Era a parte da cidade a qual José Severino só teve acesso para pedir emprego, “refrescada pelo sopro do mar, com gente ociosa no hall dos hotéis, bebendo, tomando banho, espiando as mulheres”, cujas festas no Cassino do Monte Serrat – ao lado da Santa Casa – o impedem de dormir.

INDO A SANTOS VA' AO
Casino do Monte Serrate
 A MARAVILHA DE SANTOS



Vista do Porto de Santos

AOS DOMINGOS E
 FERIADOS, DAS 14 A'S
 18 HORAS

**VESPERAL
 DANSANTE**

Dedicada á Sociedade
 Santense.

Dás 19 ás 23,30 horas,
Jantar-Dansante

Com apresentação de nu-
 meros de variedade pelas
 artistas do estabeleci-
 mento.

PREÇO
RS: 10\$000

Orchestra sob a direcção
 do maestro "Cloratti"



Vista do Elevador do Monte
 Serrat.

Ilustração 11 Anúncio de 1937 do Cassino do Monte Serrat; à esquerda, o centro e antiga área colonial, à direita o sistema de bondes funiculares em funcionamento. O texto indica que os bailes duravam até as 23h30. Acervo de Márcia Rodrigues da Costa¹⁴³

O Macuco e sua umbilical ligação com a atividade portuária surgem logo no primeiro capítulo:

Da rua, vinham os ruídos de todas as manhãs, muitos seus conhecidos: o bonde que passava, trepidante, na outra rua, a Senador Dantas; a buzina do automóvel do leite desnatado; as carrocinhas de pão.

De repente, as cinco sirenes das docas bradaram nos ares, levantando o Macuco em peso, o grande bairro onde se alojava a maioria dos seus cinco mil operários. (NI, 13)

Prata descreve o bairro “madrugador” sob a perspectiva do protagonista, José Severino de Jesus. Pelas ruas do Macuco de Prata, alheias à cidade da “gente ociosa”, carrocinhas de leite

¹⁴³ Flamma, janeiro de 1937, ano XVI, nº 01.

cruzavam com entregadores de pão e o bonde corria ao longo do cais apinhado de operários que moravam em ruas compridas que se entrecruzavam, sem calçamento, ladeadas de chalés de madeira, cuja principal referência era o edifício da Inspetoria Geral da Companhia, que o narrador descreve como “grande”, na Avenida Rodrigues Alves, por onde “passava de dez em dez minutos o bonde 5”.

Além da avenida, os personagens do romance andam pelas ruas João Alfredo, Xavier da Silveira, Manuel Tourinho, Senador Dantas e outras cujos nomes se mantêm ainda hoje. A sede da Companhia Docas de Santos era referência, não apenas visual, mas também da vida sócio-econômica do bairro. Em suas calçadas se aglomeravam os desempregados atrás de uma vaga de trabalho. No horário de almoço, as mesmas calçadas se transformavam em refeitório, onde esposas e filhas de estivadores levavam em panelas cobertas por panos o almoço de seus maridos e pais.

Na esquina das avenidas Senador Dantas e Rodrigues Alves, Severino costumava freqüentar o bar Ao Gaiato de Lisboa. Com outro nome, é uma padaria que está lá hoje no lugar. É no Ao Gaiato que os trabalhadores do bairro se reúnem para uns aperitivos ou para consultar a seção de classificados do jornal A Tribuna (ainda publicado nos dias de hoje) atrás de oportunidades. O bar, acompanhando o horário dos embarques e desembarques, fechava tarde, para mais de meia-noite, quando as ruas do bairro já estavam “desertas”. Eram ruas com valetas e pontes de tábuas.

É na Rua João Alfredo que fica o chalé do português Manuel Milagre. De lá, Milagre e seus dois inquilinos, José Severino e Felício, caminham por 15 minutos até o cais. O primeiro,

com décadas de serviços prestados à companhia, dirige-se ao guindaste; os outros dois vão para a carga ou serviços gerais. Milagre, empregado da companhia desde a primeira década do século XX, se não fosse um personagem, seria um dos 23.055 portugueses que somavam 25,89% da população de Santos em 1913 ¹⁴⁴.

O cais e o porto funcionam como “máquinas narrativas” da literatura de identidade proletária desde o primeiro capítulo. Em sua primeira aparição, o porto surge como espaço das trocas:

A chegada dos navios que lentamente atracavam, às vezes depois de manobras custosas. A labuta sem fim de lhes encher e esvaziar os ventres. Desembarcavam-se trigo da Argentina, vinhos de França e Portugal, mármore da Itália, carvão da Inglaterra, aço e ferro da Alemanha, maquinismo dos Estados Unidos, cimento e bacalhau da Noruega, óleo da Holanda, sedas e porcelanas do Japão, adubos da Bélgica, massa para papel da Suécia, enxofre do Chile, juta e chá da Índia.

Embarcavam-se café, laranja, banana, algodão, fumo, carne.

Um formigueiro de homens suados, barulho de guindastes, locomotivas arfando, vozes, gritos, apitos. Um dia dos diabos, que azoava a atraía Severino. (NI, 17)

O movimento não era só de trabalho. Os próprios navios, em suas idas e vindas, causavam reações nas pessoas. Nas partidas dos transatlânticos, as pessoas se emocionavam com os apitos curtos e a música de bordo e ficavam melancólicas no cais com o silêncio e a tristeza tomando o lugar vazio do navio. Em Severino, as partidas causavam uma vontade de ir junto, “seguir para diante, correr terras, conhecer o mundo”.

Outra imagem característica do universo portuário que aparece em *Navios Iluminados* é a disputa por vagas na Companhia Docas de Santos pelo contingente de reserva de mão-de-obra:

¹⁴⁴ PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTOS. *Op. cit.*

Os magotes de homens que queriam trabalho abarrotavam o passeio da Inspetoria, atrapalhando o tráfego do bonde 5. Gente de todas as partes do Brasil e de todas as partes do mundo. (NI, 20)

A reserva de mão-de-obra causada pelo contingente à procura por emprego foi analisada por Maria Lucia Caira Gitahy:

Faz parte do interesse dos empregadores manter um número maior de trabalhadores que o necessário para atender ao movimento normal do porto, garantindo-se para os momentos de pico. Nestes momentos até o mais ocasional dos trabalhadores é utilizado. O trabalhador do porto que desempenha um trabalho árduo, perigoso, e que não tem certeza de encontrar trabalho, acha mais seguro submeter-se às oscilações do mercado de trabalho em um único porto do que ter que se locomover a outros lugares onde as chances de encontrar trabalho são ainda menos previsíveis. Este aspecto e a especialização reforçam-se mutuamente e agravam a situação dos trabalhadores menos regulares. (1992, p. 107)

Para se conseguir o disputado emprego, é necessária a ajuda de uma indicação. Felício, o amigo com mais experiência na cidade grande e que já trabalha na estiva, promete a Severino apresentar os contatos que poderão fazê-lo entrar nas Docas. Felício tenta ao máximo se aproveitar do “conhecimento” com quem tem poder, no caso, o doutor Constantino, mas não vira as costas para os colegas e até arrasta Severino para as reuniões do sindicato. É dele a primeira descrição das condições de trabalho do cais santista em 1927:

- Vou ao banho. Estava embarcando caroço de algodão. Amanhã o corpo é puro calombo. E vai coçar que é uma desgraça. (NI, 22)

Ao longo do texto, o autor apresenta novos comentários de Felício sobre as relações trabalhistas:

- Pois trabalho porque sou obrigado, porque preciso comer e vestir. Mas vivo renegando. Suor é lágrima que sai pela testa, seu Manuel, ninguém me tira disto. O mais é conversa fiada, é floreio, tolice de quem quer dar coragem aos bestas. Aí porque trabalho é nobreza, distinção e não sei o que mais. Quem diz isto são os que não fazem nada, não levantam uma palha. Ficam de fora, atiçando os outros. E o proveito de quem é? Garanto que não é de quem derrama o suor. (NI, 44)

Após conseguir o cartão de visitas de Constantino, Severino consegue enfim uma audiência na companhia. Passa por salas, conversa com diferentes funcionários e aguarda ansiosamente pelo resultado, como se fosse uma sentença, na descrição do autor. Mas Severino não passa de um nome nordestino a mais na fila por emprego, como comenta Meira, um dos funcionários:

– Oh, com os diabos! Isto não acaba mais. Só parece que as populações de Portugal e do Norte vieram se empregar na Companhia. (NI, 34)

Nas oficinas da companhia, onde conseguiu o primeiro emprego, Severino entra por um dos portões ao lado da Inspetoria. É lá onde encontra os dois relógios de ponto com as tabuletas cheias de cartões azuis com o nome dos colegas das oficinas (“para mais de oitocentos”). Seu primeiro serviço é, de posse de um martelo de ar comprimido, limpar ferrugem do casco de um navio, para o qual recebe uma única instrução, mexer no gatilho:

Mal Severino tocou no lugar indicado, o martelo disparou a vibrar de tal modo que ele teve medo e quase o largou no chão. Manteve-o, porém, firmando-o nas duas mãos, acorrou-se e encostou a extremidade no casco ferrugento. Aí a vibração e o barulho aumentaram danadamente, forçando-o a mantê-lo com sustância de encontro à chapa, de onde saltavam grossas e negras escamas de ferrugem que lhe caíam em chuva pelo rosto, entrando pelos olhos, pela boca, pelos cabelos. (NI, 46)

Novamente, o comentário é de Felício: “Trabalho, todo ele é muito péssimo. Tanto faz um como outro”. E, depois de ter contado ao amigo que levava a tarde descarregando caixas de bacalhau de setenta e cinco quilos cada uma, comenta que aquela situação ainda iria acabar mal. Observa que nenhuma mercadoria poderia passar de 60 quilos, mas naquela ocasião já carregavam bacalhau e sacos de grão-de-bico com 70 quilos, até 80 quilos. Diz que ninguém agüenta a ferragem e que o sindicato devia olhar para isso. Na *stampa*, máquina onde os rebites das placas de aço dos navios eram trocados, “os rapazes mediam forças. Centelhas finas, como

estrelinhas de São João, saltavam de todos os lados, ferreteando a carne dos braços”. Antes de receber o primeiro salário, Severino sofre o primeiro acidente.

Logo na segunda semana de serviço, ainda inexperiente, um rebite, na hora de ser colocado, saltou do orifício da chapa e voando, como um besouro, veio direitinho posar no braço de Severino, levantando fumaça e espalhando um cheiro de carne chamuscada. Foi uma dor dos trezentos diabos. Severino não suportou, afrouxou repentinamente o ‘casco de burro’ e botou a mão em cima da ferida. (...) Levou mais de quinze dias com a chaga, fazendo os curativos na associação.

No fim do mês, descontando os domingos, a contribuição da Caixa, da associação e do sindicato, para o qual Felício o forçara a entrar, Severino recebeu duzentos e poucos mil-réis. Foi uma decepção que sofreu, ficando desconsolado. Tanto trabalho e um ganho tão mesquinho que não chegava para as despesas. Em Patrocínio, representava muito, era dinheiro, na verdade, mas numa cidade como Santos, com tanto gasto forçado, era uma bobagem. (NI, 51)

Aparecem também os conflitos entre os portuários por causa das diferenças de idade e origem. Conflito surge entre o português Milagre, há mais de vinte anos trabalhando para a Companhia, já com casa própria, e o próprio Felício, que vê sua categoria como explorada.

Milagre achava a vida boa e Felício ruim; para Milagre tudo estava muito direito, as coisas marchavam sempre bem; para Felício estava tudo torto, precisando de consertos radicais; Milagre sujeitava-se docilmente ao trabalho, Felício revoltava-se; Milagre era amigo da Companhia, Felício, não. (NI, 66)

Já trabalhando como foguista na draga Valongo, José Severino recebe outro conselho do amigo sobre como contornar as conseqüências de um turno de trabalho: “vamos cair n’água, senão você não dorme um minuto, o carvão não deixa, lhe roendo o couro”.

Há também a preocupação com a automação dos carregamentos. Em uma passagem, a turma 65 comemora que o armazém 11 não tinha dala (prancha para operações de carga e descarga que conduz as cargas) para esvaziar o America Legion, que acabara de chegar. O equipamento era considerado um “maquinismo que lhes fazia grande mal, enchendo, ele sozinho, os porões mais fundos, em pouco tempo, na maciota. O danado era um concorrente sério,

roubando deslealmente o ganho do pessoal”. No caso, ganhariam ainda 150 réis por saca carregada.

Em outra oportunidade, a turma 65 testemunha o uso de um novo mecanismo, a *grab*, e o perigo da automação para seus empregos:

O barco vinha de barriga cheia, a ímpar, a carga beijando a boca da escotilha. A máquina escancarou as mandíbulas medonhas, enterrou os dentes na massa negra e derramou na galera três toneladas de carvão de uma só vez. Chegara recentemente e eram as primeiras experiências que se faziam, O pessoal da turma 65 espiava, curioso, o manejo da bicha. E ante os olhos surpresos, o porão foi-se esvaziando rapidamente. O demônio da máquina, sozinha, fazia o serviço de muitos homens, que ali estavam a olhá-la de braços cruzados e faces apalermadas. (NI, 104)

A cena provoca reação e os trabalhadores iniciam um protesto em frente ao armazém 23, onde o equipamento operava. Turmas que trabalhavam nos armazéns vizinhos se juntam aos da 65. O feitor leva o caso ao feitor-geral, que vai ao superintendente e, este, ao inspetor. E, quando já se espalham os boatos de incêndios, greve e desordem, chega um comunicado que ordena a paralisação do serviço pela *grab* (batizada de “grife” pelos trabalhadores), o que bastou para dissolver os reclamantes, que deixam o local fazendo comentários:

- Bom negócio este da gente corta o dia pelo meio, por causa da peste de uma máquina que não tem filho, nem mulher para sustentar (diz o personagem Perigo).

- A dala já foi a morte pra nós, e agora esta grife do inferno que vale por não sei quantos homens. (diz Felício).

- Eu só quero ver o que o governo faz deste povo, quando os mecanismos tomarem conta de tudo. (Severino)

- Reúne tudo na ilha Barnabé, como gado em curral e toca fogo nos tanques de gasolina e óleo. É a providência mais acertada que eu acho. De minha parte até agradeço o benefício (Felício novamente, “com ares cínicos”).

Fizeram estes comentários descendo ao porão do navio que, mais tarde, os encheria de carvão, “só tendo de branco os olhos e os dentes”.

A década de 30 foi marcada pelo impulso à mecanização; são instalados descarregadores pneumáticos para trigo e aparelhos para o embarque mecânico de café e cereais. Foi também o momento em que guindastes elétricos de grande capacidade começaram a funcionar ¹⁴⁵. Em 1948, estrutura atingiria a marca de 100 guindastes, 32 cavalos mecânicos, 43 empilhadeiras, seis embarcadores de café e seis descarregadores pneumáticos de trigo ¹⁴⁶.

Os acidentes de trabalho, por sua vez, não escapam da descrição de Prata:

Foi o velho Peniche, o “ceguinho”, que sofrera um tranco. Peniche tinha o olho direito inutilizado, da cor de ovo cozido, não enxergando desse lado, de modo que ao virar o rosto, no arre-arre da lingada, bateu na bola de cem quilos que desce na ponta do cabo. A pancada foi forte, porque o velho emborcou, com um animal golpeado na nuca. Os companheiros, num gesto instintivo de solidariedade, acudiram logo, levantando-o e pondo-lhe a cabeça debaixo da torneira. Apesar do pronto remédio, uma inchação repentina tapou todo o olho do velho. Parecia um bêbado, não se agüentando em pé. Mesmo assim, quis recomeçar a trabalhar (com medo de perder o) extraordinário. (NI, 93)

¹⁴⁵ MUNIZ JR, J. **Organizações e repartições do Porto de Santos**. Santos: Edição do autor, 1988.

¹⁴⁶ IBGE. *Op. cit.*

Na verdade, Peniche só parou de insistir em voltar à lida depois que os colegas decidiram repartir o extraordinário com o acidentado. Neste trecho, surgem também os termos “lombaço” (ato de carregar sacos nas costas) e “aliviar”, no sentido de afanar, quando Severino é escolhido para levar a parte de Peniche ao porão onde mora com a mulher e uma filha. As descrições não param. As más condições de trabalho se multiplicam com a variedade de volumes como o enxofre a granel que queimava a pele das mãos e do rosto, fazia os olhos lacrimejarem e cujo único remédio era passar óleo de rícino e esperar descascar “que nem barata”.

Em um descarregamento de carvão, novo acidente acontece:

Por volta de meia-noite, logo que regressaram de um café na cantina, deu-se o acidente. Como sempre sucede, não se achou explicação para o caso. Não se sabe se a culpa foi do guincheiro que estava desatento, se do portaló que não via bem o fundo negro do porão já quase limpo da carga ou do próprio Perigo. O fato é que só havia duas caçambas embaixo. Uma já de cogulo e a outro Perigo e Pepe acabavam de encher, acurvados. Engatada a primeira, o portaló deu sinal de arribar e não se sabe como lá se vem o diabo da caçamba abarrotada e pega o Perigo pelas costas, atirando-o violentamente para um canto, como uma bola na parede. Gritos, muitos gritos. Suspensão rápida de trabalho. O Malhado desceu ao porão, apressadamente. Atrás dele, foram o portaló e o pessoal da galera. Lá no fundo, Perigo, cercado pelos companheiros, estava estirado num leito de carvão, confundindo-se com ele. Puxaram-lhe a lâmpada para perto do rosto. Roncava como se estivesse dormindo, botando pelas grandes ventas dois canudos de sangue. O tórax hercúleo ia lá e vinha cá, numa respiração difícil, de quem tinha fome de ar. (NI, 109)

Para ser levado do porão ao cais, os colegas usam o próprio equipamento que transportava o carvão:

O inconveniente era o ferido ir embolado, mas num minuto estava em terra. O negro Perigo virou carvão de verdade, dando o seu passeio pelos ares e indo pousar na galera, de onde o retiraram, levando para o pátio. A ambulância não tardou. Pepe, que não quis mais trabalhar, ofereceu-se para o acompanhar ao hospital. (NI, 110)

Severino, que presenciou seu primeiro desastre, quis largar o serviço, mas ouviu do feitor que isso acontece em toda parte, era “do trabalho”. A turma 65 tinha que voltar para que o vapor

saísse às seis horas. Apesar de ponto alto na carreira dos trabalhadores manuais do porto, era comum na estiva ser difícil economizar. Tinha trabalhador que economizava em alimentação para o salário render ¹⁴⁷.

As citações de atividades do sindicato em *Navios Iluminados* são poucas e pequenas. No capítulo cinco, o autor mostra a ligação do sindicato dos trabalhadores do porto com os de São Paulo através do personagem Valentim, filho de Miguel Simões, português caldeireiro da companhia que, assim como Milagre, já trabalhava para a CDS há mais de trinta anos.

Tinha a sua roda, os seus admiradores e, até, discípulos. O seu nome subira a serra e chegou a São Paulo, onde também fizera amigos no meio operário do Brás, em cujos sindicatos já discursara em sessões agitadas. (NI, 26)

Em *O Porto Vermelho: A maré revolucionária (1930-1951)*, Rodrigo Rodrigues Tavares mostra que, conforme a teoria marxista, a concentração de trabalhadores em um espaço reduzido e a serviço de um único empregador (no caso, os moradores do Macuco e a Companhia Docas de Santos) seria um “terreno fértil” para o aparecimento da consciência de classe. Ele defende que isto não tenha acontecido entre os trabalhadores do porto concentrados no bairro operário devido a alguns fatores: “baixa remuneração, pouca qualificação, trabalho instável e dependente não só do movimento dos navios, mas também dos operários conseguirem satisfazer os requisitos da Cia. Docas de Santos ou do Sindicato dos Estivadores” (2001, p. 17) ¹⁴⁸.

¹⁴⁷ Resolução do Conselho Nacional do Trabalho, 06 jan. 1941, sobre o inquérito administrativo que o estivador Aldemar Carlos Costa responde por abandono de emprego, traz trechos do depoimento do empregado em que demonstra interesse em permanecer na turma de estivadores 44 porque a turma D, para onde fora transferido, “não costuma executar serviços extraordinários e como tem várias contas para pagar e sua família seja numerosa, os salários que viria a perceber (sic) na turma D, seriam insuficientes para as suas despesas”. Fonte: Companhia Docas de Santos. **Legislação Relativa ao Porto de Santos. 1938-1942**. Volume II. (compilada por A. Moreira Filho). Rio de Janeiro: Baptista & Cia Editores, 1943.

¹⁴⁸ Além de uma análise da mitificação de Santos como cidade vermelha, o estudo traz centenas de prontuários do DOPS relativos a trabalhadores, sindicatos e instituições de Santos entre as datas do título do livro.

Ele cita que na mesma época os trabalhadores da construção civil eram, na cidade, os que mais tinham consciência de classe e, unidos, mantinham um discurso comum contra os empregadores. O mesmo atesta Alcindo Gonçalves.

Entre 1931 e 1934 são os trabalhadores da construção civil que assumem a vanguarda da classe operária local. A Associação de Resistência dos Trabalhadores na Indústria da Construção Civil, surgida em 1933, liderou neste mesmo ano, a partir de julho, uma greve que dura 87 dias e que, vitoriosa, conquistou reajuste de 500 réis no salário-hora dos operários. (1995, p. 75)

Em outro momento do romance, Felício e José Severino de Jesus vão a uma sessão do sindicato, na época com dois mil associados e com sede na Rua General Câmara, para tratar da destituição do presidente da entidade. Em outra oportunidade, o sindicato se reúne com os sindicatos da construção civil e dos metalúrgicos para tratar das negociações do salário mínimo. Nesta ocasião, depois de apartes entre diretores do sindicato e de pelegos, Felício, amigo e admirador de Valentim, então dirigente sindical, agride um dos inimigos políticos e uma briga começa com o final na polícia.

Apesar de contribuir para o sindicato, José Severino de Jesus não revela qualquer interesse sobre as questões sindicais. De sindicalista ou engajado o autor se limita a apresentar o personagem Valentim, e mesmo assim para mostrar o conflito familiar causado por suas opções políticas. Filho de doqueiro, Valentim era ajustador nas oficinas da Companhia Docas de Santos, figura popular entre os trabalhadores jovens, incluindo os ferroviários da “Inglês”, os funcionários da City (City of Santos Improvements Company, concessionário do serviço de bondes e fornecedora de gás residencial), das fábricas e dos moinhos. Era leitor de livros e jornais

e “figura de proa” no sindicato dos trabalhadores da Companhia, com admiradores e discípulos, entre os quais Felício.

Seu pai, o velho Simões, com trinta anos de serviços prestados à Companhia e com relações pessoais com feitores e diretores, tentava demover o filho das “coisas absurdas que lhe davam tanto que pensar”. Até que a situação fica insustentável após uma briga no sindicato em que Valentim se envolve. Envergonhado pelo caminho escolhido pelo filho, Simões o expulsa de casa e o personagem de Valentim deixa a história após três ou quatro parágrafos. Ranulpho Prata não esconde os sindicatos, mas sua estratégia narrativa exclui a organização sindical da trama sem ignorá-la.

Apesar do sindicato dos empregados da Companhia, a categoria dos estivadores não tinha representação própria em boa parte do período descrito pelo romance (1926-1931):

Sociedade dos Estivadores de Santos [foi] fundada em 1919 e fechada pela polícia em 1926. Esta sociedade foi a precursora do Sindicato dos Estivadores de Santos que ressurgiu em 1930. (GITAHY, 1992, p. 108)

Em novembro de 1930, o sindicato volta a funcionar como Centro dos Estivadores de Santos (CES), com o objetivo de conquistar a *closed shop* e assim tirar da Companhia Docas de Santos a oferta dos serviços de estiva (SILVA, 2003, p. 190). As pressões dos trabalhadores e sindicalistas fazem com que o CES se torne o único fornecedor de mão-de-obra para os embarques e desembarques (os armadores – os donos dos navios – preferiram ceder às pressões a perder tempo nas operações com as manifestações e possíveis paralisações do serviço). Em abril de 1933 (quando a história de *Navios Iluminados* já tinha acabado), a posição do sindicato se fortalece com a assinatura do Contrato para o Serviço de Estiva no Porto de Santos entre o CES,

Centro dos Empreiteiros e Centro de Navegação Transatlântica de Santos (a assinatura do documento foi realizada na sede do Centro dos Estivadores). Um pouco mais tarde, em 1939, o governo federal oficializa a *closed shop* para todos os portos do Brasil, desde que os sindicatos fossem reconhecidos pelo governo.

3.3 Submoradias e tuberculose

Mas Severino não sobreviveu para ver esse momento de conquistas de sua categoria. Longe das lutas sindicais, Severino tem o trabalho como valor supremo, a que dedica todas as suas forças. Depois que consegue ir para a estiva e bancar o aluguel de um chalé em que mora com a esposa Florinda, Severino não se importava com o trabalho desgastante.

Não sentia a ruindade das cargas: o sal e o enxofre que lhe queimavam o rosto e as canelas; o frio das carnes congeladas; caixas de banha de setenta e cinco quilos que lhe dobravam o lombo; tambores de soda vazando cáustico nas mãos; os rolos golpeantes de arame farpado.

Só o trabalho podia protegê-lo de necessidades, de resguardá-lo de aflições, fazendo-o feliz e contente e com ele Florinda e os filhos. (NI, 129)

Até que aparecem os sintomas da tuberculose.

No fim dessa semana, foi trabalhar no armazém frigorífico. Cá fora um noroeste bravo, sapecando a pele, escaldando a cidade, e lá dentro uma temperatura de 30 graus abaixo de zero.

Quando o fardo de carne congelada, enrolado de pano branco e duro como ferro, lhe caía nas costas, Severino encolhia-se, fazia caretas, mordida os beiços. Não era o peso, era o frio que o incomodava, que lhe queimava os ombros como uma cataplasma fervendo. A tarde toda e a noite até as dez horas, ficou a carrear para a plataforma do armazém os fardos de carne que o guindaste pegava e depositava nos porões do Witell, que partia ao amanhecer para a Alemanha.

Deixou o serviço com uma dor no peito esquerdo... (NI, 148)

Estava “chumbeado”, isto é, com tuberculose. Na consulta aos doentes do peito, encontra a sala transbordando de homens, mulheres e crianças. De posse do atestado, vai ao superintendente da companhia, o doutor Custódio. Sua reação demonstra qual o posicionamento

do empregador em relação à responsabilidade pela saúde de seus funcionários. Para Custódio, a tuberculose era resultado da “safadeza, das noites de botequim e mulheres”.

Já em recuperação, o médico aconselha a Severino ainda mais três meses afastado do trabalho, mas doutor Custódio se exalta:

– É o diabo! Você de novo aqui, rapaz?! Não ficou bom? Não ficou bom porque não quis, não obedeceu ao médico. Vocês são insuportáveis, não há quem os ature. Olhe: vou conceder nova licença, mas com a metade dos vencimentos. É um favor da Companhia. Arranje-se como puder e dê graças a Deus. Só me apareça pronto para o serviço.

Severino sucumbiu. E, agora, como havia de ser? Estava atrapalhado, com os ‘porcos na roça’. Era lá possível viver com o salário dividido? E ainda devia dar graças a Deus, sim, porque não tinha direitos, nada podia exigir, era uma esmola que a Companhia lhe fazia. (NI, 152)

Após o prazo, Severino volta ao médico – doutor Miranda – que não acha bom o doente voltar para a turma, aconselhando Severino a voltar em um serviço leve até estar novamente pronto para estivar. Severino, já endividado, não dá ouvidos e volta para a estiva. Não agüenta dois meses e acaba encostado no armazém 12, onde separa caixas, varre o chão, faz o leva e traz de ajudantes e do fiel.

Depois de algum tempo “cozinando galo”, Severino ouve do superintendente:

– O senhor está muito doente, precisa descansar. Se fosse efetivo, podia ser aposentado. Com menos de cinco anos não se tem direito. Mas não fique triste, vou arranjar-lhe um dinheirinho. A Caixa devolverá as contribuições feitas durante os anos em que trabalhou. E também a Companhia dará alguma coisa. Com esse dinheiro, porque não volta para o Norte? Guardarei o seu lugar, se ficar bem.

Severino, daquelas palavras todas, só entendeu o essencial: estava despedido da Companhia. Recebendo em cima do corpo em ruína aquela pancada forte, vinda de supetão, quase caiu. Quedou-lhe a olhar indiferentemente o doutor, com um rosto inexpressivo de bobo. (NI, 158-59)

Como no caso de Peniche, a solidariedade dos colegas da turma que acabou sendo uma das fontes de sobrevivência, com as arrecadações levantadas por Felício. Em 1930, pelo menos, já havia o Instituto de Aposentadoria e Pensões da Estiva, conforme mostra o prontuário 9294 do DOPS, cujos investigadores acompanharam a inauguração da nova sede em 2 de outubro desse ano (TAVARES, 2001, p. 142).

A história de *Navios Iluminados* acontece em uma época em que morrer por tuberculose era simplesmente um dos futuros possíveis de quem se iniciava no trabalho da estiva. Nas primeiras décadas do século XX, um carregador de cargas geralmente contraía a moléstia após quatro anos de “lombaço” e morria quatro anos depois. A personagem principal do romance de Ranulpho Prata não chega à metade deste período médio. A tuberculose é o ponto alto de uma série de revezes na vida de José Severino de Jesus e sua vida em Santos é marcada pelos pesos de cargas acima dos limites (bacalhau com oitenta quilos, alho com setenta e cinco), pelos acidentes de trabalho (sofridos ou presenciados), pela insalubridade dos armazéns frigoríficos ou dos porões em que mora no bairro do Macuco, cada vez piores à medida que a doença, cada vez mais forte, impede o trabalhador de conseguir seu sustento.

Já casado com Florinda, pai de um par de gêmeos e de uma menina recém nascida. É nessa situação que Severino começa a sentir os sintomas da doença. Com os vencimentos cada vez mais reduzidos – já não eram o suficiente para as contas do dia e para mandar recursos para a mãe em Patrocínio do Coité – as contas nunca fecham. Severino ainda trabalha mais alguns meses, mas é afastado (duas vezes; na segunda licença recebe o salário pela metade). A esposa passa a lavar roupa para manter a casa e mesmo assim a renda da família cai a ponto de terem de mudar de um quarto para outro menor e deste para porões, onde a saúde de Severino se complica

de vez. Com a esposa perdendo clientes por causa de sua condição, Severino decide se internar no pavilhão de tuberculosos da Santa Casa de Misericórdia de Santos. Após mais alguns meses volta para casa e, depois de algumas noites, morre assistido pela esposa, pelo amigo Felício e por um irmão que o visitava.

O irmão de Severino surge apenas nas últimas páginas do romance. Sua função é substituir o irmão como mão-de-obra barata nos embarques do cais e dar continuidade ao martírio do primeiro no chão do cais de Santos. É nesse momento que a obra, além das descrições realistas que apóiam os estudos historiográficos, faz transparecer seu sentido histórico. A substituição de Severino por seu irmão é a representação literária não só das condições em que viviam os trabalhadores do porto, mas também da substituição daqueles mais de vinte mil mortos da virada do século, logo substituídos pelo movimento migratório que repunha os braços que impulsionavam o processo de modernização da cidade e do porto. Conforme Ginzburg, a obra assim assume também um caráter de “contributo à compreensão da sociedade”¹⁴⁹.

Dos quartos de pensão para os porões cada vez mais afastados do local de trabalho, a trajetória de Severino sublinha a de toda uma parte da população acostumada a viver em submoradias (como já havia constatado o recenseamento de 1913). No romance, essa parte da população é caracterizada por viver em porões, como a família do espanhol Peniche, colega da turma 65. Severino o visita para lhe levar sua parte do extraordinário depois que Peniche deixa o trabalho por causa de um acidente. O espanhol divide um porão com a mulher, uma filha e mais uma criança.

¹⁴⁹ GINZBURG, Carlo. *Decifrar um espaço em branco*. In: **Relações de força**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 113.

A mulher, sem dizer palavra, escancarou a porta e Severino penetrou no compartimento de poucos metros, divididos por lençóis de chitão, suspenso em arames. Cada empanada fazia um quarto. O velho ocupava o maior, o que tinha pequena abertura onde se cruzavam varões de ferro, dando para a rua. Respirava-se um cheiro forte de umidade e bolor. Uma lampadazinha, de pouca força, toda enegrecida pelas moscas, pendia do teto baixo, de grossas traves em cruz. (NI, 95)

Não era bom nem o quarto que Severino dividia com Felício no início do romance. Possuía “forro de tábuas finas empenadas”. No Macuco, o dia-a-dia dos trabalhadores era ditado pelas sirenes da Companhia e os desempregados como José Severino liam o jornal diário A Tribuna, que é publicado desde a última década do século XIX.

Por economia, deixou de comprar o jornal e pouco a pouco foi se desinteressando dos anúncios. Mas não deixou de todas as manhãs entrar ali no Gaiato de Lisboa, onde fazia seus pequenos gastos e passava a vista na página da A Tribuna, que seu Agria comprava para emprestar aos clientes da rua.

Depois de alguns minutos, sem ao menos olhar as outras páginas que traziam o rebuliço do mundo, Severino largou o jornal sobre o balcão, pediu uma caixa de fósforos e continuou a andar. (NI, 15)

No chalé que Severino e Florinda alugaram depois do casamento, o porão era também uma residência, alugada pelos proprietários a “uma pequena família de pretos, tão sossegada e tranqüila que passava quase despercebida”. Um outro cômodo, dos fundos, era alugado a Pato Tonto, ex-estivador, um exemplo das conseqüências da falta de condições adequadas de trabalho e de assistência médica. Com quase trinta anos de serviços prestados à companhia, ele havia sofrido um acidente em que, num porão de navio, oito sacas de café lhe caíram sobre as costas. Depois de meses no hospital, “todo o corpo se desengonçava num balanço sem ritmo”, ganha o apelido e serviços mais leves.

Pato Tonto, naquele estado físico, quase não tinha préstimo. Mas a companhia o foi aproveitando em servicinhos leves, compatíveis com as suas forças. Andou como servente pelos armazéns, lixeiro das ruas do cais e, afinal, como zelador de mictórios e latrinas do 22. (...) Anos e anos em tal serviço, Pato Tonto acabou pegando um cheirinho de gabinete

sanitário. Quem se aproximava dele, sentia logo a morrinha que se lhe entranhara no corpo. (NI, 128-29)

A situação de Pato Tonto no Macuco da ficção não é um caso isolado. Ao tentar fazer José Severino desistir de ir para a estiva, Felício descreve as conseqüências do trabalho de “lombaço” no corpo do estivador:

– [...] A gente vai-se arrebrandando por dentro aos bocadinhos. Primeiro vem a careca (e Felício abaixou-se para mostrar o crânio, onde o atrito constante dos carregos abriu uma coroa na sua basta cabeleira de mulato), depois as forças vão mingando, o corpo murcha, o “frontispício” fica que é puro rego. Conheço gente na (turma de estivadores) 65, com vinte e cinco anos, que parece ter cinquenta. Não é sopa não. Ganha-se, não há dúvida, mas é arrancar minhoca em laje com as unhas. (NI, 65-66)

A descrição literária que o autor escreveu para a fala de Felício afina-se com o que escreveu no início da década de 1910 um funcionário do Departamento de Trabalho do Estado:

Após seis meses carregando sacas de café por dez horas diárias, o trabalhador do porto perdia o cabelo da parte de trás da cabeça, e depois de cinco a dez anos desse tipo de trabalho, a maioria deles morria tuberculosa.¹⁵⁰

Com o desenvolvimento da doença de Severino, ele e a família acabam mudando para cômodos mais simples.

Quando o dinheiro acabou, Severino mudou-se para outro chalé, na mesma rua, indo ocupar um cômodo no porão cimentado. Era pequeno, mas limpinho, servido de uma janela. Sobraram alguns móveis e eles estranharam a mudança. O chalé era antigo e malfeito. O vento, assobiando fino, entrava pelas frestas das paredes. Pedro (um dos filhos de Severino) adoeceu do intestino. Quando a roda desanda... (NI, 160)

Após a demissão, trocam o cômodo por outro que o autor reluta em descrever como porão:

¹⁵⁰ O trecho é uma transcrição do Boletim do Departamento Estadual do Trabalho. Ano I, nº 04, 3º trimestre, 1912. In: GITAHY, Maria Lucia Caira. *Op. Cit.*, p. 169.

Não foi fácil, mas acharam, afinal, à rua Manoel tourinho. Era no porão de uma casa de construção antiga. Entrava-se de lado, por uma porta estreita e baixa, ao pé da escada que levava ao primeira andar. O último compartimento dos fundos. Antes de se chegar até lá, tinha que atravessar três salões separados por grossas paredes em arco, ocupadas pela oficina de um tanoeiro italiano. Barris de todos os tamanhos e feitios enchiam os lados, tábuas empilhadas, arcos de ferro, um grande banco de marceneiro, ferramentas, lixo. À direita, com uma porta dando para o quintal, tendo quatro degraus de chão adentro, ficava o buraco onde Severino se entocara com a mulher e os três filhos. (...) Os encanamentos que vinham de cima, dos três andares, se reuniam ali, cruzando-se e recruzando-se em todas as direções. Comidos de ferrugem, de juntas tomadas com uma mistura de sebo e fios de aniagem, o que não impedia o pingamento de líquidos suspeitos. Num canto, um cilindro de ferro de um metro de altura, grosso como uma talha: a caixa de gordura, onde se acumulavam todos os detritos e porcarias que desciam das cozinhas. Aquilo, afinal, não era porão, nem cômodo, nem quarto. Apenas uma invenção do proprietário para aproveitar espaço e aumentar as rendas. (NI, 174-75)

A sublocação dos cômodos dos chalés do Macuco mostra um resquício do costume anterior às obras de saneamento – na virada do século XIX para o século XX, quando teve início a construção dos canais que cortam a cidade do cais às praias – de moradias coletivas da parte mais pobre da população:

Prática que se tornou comum em fins do século XIX, a sublocação caracterizou uma das formas de moradia dos trabalhadores pobres em Santos e trouxe à tona a questão da oferta de moradia para os trabalhadores pobres, nacionais e imigrantes recém chegados à cidade. Além da sublocação, o albergue, a pousada, a vaga em pensões e hotéis funcionavam como estabelecimento comercial, cocheiras, armazéns ou, até mesmo, restaurantes durante o dia, transformando-se em local para dormir à noite; constituíram o padrão de moradia da população pobre nesse período.

(...) podia ainda (a moradia) ser constituída de quartinhos de madeira, vagas em sótãos ou porões de casas.

(...)

Não havia uma política de moradia para os trabalhadores, aliás como não havia nenhuma política que assegurasse qualidade de vida; portanto a oferta de vagas de moradia e de emprego não condiziam com o aumento das necessidades de mão-de-obra e serviços.¹⁵¹

¹⁵¹ BLUME, Luiz Henrique dos Santos. *O “Porto Maldito”: modernização, epidemias e moradia da população pobre em Santos no final do século XIX*. In: FENELON, Déa Ribeiro (org). **Pesquisa em História 1: Cidades**. São Paulo: Editora Olho d’Água, 1999, pp. 130, 133 e 140.

As mortes por tuberculose em Santos são contadas às centenas entre os anos 20 e 30. Os relatórios anuais da Santa Casa de Misericórdia dos períodos 1926-1927 (julho a junho, ano compromissal), 1927-1928, 1928-1929 e 1929-1930 relatam o falecimento de 415 homens e 169 mulheres entre 1677 pessoas que passaram pelo Pavilhão de Tuberculosos do hospital durante o período ¹⁵². Em relatório apresentado em 17 de fevereiro de 1936 ao Conselho Geral da Irmandade da Santa Casa da Misericórdia de Santos, o provedor da entidade, coronel Evaristo Machado Netto avalia o atendimento aos doentes com tuberculose, doença que atinge o personagem Severino ¹⁵³. Naquele ano, o pavilhão de tuberculosos da Santa Casa – para onde vai Severino – contava então com 120 internos, número que dificultava a aceitação de novos pacientes. A Santa Casa chegou até a utilizar um imóvel em Campos de Jordão para criar o Sanatório de Santos, inaugurado em 02 de fevereiro de 1935, com 50 leitos. Em 11 meses de funcionamento, 17 enfermos tiveram alta e nenhum caso de morte foi registrado, mas, novamente, em 1935 a história do romance já havia acabado e Severino já havia morrido. Nesse mesmo ano, 1935, em um almoço do Rotary Club, o médico Paulo Oliveira lia estudo que informava terem morrido em Santos 358 pessoas contaminadas por tuberculose em 1932, ano em que terminava a história de José Severino de Jesus na cidade ¹⁵⁴.

¹⁵² Relatórios da Santa Casa de Misericórdia. Anos compromissais de 1926-1927, 1927-1928, 1928-1929 e 1929-1930. Tipografia do Instituto D^a Escolástica Rosa. *Apud*: RAMOS PESTANA, Sonia Maria. *Op. cit.*, pp. 73-74.

¹⁵³ MACHADO NETTO, Evaristo. Relatórios do ano compromissal de 1936 a Santa Casa de Misericórdia. Tipografia do Instituto D^a Escolástica Rosa, 1936.

¹⁵⁴ FRANCO, Jaime. **A Beneficência. Memória Histórica da Sociedade de Beneficência e contribuição para a história de Santos**. Santos: edição do autor, 1951. Pneumologista a serviço da Beneficência no momento do relatório, é praticamente impossível que Ranulpho Prata não tenha conhecimento desses números. Vale ainda lembrar que Franco e Prata eram amigos, como atesta a dedicatória de Prata a Franco no exemplar da primeira edição de *Navios Iluminados* do acervo da Academia Santista de Letras.

CONCLUSÃO

Uma vez o professor Nicolau Sevcenko me sugeriu pesquisar os motivos que levaram *Navios Iluminados* a tal posição de quase esquecimento. Ainda que a resposta a essa questão não tenha sido encontrada, essa dissertação conseguiu levantar uma série de elementos que justifiquem a inclusão de Prata e sua obra em qualquer outra história literária ou dicionário nacional por três motivos:

1) A realidade de uma obra literária está também na sua contribuição para a formação do imaginário de um país, de uma cidade ou de um bairro. *Navios Iluminados* é a primeira ficção a tratar da identidade portuária de Santos, iniciando um ciclo de romances sobre o porto, do qual ele mesmo é o exemplar que mais se concentrou na atividade portuária como definidora das ações dos personagens e de sua locomoção pelos espaços, ao ponto de ter sido apresentado neste estudo como um romance mais do bairro portuário que um romance da cidade. “Sem um certo tipo de espaço, um certo tipo de história é simplesmente impossível”. O corolário de Franco Moretti para o romance urbano europeu do século XIX é aqui transposto para a configuração espacial do porto de Santos ¹⁵⁵. Suas características de espaço híbrido, multinacional, fronteiro e de ponto articulador do comércio e das trocas internacionais, além dos movimentos de população, permitiu ao cais de Santos oferecer aos escritores que trataram deste cenário um universo ficcional próprio, ainda que seus elementos não sejam exclusivos.

No romance foram traçados os limites espaciais – o Macuco, o Paquetá, o Centro, o chão do cais – que as demais obras do ciclo do romance de identidade portuária iriam explorar nos

¹⁵⁵ MORETTI, Franco. *Op. cit.*, p. 110.

anos seguintes (ainda que por configurações próprias); mas acima de tudo, ao por em contraste o bairro portuário com o resto da cidade, *Navios Iluminados* traz luz – sem trocadilhos – as relações sempre tensas entre o porto, de administração federal, e o município. Conflito que começa ainda entre os anos da passagem do Império para a República com a implantação do cais unificado por concessão federal no lugar das pontes e trapiches controlados pelo comércio local, dos quais são exemplos recentes a redução da massa salarial no porto de Santos como consequência da Lei de Modernização dos Portos e os impactos urbanos com a presença de pátios de contêineres, estacionamentos de caminhões e do crescente tráfego de cargas pelas ruas da cidade, questões sobre as quais a historiografia ainda não se debruçou e que, após *Navios Iluminados*, foram tratadas pela ficção, em outra configuração, novamente em 2005, com a publicação de *A história dos ossos*, de Alberto Martins, cuja trama tem início com a transformação do cemitério do Paquetá em um pátio para contêineres ¹⁵⁶.

2) Pelo mapeamento da filiação literária de Ranulpho Prata: o encontro e o desejo de escrever como Lima Barreto; a denúncia das condições sociais dos sertões aos moldes de Euclides da Cunha; a conversão ao catolicismo por Jackson de Figueiredo e sua influência na narrativa de *Navios Iluminados*, sem contar a recepção da obra e a história das edições do livro. Chegou-se assim, na expressão de Paulo de Carvalho-Neto, a definição de um “lugar para Ranulpho Prata”.

Carregado de resignação cristã, o conteúdo do romance resultou livre de posições políticas que pautavam grande parte da literatura de sua época. Sem desmerecer seu valor estético-literário, acabou por se tornar, como disseram Benjamín de Garay e David Capistrano, um

¹⁵⁶ MARTINS, Alberto. *A história dos ossos*. São Paulo: Editora 34, 2005.

documento de seu tempo, um retrato do período em que se desenvolve a ação. Apesar dos filtros da ficção, a narrativa de Ranulpho Prata permite sim ao pesquisador conferir os acidentes de trabalho, as condições de moradia na cidade, a circulação de bondes, o modo de trabalho na Companhia Docas de Santos, tanto que o livro já foi citado em pesquisas que traçaram a história do porto e de seus trabalhadores.

E aí podemos indicar mais um motivo para que o livro conquiste um espaço mais generoso na história da produção literária nacional: 3) a caracterização do espaço portuário no romance pode ser aprofundada se levarmos em conta as características narrativas e sua relação com a realidade dos personagens. Da resignação católica (componente pessoal do autor) à descrição do momento da nova dúvida (contexto histórico-literário), fica caracterizado em *Navios Iluminados* um enredo de tragédia social – tragédia porque o protagonista não tem condições de mudar seu destino, e social porque é coletivo o destino de José Severino de Jesus.

A resignação e a falta de alternativas se entrelaçam em tragédia social de uma forma mais acentuada se um contraste for realizado entre o tempo da narrativa (dos personagens) e o tempo da escritura (do autor). Esta pesquisa não pôde precisar o período em que o romance foi escrito. Sabemos apenas que Prata mudou-se para Santos com a família em 1927, sendo que não publicava desde 1925. Da chegada à cidade à publicação do romance são 10 anos, durante os quais não temos informações diretas sobre sua redação e composição ¹⁵⁷.

¹⁵⁷ Antes de relatar a defesa pública que Prata fez de Martins Fontes em 1932, Monsenhor Primo Vieira informa que Fontes manifestava o desejo de ler os originais do romance, que Ranulpho Prata “amoitava, ou porque receasse as sugestões gramaticais demasiado exigentes do poeta, ou porque a elaboração da obra não estivesse definitiva” (VIEIRA: 1961-1962, p. 10). Prata e Fontes, continua o autor, ao lado de dois outros médicos, Guilherme Gonçalves e Santos Silva, formavam na Beneficência Portuguesa o que “alguns chamavam de ‘Pequena Academia’”. Já o perfil do autor no site da Academia Sergipana de Letras informa que *Navios Iluminados* foi escrito após 1933. Seção Fundadores. Disponível em: <<http://www.infonet.com.br/asl/fundadores.htm>>. Acesso em 29 set. 2007. A Academia

Já o tempo da narrativa pode ser localizado entre novembro de 1926 (data anunciada no primeiro capítulo) e uma data indefinida entre 1931 e 32. Ao encerrar as desventuras de José Severino de Jesus no máximo em 1932, a narrativa não permite a seus personagens ter acesso a específicas melhorias trabalhistas que garantiriam aos estivadores nos anos seguintes mais segurança, redução dos pesos das cargas e maior poder sobre a atividade, culminando na implantação do sistema de controle da quantidade de mão-de-obra para cada embarque ou desembarque, o *closed shop*.

O ano que marca o início da narrativa, 1926, é exatamente o momento em que a categoria dos estivadores fica sem representação sindical e assim ficaram até o final de 1930 (GITAHY, 1992, p. 108). Como é mostrado em *Navios Iluminados*, naquele período eles eram empregados da Companhia Docas de Santos. Fernando Teixeira da Silva relata como em novembro de 1930 ex-sindicalistas do início da década de 20 fundam o Centro dos Estivadores de Santos (CES) e ali iniciam a luta política que alcançaria o *closed shop*, informalmente, com o apoio de Miguel Costa, secretário de Segurança Pública, e, num segundo momento, por meio de acordo providenciado pela Delegacia Regional de Polícia de Santos em fevereiro de 1931, o qual estipulava que “nenhuma Companhia ou Empresa poderá ter seção especializada de estiva” (SILVA: 2003, p. 194). Em abril de 1933, continua o historiador, novo acordo assinado entre o CES, contratantes da estiva, Centro dos Empreiteiros e Centro de Navegação Transatlântica de Santos, consolida as reivindicações dos estivadores em relação ao controle do emprego da mão-

Sergipana de Letras foi criada em 1º de junho de 1929, com a participação de Ranulpho Prata. A academia substituiria a Hora Literária, instituição recreativa fundada em 01º de abril de 1919. NASCIMENTO, José Anderson. *A Academia Sergipana de Letras*. Disponível em: <http://www.infonet.com.br/asl/apresentacao_down.htm>. Acesso em: 29 set. 2007.

de-obra, além de outras conquistas, como limite de peso para 20 diferentes tipos de mercadorias, medidas de segurança, taxas remunerativas e limite de horas (SILVA, 2003, p. 196)¹⁵⁸. Mas a história de Severino já havia acabado quando tais mudanças começaram a ocorrer.

Talvez esse tenha sido o acerto de Ranulpho Prata: para poder dar corpo ao que se tornaria o “romance da nova dúvida” em 1937, o autor acabou por deslocar a narrativa para o passado recente (1926-32) ao tempo da escritura (1933-37)¹⁵⁹, anterior às conquistas trabalhistas e ao início do processo de construção de identidade de uma forte categoria: os estivadores no porto de Santos¹⁶⁰. Não é o caso de conhecer as intenções do autor, mas de ir além delas e notar que *Navios Iluminados*, mais que um documento histórico é, na expressão de Carlo Ginzburg, um texto “entranhado de história” [GINZBURG: 2007, p. 13]¹⁶¹: a história de sua realização, a história de seus personagens que, cada uma à sua maneira, refletem e iluminam os próprios fatos

¹⁵⁸ O autor se informou sobre o contrato por meio das reportagens publicadas pelo Diário da Manhã em 26, 27 e 28 de abril.

¹⁵⁹ A diferença entre marco temporal da ficção e da publicação do livro é explorada também por Carlo Ginzburg a partir de *O vermelho e o negro*, de Stendhal, publicado em França no mesmo ano da Revolução de 1830. Apesar de em agosto e novembro daquele ano haver indícios (correção de provas e fatos inseridos na narrativa) de que o romance ainda estava sendo escrito (ao menos finalizado), o autor escreveu na Advertência à primeira edição que a obra havia sido escrita em 1827 e, posteriormente, em auto-resenha publicada na revista L'Antologia em 1832, dera como 1829 o período de redação, ambas as datas com o intuito de fazer do romance “uma representação pontual da sociedade francesa sob a Restauração”. Apesar de Stendhal ter manipulado de forma consciente o tempo da escrita em torno do marco histórico e ainda que não se pode verificar as intenções de Ranulpho Prata quanto à periodização do romance, os marcos da história dos trabalhadores do porto de Santos permitem escovar a “contrapelo” a relação entre o tempo da narrativa e a data de publicação do romance. GINZBURG, Carlo. *A áspera verdade – Um desafio de Stendhal aos historiadores*. In: *Op. cit.*, p. 174 *et passim*.

¹⁶⁰ TAVARES (2007) escreve que na década de 30 a imagem da categoria dos estivadores ainda estava em construção. Já Fernando Teixeira da Silva, em sua história dos trabalhadores de Santos, apresenta como nas primeiras três décadas do século XX, principalmente as duas primeiras, a categoria melhor organizada e que mais tinha condições de reivindicações no meio operário era a dos trabalhadores da construção civil, de caráter anarco-sindicalista. É com a ascendência comunista a partir da segunda metade de década de 20 que os estivadores assumem a hegemonia no movimento operário santista.

¹⁶¹ Para tratar as intenções do autor, o historiador italiano prescreve as teses sobre história de Walter Benjamin: “Ler os testemunhos históricos a contrapelo, como Walter Benjamin sugeria, contra as intenções de quem os produziu – embora, naturalmente, deva-se levar em conta essas intenções – significa supor que todo texto inclui elementos incontrolados. Isso vale também para os textos literários que pretendem se constituir numa realidade autônoma. Até neles se insinua algo de opaco, comparável às percepções que o olhar registra sem entender, como o olho impassível de uma máquina fotográfica [...] Essas zonas opacas são alguns dos rastros que um texto (qualquer texto) deixa atrás de si”. In: GINZBURG, Carlo. *Op. cit.*, p. 13.

da história da cidade, do porto e de seus trabalhadores no período anterior às conquistas de melhores condições de trabalho, como um testemunho dos anos da tragédia social.

Ainda que os grandes eventos históricos não tenham importância na narrativa do romance, o contexto social para o qual contribuem é determinante para o destino de seu protagonista e dos demais personagens pelas ruas de Santos e do Macuco, microcosmo que é também uma amostra de parte da população brasileira – pelo menos dos trabalhadores portuários – entre as décadas de 20 e 30 do século passado. O marco temporal do martírio do protagonista é também histórico.

REFERÊNCIAS

Documentos literários:

Ranulpho Prata

PRATA, Ranulpho. **Navios Iluminados**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1937.

_____. **Navios Iluminados**. 2. ed. Prefácio Silveira Bueno. São Paulo: Clube do Livro, 1946.

_____. **Navios Iluminados**. 3. ed. Coleção Contemporânea. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1959.

_____. **Navios Iluminados**. 4. ed. Coleção Brasilis. São Paulo: Scritta; Página Aberta; Prefeitura Municipal de Santos, 1996.

_____. **Vapores Iluminados**: la novela de los obreros marítimos. Tradução e prefácio Benjamín de Garay. Buenos Aires, Argentina: Editorial Claridad, 1940.

_____. **Dentro da vida**. Rio de Janeiro, Abril Editora Ltda: 1922.

_____. **Dentro da vida**. 2. ed. São Paulo: Clube do Livro, 1953.

_____. **O lyrio na torrente**. Rio de Janeiro: Edição do Anuario do Brasil, 1925.

_____. **Lampião**. Rio de Janeiro: Abril Editora Ltda, 1934.

_____. **Lampião**. 2. ed. São Paulo: Traço Editora, s/d.

Literatura de identidade portuária

AMADO, Jorge. **Agonia na Noite**. Tomo II da trilogia **Os subterrâneos da liberdade**. 15 ed. São Paulo: Livraria Martins, 1968.

GONÇALVES, Adelto. **Barcelona Brasileira**. São Paulo: Publisher Brasil, 2002.

_____. **Os vira-latas da madrugada**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.

LEAL, Alberto. **Cais de Santos**. Rio de Janeiro: Cooperativa Cultural Guanabara, 1939.

MARTINS, Alberto. **Cais**. São Paulo: Editora 34, 2002.

_____. **A História dos ossos**. São Paulo: Editora 34, 2005.

PLÍNIO MARCOS. **Uma reportagem maldita (Querô)**. 4. ed. São Paulo: Edição do autor, s/d.

Outros documentos literários

ANDRADE, Narciso de. **Poesia sempre**. Prefácio Lúcia Maria Teixeira Furlani. Introdução Adelto Gonçalves. Santos: Unisanta, 2006.

CLARICE LISPECTOR. **A Hora da Estrela**. Coleção Mestres da Literatura Contemporânea. São Paulo: Record/Altaya, 1996 (1ª edição 1977).

GALVÃO, Patrícia (como Mara Lobo). **Parque Industrial**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006 (1. ed. 1933).

KIPLING, Rudyard. **As Crônicas do Brasil; Brazilian Sketches**. Edição bilíngüe. Tradução Luciana Salgado. São Paulo: Landmark, 2006.

LIMA BARRETO. **Histórias e sonhos**. Coleção Páginas Amarelas. Rio de Janeiro: Editora Expressão e Cultura, 2001 (1. ed. 1920).

_____. *O jornalista*. In: **Contos**. Coleção Grandes Obras. São Paulo: Editora Escala, s/d.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. **Crônicas escolhidas**. São Paulo: Ática, 1994.

MARIO VARGAS LLOSA. **A cidade e os cachorros**. Tradução Samuel Titan Jr. Rio de Janeiro: Objetiva; Alfaguara, 2007.

MENDES ROSA, Roldão. **Poemas do não e da noite**. Seleção e prefácio Narciso de Andrade. São Paulo; Santos: Hucitec; Prefeitura Municipal de Santos, 1991.

PABLO NERUDA. **A BARCAROLA**. Tradução Olga Savary. 2. ed. Porto Alegre: L&PM, 2007.

PLÍNIO MARCOS. **Histórias das quebradas do mundaréu**. 2. ed. São Paulo: Mirian Paglia Editora de Cultura, 2004.

RIBEIRO, Júlio. **A carne**. São Paulo: Editora Saber, 1975 (1. ed. 1888).

RIBEIRO COUTO. **Melhores poemas**. Seleção de José Almino. São Paulo: Global Editora, 2002.

ZOLA, Emile. **Germinal**. São Paulo: Nova cultural, 1996 (1. ed. 1885).

Bibliografia:

Santos

ANDRADE, Wilma Therezinha Fernandes. *O discurso do progresso: a evolução urbana de Santos 1870-1930*. Tese de doutorado em História Social. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1989.

ARAÚJO, Hilda Pereira Prado de; PEREIRA, José Alberto. **Santos: uma história de pioneiros, piratas, revoltas, epidemias, carnaval e futebol**. Santos: Realejo Livros e Edições, 2007.

BERNARDINI, Sidney Piochi. **Os planos da cidade: as políticas de intervenção urbana em Santos – de Estevan Fuertes a Saturnino de Brito (1892-1910)**. São Carlos: Editora RiMa; Fapesp, 2006.

BLUME, Luiz Henrique dos Santos. *O “Porto Maldito”: modernização, epidemias e moradia da população pobre em Santos no final do século XIX*. In: FENELON, Déa Ribeiro (org). **Pesquisa em História 1: Cidades**. São Paulo: Editora Olho d’Água, 1999.

CALDATO, Gino. *Chalé de Madeira – a moradia popular de Santos*. In: BLAY, Eva Alterman e outros. **A luta pelo espaço**. Petrópolis: Vozes, 1979.

DOMINGUES, Marildo Pires. **Médicos literatos de Santos. Esboços biográficos e literários**. Santos: Edição do autor, 1980.

FRANCO, Jaime. **A Beneficência. Memória Histórica da Sociedade de Beneficência e contribuição para a história de Santos**. Santos: edição do autor, 1951.

GITAHY, Maria Lucia Caira. **Ventos do Mar: Trabalhadores do Porto, Movimento Operário e Cultura Urbana em Santos: 1889-1914**. São Paulo: Unesp; Prefeitura Municipal de Santos, 1992.

GONÇALVES, Alcindo. **Lutas e sonhos: cultura política e hegemonia progressista em Santos (1945-1962)**. São Paulo: Unesp; Prefeitura Municipal de Santos, 1995.

GRIEG, Maria Dilecta. **Café: histórico, negócios e elite**. São Paulo: Editora Olho d’Água, s/d.

HONORATO, Cezar. **O polvo e o porto. A Cia Docas de Santos (1888-1914)**. Edição comemorativa do 450º aniversário da elevação de Santos a vila. São Paulo; Santos: Editora Hucitec; Prefeitura Municipal de Santos, 1996.

LANNA, Ana Lúcia Duarte. **Uma cidade na transição. Santos: 1870-1913**. Campinas: Editora Hucitec; Prefeitura Municipal de Santos, 1995.

MARQUES, Nelson Salasar. **Imagens de um mundo submerso (as minhas memórias da cidade de Santos)**. Volume I. Santos: Editora Universitária Leopoldianum, 1995.

_____. **Imagens de um mundo submerso: minhas memórias da cidade de Santos**. Volume II. São Paulo: Editora do Escritor, 2000.

MATOS, Paulo. **Santos libertária: imprensa anarquista e movimento operário na “Barcelona Brasileira” – 1880/1920**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Jornalismo da Faculdade de Comunicação de Santos, sob a orientação do professor Dirceu Fernandes Lopes. Santos: 1983.

MAURI, Carlos Alexandrino e SILVA, Ricardo Marques. **Sombras sobre Santos: o longo caminho de volta**. Santos: Secretaria Municipal de Cultura, 1988.

MUNIZ JR, J. **Organizações e repartições do porto de Santos**. Edição comemorativa dos 180 anos da Abertura dos Portos no Brasil. Santos: Edição do autor, 1988.

RAMOS PESTANA, Sonia Maria. **Santos na obra “Navios Iluminados” de Ranulpho Prata**. Monografia de pós-graduação *lato-sensu* apresentada ao Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Católica de Santos, com orientação da professora Maria Aparecida Franco Pereira. Santos: 1990.

RODRIGUES, José; PASCOAL VAZ, José. **Porto de Santos. Uma Década de Transformações – 1990/1999**. Santos: Núcleo de Pesquisas e Estudos Socioeconômicos da Universidade Santa Cecília, s/d.

SANTOS, Francisco Martins dos. **História de Santos. 1532-1936**. São Paulo: Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais, 1937.

SATURNINO DE BRITO, Francisco Rodrigues. **A Planta de Santos**. Santos: 1915.

SILVA, Fernando Teixeira da. **A carga e a culpa**. São Paulo-Santos: Editora Hucitec e Prefeitura Municipal de Santos, 1995.

_____. **Operários sem patrões. Os trabalhadores da cidade de Santos no entreguerras**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

TAVARES, Rodrigo Rodrigues. **A “Moscouzinha” brasileira: cenários e personagens do cotidiano operário de Santos (1930-1954)**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas; Fapesp, 2007.

_____. **O porto vermelho: a maré revolucionária (1930-1951)**. Módulo IV - Comunistas. Coleção Inventário DEOPS. São Paulo: Arquivo do Estado; Imprensa Oficial, 2001.

Vários autores. **Santos. Café e História**. Santos: Editora Universitária Leopoldianum; Universidade Católica de Santos, 1995.

História e literatura

ADORNO, Theodor W. **Notas de literatura I**. Coleção Espírito Crítico. Tradução Jorge de Almeida. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2003.

AHMAD, Aijaz. **Linhagens do presente: Ensaio**. Tradução Sandra Guardini Vasconcelos. São Paulo: Boitempo, 2002.

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Recife; São Paulo: Editora Massangana; Fundação Joaquim Nabuco-Cortez Editora, 1999.

AUERBACH, Erich. **Ensaio de literatura ocidental**: filologia e crítica. Organização Davi Arrigucci Jr; Samuel Titan Jr. Tradução Samuel Titan Jr; José Marcos Mariani de Macedo. Coleção Espírito Crítico. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2007.

_____. **Mimesis**: a representação da realidade na literatura ocidental. Vários tradutores. 1ª. reimpr. da 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007

BARTHES, Roland. **Mitologias**. Tradução Rita Buongiorno; Pedro de Souza. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.

_____. **Aula**: Aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França pronunciada em 7 de janeiro de 1977. Tradução e posfácio Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Editora Cultrix, 2004.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. Tradução Carlos Felipe Moisés; Ana Maria L. Joriatti. São Paulo: Editora Schwarcz, 1992.

BRODSKI, Joseph. **Menos que um**: Ensaio. Tradução Sergio Flaksman. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BUENO, Luís. **Uma história do romance de 30**. São Paulo: Editora Unicamp; Edusp, 2006.

CANCLINI, Nestor García. **Culturas Híbridas. Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade**. Tradução Ana Regina Lessa; Heloísa Pezza Cintrão. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2000.

CALVINO, Italo. **Seis propostas para o próximo milênio**: lições americanas. Tradução Ivo Barroso. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CANDIDO, Antonio. **Noções de análise histórico-literária**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005

CANDIDO, Antonio *et al.* **A personagem de ficção**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 1981.

CARDOSO, Ciro Flamarion; BRIGNOLI, Héctor Pérez. **Os métodos da história**: introdução aos problemas, métodos e técnicas da história demográfica, econômica e social. Tradução João Maia. 6. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2002.

CARPEAUX, Otto Maria. **Pequena Bibliografia Crítica da Literatura Brasileira**. 3. ed, revista e aumentada. Rio de Janeiro: Editora Letras e Artes, 1964.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano. Volume 1. Artes do fazer**. Tradução Ephraim Ferreira Alves. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

CHALHOUB, Sidney. **Machado de Assis, historiador**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CHARTIER, Roger. **A História cultural, entre práticas e representações**. Tradução Maria Manuela Galhardo. Lisboa, Portugal: Difel, 1988.

CHIAPPINI, Ligia; AGUIAR, Flávio Wolf de (orgs.). **Literatura e História na América Latina**. São Paulo: Edusp, 1993.

ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. **Sobre a literatura: Ensaio**. Tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2003.

FAUSTO, Boris (org). **Fazer a América. A imigração em massa para a América Latina**. São Paulo: Memorial; Edusp; Fundação Alexandre de Gusmão, 2000.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas sinais: morfologia e história**. Tradução de Federico Carotti. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo, companhia das Letras, 2007.

_____. **O queijo e os vermes. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição**. Tradução de Maria Betânia Amoroso. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. **Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. **Relações de força. História, retórica, prova**. Tradução de Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

HARDMAN, Francisco Foot. "Antigos modernistas". In: NOVAES, Adauto (org). **Tempo e História**. Companhia das Letras, s/d.

HERSCHMANN, Micael M.; PEREIRA, Carlos Alberto Messeder (orgs). **A invenção do Brasil Moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20-30**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

HOBBSAWN, Eric J. **Sobre História**. Tradução Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. **A Era dos Extremos. O breve século XX: 1914-1989**. Tradução Marcos Santa Rita. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. **A Era dos Impérios**. Tradução Sieni Maria Campos; Yolanda Steidel de Toledo. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

IGLÉSIAS, Francisco. **História e ideologia**. São Paulo: Perspectiva, 1981.

KOOGAN, Abrahão; HOUAISS, Antônio. **Enciclopédia e Dicionário Ilustrado**. Rio de Janeiro: Edições Delta, 1997.

LAFETÁ, João Luiz. **1930: a crítica e o modernismo**. 2 ed. Coleção Espírito Crítico. São Paulo: Duas Cidades: Editora 34, 2000.

LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre (diretores). **História: novos objetos**. Tradução Terezinha Marinho. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A., 1976.

_____. **História: novos problemas**. Tradução de Theo Santiago. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A., 1976.

LEPETIT, Bernard. **Por uma Nova História Urbana**. Seleção, revisão crítica e apresentação Heliana Angotti Salgueiro. Tradução Cely Arena. São Paulo: Edusp, 2001.

LIMA, Luiz Costa. **História. Ficção. Literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LIMA BARRETO. **Correspondência**. Com prefácio de Antônio Noronha Santos. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956.

_____. **Impressões de leitura**. Crítica. Prefácio M. Cavalcanti Proença. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956.

_____. **Marginalia**. Edição digital da Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>> da Escola do Futuro da Universidade de São Paulo.

MARIÁTEGUI, José Carlos. **Do sonho às coisas: retratos subversivos**. Tradução, organização e introdução de Luiz Bernardo Pericás. São Paulo, Boitempo, 2005.

MASSAUD MOISÉS; PAES, José Paulo (organizadores). **Pequeno dicionário de literatura brasileira**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1983.

MENEZES, Raimundo de. **Dicionário Literário Brasileiro Ilustrado**. Volume IV. São Paulo: Instituto Nacional do Livro; Edições Saraiva, 1969.

MICELI, Sergio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **O mapa e a trama: ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002.

MORETTI, Franco. **Atlas do romance europeu: 1800-1900**. Tradução Sandra Guardini Vasconcelos. São Paulo: Boitempo, 2003.

PINTO, Júlio Pimentel. **A leitura e seus lugares**. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

POLINESIO, Julia Marchetti. **O conto e as classes subalternas**. São Paulo: Annablume Editora, 1994.

SAER, Juan José e PIGLIA, Ricardo. **Diálogos**. Santa Fé, Argentina: Centro de Publicaciones; Universidad Nacional del Litoral, 1995.

SALIBA, Elias Thomé. **Raízes do Riso. A representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SANTIAGO, Silviano. **O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo; Belo Horizonte: Companhia das Letras; Editora UFMG, 2007.

SCHARZ, Roberto (org). **Os Pobres na Literatura Brasileira**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

SERNA, Jorge Ruedas de la (org). **História e literatura: homenagem a Antonio Candido**. São Paulo: Editora Unicamp; Imprensa Oficial SP; Memorial, 2003.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão. Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SILVA, Gerardo; COCCO, Giuseppe (orgs). **Cidades e portos: os espaços da globalização**. Coleção Espaços do Desenvolvimento. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Literatura Brasileira**. 4 ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1964.

STEGAGNO PICCHIO, Luciana. **História da literatura brasileira**. 2. ed., revista e atualizada. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.

TORRESINI, Elizabeth Rochadel. **História e Literatura: ensaios**. Porto Alegre: Litteralis, 2007.

Vários Autores. **Jackson de Figueiredo (1891-1928) – In Memoriam**. Rio de Janeiro: Edição do Centro D. Vital, 1929.

WILLIANS, Raymond. **Cultura y sociedad. 1780-1950. De Coleridge a Orwell**. Tradução Horacio Pons. Buenos Aires, Argentina: Nueva Visión, 2001.

Periódicos:

ABREU, Alzira Alves de; GOMES, Ângela de Castro; Oliveira, Lucia Lippi. *Conversa com Carlo Ginzburg*. **Estudos Históricos**. Vol. 3, nº 6. Rio de Janeiro, 1990, pp. 254-263.

BONVICINO, Régis. *Parque Industrial, pioneiro ousado*. Estado de S. Paulo, 18 mar. 2007. Caderno 2, p. D5.

CARVALHO-NETO, Paulo de. *Um Lugar para Ranulfo Prata*. In: **Revista Interamericana de Bibliografia. Órgano de Estudios Humanísticos** (Inter-American Review of Bibliography. Journal of Humanistic Studies). Vol. XXIV, Nº 1, Enero-Marzo (January-March): Washington, DC. Estados Unidos, 1974, pp. 03-30.

COLOMBO, Sylvia. *O universal particular*. Folha de S. Paulo. São Paulo, 08 jan. 2006. Mais!, p. 8.

FIGUEIRAS, Mauricio Montiel. *Letras mestiças* [Entrevista com Ricardo Piglia]. **Folha de S. Paulo**, 15 jun. 2003. Mais!, pp. 4-7.

LANNA, Ana Lúcia Duarte. *A transformação urbana: Santos 1870-1920*. **Revista USP**. Coordenadoria de Comunicação Social. São Paulo, n. 1, mar/mai 1989, pp. 98-111, 1989.

SILVA, Maurício. *O cruel realismo do cais do porto*. **Leopoldianum**. Vol. XX, nº 56. Santos: Editora Leopoldianum, s/d.

VIEIRA, Monsenhor Primo. *Ranulpho Prata, quase esquecido*. In: **Revista da Universidade Católica de São Paulo**. Volume XXIII – Dezembro de 1961 – Março de 1962 – Fascículos 40-41. Páginas 21-49.

Outros:

COMPANHIA DOCAS DE SANTOS. **Legislação Relativa ao Porto de Santos. 1938-1942**. Volume II. Compilação A. Moreira Filho. Rio de Janeiro: Baptista & Cia Editores, 1943.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Município de Santos. Área, população e posição**. s/l: IBGE, 1949.

MINISTÉRIO DA AVIAÇÃO E OBRAS PÚBLICAS. **Portos do Brasil. Lei, decretos, contractos e mais actos officiaes sobre os portos do Brasil, com anotações e noticia resumida dos estudos, projectos, concessões e obras de melhoramentos nelles executados de 1905 a 1911**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1912.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTOS. **Recenseamento da Cidade e Município de Santos em 31 de dezembro de 1913**. Santos: 1914.

Relatório apresentado em 17 de fevereiro de 1936 ao Conselho Geral da Irmandade da Santa Casa da Misericórdia de Santos, pelo provedor da entidade, coronel Evaristo Machado Netto. Tipografia do Instituto D^a Escolástica Rosa.

Revista Flamma. Ano XVI, nº 01, janeiro de 1937.

Arquivos consultados:

Academia Santista de Letras

A Tribuna

Biblioteca da Associação Humanitária dos Empregados do Comércio de Santos

Biblioteca da Companhia Docas do Estado de São Paulo

Biblioteca da Universidade Católica de Santos

Biblioteca do Instituto de Estudos Brasileiros

Biblioteca do Instituto Histórico e Geográfico de Santos

Biblioteca Municipal de Cubatão

Biblioteca Nacional

Centro de Documentação da Baixada Santista da Universidade Católica de Santos

Hemeroteca Municipal de Santos

Mapoteca da Biblioteca de Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Arquivos on line:

Academia Sergipana de Letras <<http://www.infonet.com.br/asl>>

Biblioteca Argentina para Cegos <<http://www.bac.org.ar>>

Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>>

100 anos dos canais <<http://www.canaisdesantos.com.br>>

Centro de Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas <<http://www.cpdoc.fgv.br>>.

Novo Milênio <www.novomilenio.inf.br>

PortoGente <www.portogente.com.br>